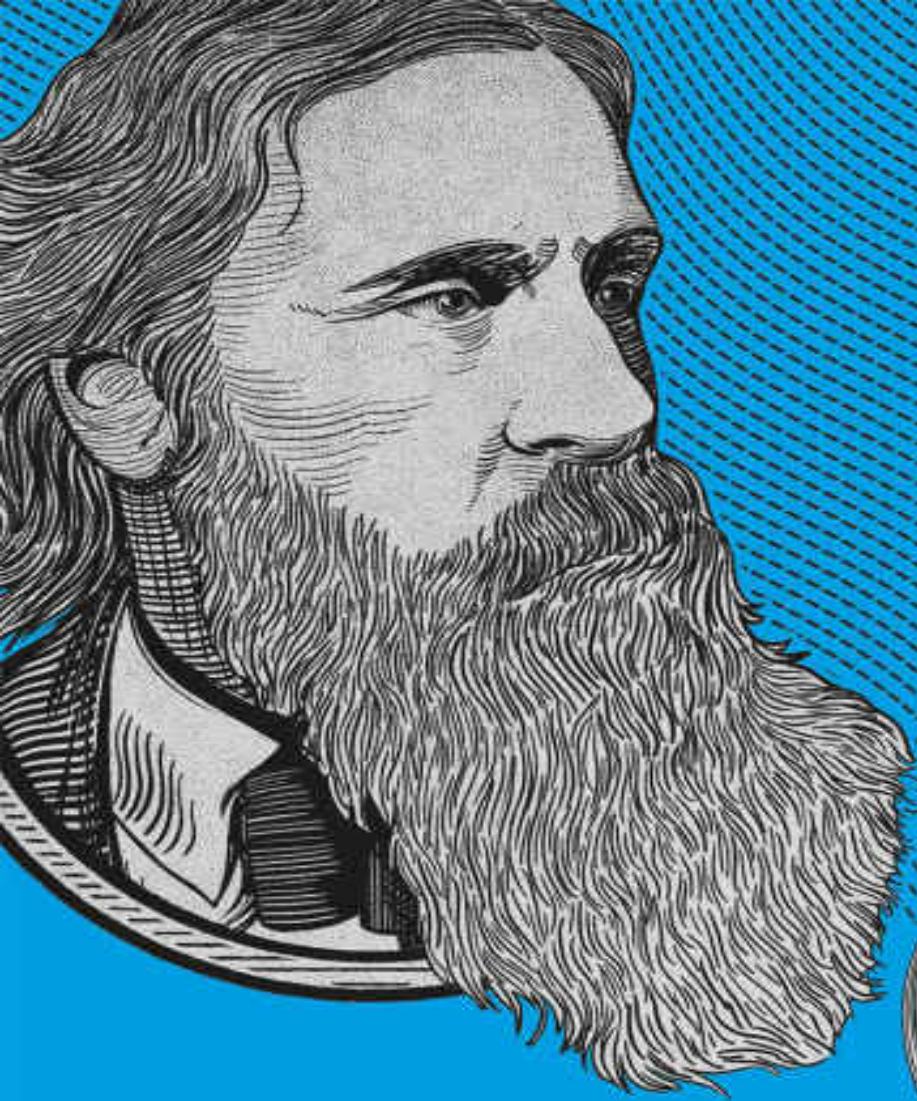




George *MacDonald*

C.S. LEWIS

Edição especial



THOMAS NELSON
BRASIL



George *MacDonald*

Uma antologia – 365 reflexões

C.S. LEWIS

Edição *especial*



THOMAS NELSON
BRASIL®

Título original: *George MacDonald: An Anthology*

Copyright © 1946 by C. S. Lewis Pte. Ltd. Todos os direitos reservados.

Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Vida Melhor Editora LTDA., 2021.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher	<i>Samuel Coto</i>
Editores	<i>André Lodos Tangerino e Bruna Gomes</i>
Tradutor	<i>Carlos Caldas</i>
Preparação	<i>Hugo Reis</i>
Revisão	<i>Davi Freitas e Francine Torres</i>
Diagramação	<i>Sonia Peticov</i>
Capa	<i>Rafael Brum</i>
Conversão para ePub	<i>SCALT Soluções Editoriais</i>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L651g

Lewis, C. S.

George MacDonald: uma antologia / C. S. Lewis; tradução de
Carlos Caldas. — 1.ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

Bibliografia.

Tradução de: *George MacDonald*

ISBN 978-65-56891-14-9

1. Devoção a Deus. 2. Pensamentos. 3. Reflexões. 4. Religião. 5. Vida
cristã. I. Caldas, Carlos. II. Título.

11-2020/77

CDD: 248.4

CDU: 2-42

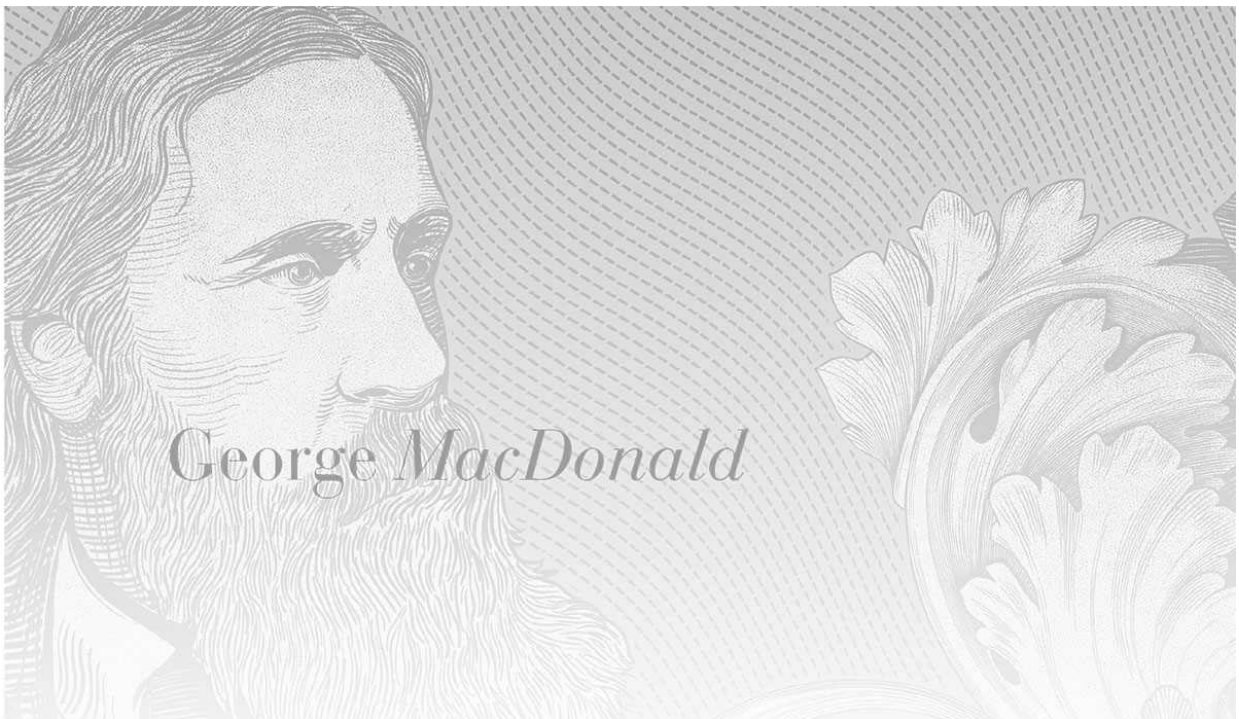
Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã: Devoção a Deus
2. Religião: Pensamentos: Reflexões

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benítez CRB-1/3129

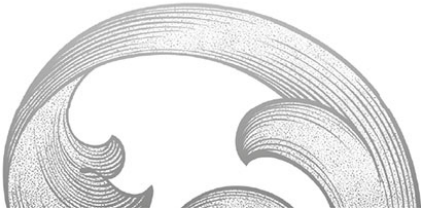
Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.
Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro
Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005
Tel.: (21) 3175-1030
www.thomasnelson.com.br



Clive Staples Lewis (1898-1963) foi um dos gigantes intelectuais do século XX e provavelmente o escritor mais influente de seu tempo. Era professor e tutor de literatura inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de 30 livros que lhe permitiram alcançar um vasto público, e suas obras continuam a atrair milhares de novos leitores a cada ano.

Para Mary Neylan





SUMÁRIO

Prefácio

- 1 | Aridez
- 2 | Amor inexorável
- 3 | Fogo divino
- 4 | O princípio da sabedoria
- 5 | O despertado
- 6 | Sinai
- 7 | Não
- 8 | A lei da Natureza
- 9 | É impossível fugir
- 10 | A palavra
- 11 | Conheci uma criança
- 12 | Assassinato espiritual
- 13 | Impossibilidades
- 14 | A verdade é a verdade
- 15 | A pedra branca (Apocalipse 2:17)
- 16 | Personalidade
- 17 | O segredo no homem
- 18 | Os segredos em Deus
- 19 | Sem massificação
- 20 | Sem comparação
- 21 | O fim
- 22 | Traça e ferrugem
- 23 | Cavernas e imagens
- 24 | Vários tipos de traça

25 | Escrituras Sagradas
26 | Ordena que estas pedras se transformem em pão
27 | Sentimento religioso
28 | Aridez
29 | Presunção
30 | O conhecimento de Deus
31 | A Paixão
32 | Eli, Eli
33 | O mesmo
34 | Desolação vicária
35 | Cristãos rastejantes
36 | Aridez
37 | A utilidade da aridez
38 | A mais elevada condição da vontade humana
39 | Alma perturbada
40 | Momento perigoso
41 | Está consumado
42 | Membros uns dos outros
43 | Originalidade
44 | A lei moral
45 | O mesmo
46 | Para cima em direção ao centro
47 | Ninguém ama por conhecer a razão de amar
48 | Meu próximo
49 | O mesmo
50 | O que não pode ser amado
51 | Amor e justiça
52 | O corpo
53 | Bondade
54 | A desconsideração de Cristo
55 | Fácil de agradar e difícil de satisfazer
56 | A Lei Moral
57 | Servidão
58 | O jovem rico (Mateus 19:16-22)
59 | Lei e Espírito
60 | Nossa menoridade
61 | Conhecimento
62 | Vivendo para sempre
63 | Sede perfeitos
64 | Conforto mortal
65 | O mesmo

66 | Quão difícil?
67 | Coisas
68 | Posses
69 | O tormento da morte
70 | A utilidade da morte
71 | Não apenas os ricos
72 | Pensamento temeroso
73 | Milagres
74 | O presente sagrado
75 | Previsão
76 | Não apenas os ricos
77 | Preocupação
78 | O presente sagrado
79 | Céu
80 | Bases movediças
81 | Exagero
82 | Serviços domésticos
83 | Preocupações
84 | Deus à porta
85 | Dificuldades
86 | Vigilância vã
87 | Incompletude
88 | Oração
89 | Conhecimento que seria inútil
90 | Oração
91 | Por que isto seria necessário?
92 | As condições de uma boa dádiva
93 | Falsa espiritualidade
94 | Pequenas orações
95 | Riquezas e necessidade
96 | Providência
97 | Liberdade divina
98 | Providência
99 | Os milagres de nosso Senhor
100 | “Eles não têm mais vinho” (João 2:3)
101 | Oração intercessória
102 | A revolta eterna
103 | Eles dizem que isto lhes faz bem
104 | Oração aperfeiçoada
105 | Concessão corretiva
106 | Por que devemos esperar

107 | A vingança de Deus
108 | O caminho do entendimento
109 | Cegueira penal
110 | O mesmo
111 | Entra em acordo sem demora com teu adversário
112 | O inexorável
113 | Cristo, justiça nossa
114 | Concorde rapidamente
115 | Deveres para com o inimigo
116 | A prisão
117 | Não é bom estar só
118 | Sede perfeitos
119 | O coração
120 | Culpa preciosa
121 | O mesmo
122 | Homem glorificado
123 | Vida no mundo
124 | O ofício de Cristo
125 | A lentidão da nova criação
126 | A nova criação
127 | Pessimismo
128 | A obra do Pai
129 | O fim
130 | Impasse
131 | As duas piores heresias
132 | Crescimento cristão
133 | Vida e sombra
134 | Falso refúgio
135 | Uma compreensão boba
136 | Aridez
137 | Perseverança
138 | Formas inferiores
139 | Vida
140 | O círculo eterno
141 | A grande única vida
142 | O princípio da sabedoria
143 | “Paz em nosso tempo”
144 | Fogo divino
145 | O lugar seguro
146 | Deus e a morte
147 | Terror

148 | Desejo falso
149 | O direito de um homem
150 | Natureza
151 | O mesmo
152 | Dúvida
153 | Jó
154 | A conclusão do Livro de Jó
155 | O caminho
156 | Autocontrole
157 | Autonegação
158 | Matando o nervo
159 | O eu
160 | Meu jugo é suave
161 | Devemos ser ciumentos
162 | Encarando ambos os caminhos
163 | A alma descuidada
164 | Não há mérito nisto
165 | Fé
166 | O equivocado
167 | O caminho
168 | A primeira e a segunda pessoa
169 | Advertência
170 | Criação
171 | O incognoscível
172 | Advertência
173 | As duas primeiras pessoas
174 | A imitação de Cristo
175 | Dor e alegria
176 | “Por ele todas as coisas subsistem”
177 | “A vida estava nele”
178 | Porque não temos a “Ipsissima Verba” de Cristo
179 | Advertência
180 | Sobre a arte religiosa de má qualidade
181 | Como ler as Epístolas
182 | A entrada de Cristo
183 | O mesmo
184 | Os usos da natureza
185 | Ciências da natureza
186 | O valor da análise
187 | Natureza
188 | Água

189 | A verdade das coisas
190 | Cautela
191 | Deveres
192 | Porque o livre-arbítrio foi permitido
193 | Morte eterna
194 | A redenção da nossa natureza
195 | Não há mistério
196 | A verdade viva
197 | Semelhança com Cristo
198 | Graça e liberdade
199 | Liberdade gloriosa
200 | Não há meio termo
201 | Sobre ter o próprio caminho
202 | A morte de Cristo
203 | Inferno
204 | A mentira
205 | O temor do autor
206 | Sinceridade
207 | Primeiras coisas primeiro
208 | Amor inexorável
209 | Salvação
210 | Caridade e ortodoxia
211 | Evasão
212 | Amor inexorável
213 | O Espírito Santo
214 | O sentido do pecado
215 | Teologias medíocres
216 | Quanto a pensar mal a respeito de Deus
217 | Condenação
218 | Desculpas
219 | Impossibilidades
220 | Desobediência
221 | O mesmo
222 | O Deus da lembrança
223 | Luto
224 | A fé de Abraão
225 | O mesmo
226 | Percepção dos deveres
227 | Justiça da fé
228 | O mesmo
229 | Imputado para nossa justiça

230 | A fé do apóstolo Paulo
231 | O cristão maduro
232 | Revelado aos bebezinhos
233 | Resposta
234 | Conhecimento inútil
235 | A arte de ser criado
236 | Quando não o encontramos
237 | Oração
238 | Sobre as críticas de alguém
239 | Livre-arbítrio
240 | Sobre conversas fúteis
241 | Será que amamos a luz?
242 | Vergonha
243 | O despertar
244 | O despertar dos ricos
245 | Autoengano
246 | Advertência
247 | A lenta descida
248 | Justiça e vingança
249 | Reconhecimento de agora em diante
250 | Desde Dante
251 | O que Deus quer dizer por “bom”
252 | Todas as coisas vêm de Deus
253 | Ser absoluto
254 | Animais
255 | Diversidade de almas
256 | O iludido
257 | Mal
258 | A perda da sombra
259 | Amor
260 | Da primavera ao verão
261 | A porta para a vida
262 | Uma religião solitária
263 | Amor
264 | Um falso método
265 | Assimilação
266 | Procurando
267 | Progresso
268 | Providência
269 | Simplicidade
270 | Perdão

271 | Visitantes
272 | Prosa
273 | Integridade
274 | Contentamento
275 | Pesquisa paranormal
276 | O apagamento
277 | A respeito de um capítulo em Isaías
278 | Providência
279 | Não tem outro jeito
280 | Morte
281 | Critério de uma visão verdadeira
282 | Uma razão para o sexo
283 | Obra fácil
284 | Lebensraum
285 | Natureza
286 | Para os pais
287 | Entesouramento
288 | Hoje e ontem
289 | Ilusão obstinada
290 | Posses
291 | Perdido nas montanhas
292 | O nascimento da perseguição
293 | Morte diária
294 | Quanto à obrigação para consigo mesmo
295 | Uma teoria do sono
296 | Ociosidade sagrada
297 | A desgraça moderna
298 | Imortalidade
299 | Oração
300 | O eu
301 | Visões
302 | A alma descuidada
303 | Um jardim antigo
304 | Experiência
305 | Dificuldades
306 | Uma palavra difícil
307 | Truísmos
308 | Quanto a pedir conselhos
309 | Não deixar nenhum resto
310 | Silêncio perante o juiz
311 | Nada é tão mortal

312 | Girar e completar
313 | Imortalidade
314 | O eterno agora
315 | Os silêncios abaixo
316 | Dependência do álcool
317 | Lembrete
318 | Coisas raras e comuns
319 | Gargalhada sagrada
320 | O eu
321 | Ou isto, ou aquilo
322 | Oração
323 | Uma consciência pesada
324 | Dinheiro
325 | Esfregando a cela
326 | O mistério do mal
327 | Prudência
328 | Competição
329 | Método
330 | Prudência
331 | Como se tornar um tonto
332 | Amor
333 | O arrependimento do pregador
334 | Ações
335 | Oração
336 | A casa não é para mim
337 | Acumulação
338 | A primeira tarefa do dia
339 | Ilusão obstinada
340 | Regras de conversa
341 | Uma forma negligenciada de justiça
342 | Bem
343 | Não farás para ti imagem de escultura
344 | Como se tornar um tonto
345 | Nossa insolvência
346 | Que pena!
347 | Sobre o método
348 | Desejando
349 | Temor
350 | A raiz de toda rebelião
351 | Duas jovens tolas
352 | Hospitalidade

353		Tédio
354		Calculando o custo
355		Realismo
356		Avareza
357		Armadilha para pegar lagosta
358		A primeira visita
359		Lembrete
360		O caminho errado com a ansiedade
361		Impasse
362		Solidão
363		Morte
364		O mistério do mal
365		O último recurso

Fontes

Bibliografia





Tudo o que sei sobre George MacDonald aprendi em suas próprias obras ou na biografia, *George MacDonald and his Wife* [George MacDonald e sua esposa], que seu filho, dr. Greville MacDonald, publicou em 1924. Tampouco conversei, exceto uma única vez, com alguém que o tenha conhecido. Portanto, quanto aos poucos fatos que vou mencionar, sou inteiramente dependente do dr. MacDonald.

Aprendemos com Freud e outros sobre as distorções de caráter e os equívocos de pensamento resultantes de antigos conflitos de um homem com seu pai. De longe, a coisa mais importante que podemos saber sobre George MacDonald é que toda a sua vida ilustra o processo oposto. Um relacionamento quase perfeito com seu pai constituía a raiz terrena de toda a sua sabedoria. George afirmou que aprendeu de seu próprio pai, em primeiro lugar, que a paternidade deve estar no âmago do universo. Portanto, ele foi preparado de uma forma incomum para ensinar aquela religião na qual a relação entre o Pai e o Filho, de todas, é a mais central.

Seu pai parece ter sido um homem notável — alguém inflexível, terno e bem-humorado, tudo ao mesmo tempo, ao antigo estilo do cristianismo escocês. Esse homem teve sua perna amputada um

pouco acima do joelho, em dias que antecederam o advento do clorofórmio, recusando-se a ingerir a usual dose de uísque, sendo que, apenas por um instante, quando a faca primeiro transfixou a carne, virou o rosto e emitiu um débil e sibilante gemido. Com uma piada fantástica sobre si mesmo, o pai de George conseguiu abrandar uma horripilante revolta na qual ele estava quase sendo queimado. Ele proibiu seu filho de tocar uma sela antes de aprender a cavalgar bem sem ela. Ainda o aconselhou a “desistir do infrutífero jogo da poesia”. Igualmente, solicitou e obteve a promessa do filho de renunciar ao tabaco com a idade de vinte e três anos. Por outro lado, opôs-se à prática de atirar em aves pela crueldade do ato e, em geral, demonstrou uma ternura pelos animais pouco usual entre os fazendeiros de sua época. O filho relata que, quando jovem e adulto, o pai jamais lhe pediu algo sem obter o que solicitara. Sem dúvida, isso muito nos revela sobre o caráter tanto do pai quanto do filho. “Quem busca o Pai mais do que qualquer coisa que possa receber provavelmente recebe o que solicita, pois é improvável que peça mal.” A máxima teológica possui raízes nas experiências da infância do autor. Isso é o que pode ser chamado de “dilema antifreudiano” em ação.

A família de George (exceto seu pai, provavelmente) era, claro, calvinista. Do lado intelectual, sua história é, em grande parte, uma história de fuga da teologia na qual foi educado. Histórias de tal emancipação eram comuns no século XIX, porém a de George MacDonald pertence a esse padrão familiar apenas com uma distinção. Na maioria das histórias, a pessoa emancipada, não contente em repudiar as doutrinas, passa também a odiar os seus ancestrais e até mesmo toda a cultura e a maneira de vida a eles associadas. Portanto, obras como *The Way of All Flesh*¹ [O destino de toda carne] vieram a ser escritas, e gerações posteriores, se não engolem toda a sátira como história, pelo menos perdoam o autor

pela compreensível parcialidade que alguém, nas mesmas circunstâncias que ele, dificilmente conseguiria evitar. No entanto, não encontramos qualquer vestígio de tal ressentimento nas obras de MacDonald e tampouco somos nós que temos de encontrar circunstâncias atenuantes para seu ponto de vista. Pelo contrário, ele mesmo, no próprio centro de sua revolta intelectual, é que nos força a ver ou não elementos de real e, talvez, insubstituível valia naquilo contra o que ele se rebela.

Durante toda a sua vida George permaneceu fiel ao seu amor pela rocha da qual foi talhado. O melhor de seus romances nos transporta de volta àquele mundo “rural” de granito e charco, de campos de branqueamento ao lado de riachos que parecem fluir não com água, mas com um líquido mais consistente. Leva-nos também aos sons monótonos do maquinário de madeira, aos bolos de aveia, ao leite, ao orgulho, à pobreza e ao amor passionai do aprendizado obtido a duras penas. Seus personagens principais são os que revelam o quanto o amor real e a sabedoria espiritual podem coexistir com a declaração de uma teologia que não parece encorajar nenhum dos dois. Sua própria avó, uma velha senhora verdadeiramente terrível, capaz de queimar o violino de seu tio como se fora uma armadilha satânica, poderia muito bem ter lhe parecido como o que é agora (imprecisamente) chamado de “uma simples sádica”. Não obstante, quando algo muito parecido com ela é delineado em *Robert Falconer*² e novamente em *What's Mine's Mine* [O que é meu é meu], somos compelidos a olhar com mais profundidade — para ver, no interior da crosta repelente, algo de que possamos nos compadecer de todo o coração e até mesmo respeitar com reservas. Dessa forma, MacDonald ilustra não a duvidosa máxima de que conhecer tudo é perdoar tudo, mas a inabalável verdade de que perdoar é conhecer. Quem ama vê.

George nasceu no ano de 1824, em Huntly, Aber-deenshire,

entrando para o King's College, em Aberdeen, com a idade de dezesseis anos. Em 1842, ele passou alguns meses no Norte da Escócia, catalogando a biblioteca de uma grande casa que jamais foi identificada. Menciono esse fato porque tal experiência causou uma duradoura impressão no jovem MacDonald. Vista principalmente da biblioteca e sempre através dos olhos de um estrangeiro ou subordinado (o sr. Vane, em *Lilith*, jamais parece estar em casa mesmo na biblioteca que é chamada de sua), a imagem de uma grande casa assombra os seus livros. Assim sendo, é razoável supor-se que “a grande casa no Norte” tenha sido o cenário de alguma importante crise ou evolução em sua vida. Talvez tenha sido lá que George primeiro veio a ser influenciado pelo Romantismo germânico.

Em 1850, George recebeu o que é tecnicamente conhecido como um “chamado” para se tornar o ministro de uma dissidente capela em Arundel. Por volta de 1852, ele estava em apuros com os “diáconos”, por heresia, sob a acusação de que teria expressado a crença em um estado futuro de provação para os pagãos e estaria maculado com a teologia germânica. Para se livrarem dele, os diáconos adotaram um método indireto, rebaixando seu salário — que somava cento e cinquenta libras ao ano, estando ele já casado — na esperança de que isso o levaria a renunciar. No entanto, eles subestimaram o homem. MacDonald simplesmente respondeu que a notícia era ruim o suficiente, mas que ele iria tentar viver com menos. E, por algum tempo, ele assim prosseguiu, sendo auxiliado pelas ofertas dos paroquianos mais pobres, que não compartilhavam da visão dos diáconos mais prósperos. Em 1853, no entanto, a situação tornou-se insustentável. Ele, por fim, renunciou, abraçando a carreira de palestrante, educador, pregador ocasional e escritor, além de “bicos”, os quais foram a sua sina quase até o fim. George faleceu em 1905.

Seus pulmões adoeceram, e sua pobreza tornou-se extrema. A total inanição foi, algumas vezes, impedida apenas por aquelas salvaçãoes de última hora que os agnósticos atribuem à sorte, e os cristãos, à Providência. É contra esse histórico de reiterados fracassos e incessantes perigos que alguns de seus textos podem ser lidos com maior proveito. Suas resolutas condenações à ansiedade vêm de alguém que adquiriu o direito de falar; tampouco o tom delas encoraja a teoria de que devem algo ao pensamento patológico de desejo — a *spes phthisica*³ — dos tuberculosos. Não há nenhuma evidência a sugerir tal caráter. Sua paz de espírito não vinha da construção do futuro, mas de descansar no que ele chamava de “o presente santo”. Sua resignação com respeito à pobreza encontrava-se no extremo oposto daquela dos estoicos. Ele parece ter sido um homem radiante e brincalhão, dotado de profunda apreciação por todas as coisas realmente bonitas e deliciosas que o dinheiro pode comprar e não menos satisfeito em viver sem elas. Talvez seja significativo e, certamente, tocante o fato de sua principal fraqueza ter sido um elevado amor pela elegância; por toda a sua vida, George foi tão hospitaleiro como somente os pobres podem ser.

Se definirmos a literatura como uma arte cujo meio são as palavras, então, certamente, MacDonald não tem lugar na primeira fila, quiçá nem mesmo na segunda. De fato, há passagens em que a sabedoria e (ousarei chamar de) a santidade em seu interior triunfam sobre, e até mesmo pulverizam, os elementos mais básicos em seu estilo: a expressão torna-se precisa, convincente, econômica, adquirindo um aspecto cortante. Porém ele não mantém esse nível por muito tempo. A textura de sua escrita é indistinta como um todo e, por vezes, hesitante. Tradições ruins de pregação também estão presentes; há, algumas vezes, uma verbosidade não conformista, em outras, uma velha fraqueza escocesa por floreios (isso corre entre eles, de Dunbar⁴ a *Waverly Novels* [Os romances Waverly]),⁵ ainda

em outras, uma excessiva doçura extraída de Novalis.⁶ Porém isso não o descarta aos olhos do crítico literário. O que ele faz de melhor é a fantasia — fantasia que flutua entre a alegoria e o mitopeico. E isso, em minha opinião, George realiza melhor que qualquer outro. O problema crítico com o qual somos confrontados é se esta arte — a arte de criar mitos — constitui uma espécie de arte literária. A objeção de assim classificá-la é que o mito não existe essencialmente em *palavras*, afinal. Todos nós concordamos que a história de Balder⁷ é um grande mito, algo de valor inesgotável. Mas qual versão, que palavras temos em mente quando proferimos isso?

De minha própria parte, a resposta é que não estou pensando nas palavras de ninguém. Nenhum poeta, pelo que conheço ou recordo, contou essa história de forma suprema. Eu não estou pensando em nenhuma versão em particular. Se a história é, em algum lugar, personificada em palavras, isso é quase um acidente. O que realmente me delicia e alimenta é um padrão particular de eventos que me deliciaria e alimentaria da mesma forma se houvesse chegado até mim por algum meio que não envolvesse palavra alguma — uma mímica ou filme mudo. E descubro que isso é verdade no tocante a todas essas histórias. Quando penso na história dos argonautas e a louvo, não estou louvando Apolônio Ródio⁸ (o qual nunca terminei), tampouco Kingsley⁹ (a quem esqueci), nem mesmo Morris,¹⁰ embora considere a sua versão um poema deveras agradável. A respeito disso, as histórias do tipo mítico encontram-se no polo oposto ao da poesia lírica. Ao tentar considerar o “tema” de *Ode a um rouxinol*, de Keats,¹¹ separado das próprias palavras com as quais o autor personificou a sua obra, você descobrirá estar falando sobre quase nada. Forma e conteúdo podem ser lá separados apenas por uma falsa abstração. Porém, no caso de um mito — em uma história em que o mero padrão de eventos é tudo o que interessa —, as coisas não são assim.

Qualquer meio de comunicação que seja bem-sucedido em alojar os eventos em nossa imaginação consegue, como dizemos, “realizar o truque”. Depois disso, você pode jogar fora o meio de comunicação. Na verdade, se o meio de comunicação são palavras, é desejável que sejam bem escolhidas, assim como é desejável que uma carta, ao trazer-lhe notícias importantes, seja adequadamente escrita. Contudo esse é um inconveniente menor, pois a carta acabará, de qualquer modo, dentro de um cesto de lixo tão logo você tome conhecimento de seu conteúdo, e as palavras (aquelas que Lemprière¹² teria escrito) estarão fadadas a ser esquecidas, assim que você se apoderar do mito. Na poesia, as palavras constituem o corpo, enquanto o “tema” ou “conteúdo” constitui a alma. Porém, no mito, os eventos imaginados constituem o corpo, e algo inexpressível é a alma: as palavras, ou mímica, ou filme, ou série ilustrada nem mesmo são roupas — não são muito mais que um telefone. Tive evidência disso quando, há alguns anos, ouvi pela primeira vez a história do *Castelo*, de Kafka, narrada em conversação e, mais tarde, li o livro. A leitura nada me acrescentou, pois já havia recebido o mito, que era tudo o que importava.

A maioria dos mitos foi criada em tempos pré-históricos e, suponho, não de modo consciente pelos indivíduos. Porém, de quando em quando, surge no mundo moderno um gênio — um Kafka ou um Novalis — capaz de realizar tal proeza. MacDonald é o maior gênio desse tipo que eu conheço, mas não sei como classificar tal genialidade. Chamá-lo de gênio literário não parece satisfatório, uma vez que isso pode coexistir com grande inferioridade na arte das palavras, já que sua conexão com elas é meramente externa e, de certo modo, acidental. Tampouco pode ser enquadrado em qualquer uma das outras artes. Começa a parecer que há uma arte, ou um dom, que a crítica ignora completamente. Pode mesmo ser uma das mais nobres artes, pois produz obras que nos propiciam, no primeiro

contato, tanto deleite e, no contato mais prolongado, tanta sabedoria e força quanto as obras dos maiores poetas. De certo modo, é mais semelhante à música que à poesia ou, pelo menos, à maioria delas. Vai além da expressão de coisas que sentimos, suscitando em nós sensações que jamais experimentamos e nunca imaginamos ter antes, como se tivéssemos rompido nosso modo normal de consciência e “possuíssemos alegrias não prometidas em nosso nascimento”. Isso penetra a nossa pele, nos atinge em um nível mais profundo que nossos pensamentos ou mesmo as nossas paixões, abalando as mais velhas certezas até que todas as questões sejam reabertas, e, em geral, nos deixa mais conscientes do que na maior parte de nossa vida.

Foi nessa arte mitopeica que MacDonald distinguiu-se. As grandes obras são *Phantastes*, os livros *Curdie*, *The Golden Key* [A chave dourada], *The Wise Woman* [A mulher sábia] e *Lilith*. Deles, simplesmente pelo fato de que são supremamente bons em seu estilo, há pouco a ser extraído. O significado, a sugestão, o resplendor, estão encarnados no todo da história: é só por acaso que você descobre méritos destacáveis. Os romances, por outro lado, permitiram-me uma rica colheita. Isso não quer dizer que sejam bons romances. A necessidade fez de MacDonald um romancista, e poucos dos seus romances são bons, e nenhum é muito bom. Eles são melhores quando se distanciam dos cânones da escrita de romances, e isto em duas direções. Algumas vezes eles se distanciam para se aproximar da fantasia, como é o caso do personagem do herói em *Sir Gibbie* ou nos capítulos de abertura de *Wilfred Cumbermede*. Algumas vezes eles divergem para pregações longas e diretas, o que seria intolerável se alguém estivesse lendo uma história, mas na verdade essas digressões são bem-vindas porque seu autor era fraco como romancista mas supremo como pregador. Algumas de suas melhores coisas estão, portanto,

escondidas nos seus livros mais enfadonhos: minha tarefa neste caso tem sido quase que de exumação. Até o momento estou falando dos romances como acho que eles vão parecer se julgados por qualquer padrão objetivo racional. Mas sem dúvida é verdade que qualquer leitor que ama a santidade e ama MacDonald — esse leitor talvez terá de amar a Escócia também — poderá encontrar na pior parte desses romances algo que desarme a crítica e encontrará um encanto estranho e esquisito em suas falhas (mas é isso o que acontece, claro, com todos os autores favoritos). Há que se admitir um raro mérito nesses romances. Os personagens bons são sempre os melhores e mais convincentes. Os santos dos romances de MacDonald vivem, os vilões são excessivamente dramáticos. E, tal como eu disse, esta coleção foi pensada não para reviver a reputação literária de MacDonald, mas sim para disseminar seu ensino religioso. Daí que a maior parte do que extraí foi retirada dos três volumes dos *Unspoken Sermons* [Sermões inéditos]. Minha dívida para com esse livro é quase tão grande quanto a que um homem pode ter para com outro, e quase todos os pesquisadores sérios aos quais eu o apresentei reconheceram que o livro lhes foi muito útil — algumas vezes, uma ajuda indispensável para a própria aceitação da fé cristã.

Não vou tentar fazer qualquer classificação histórica ou teológica do pensamento de MacDonald primeiramente porque não tenho erudição para fazer isso, e, mais que isso, porque não sou apreciador desse tipo de compartimentalizações. Uma maneira muito eficiente de silenciar a voz da consciência é impor um “ismo” ao mestre através de quem ela fala: a trombeta não perturba mais nosso descanso quando murmuramos “tomista”, “barthiano” ou “existencialista”. E em MacDonald é sempre a voz da consciência que fala. Ele se dirige à vontade: é incessante a necessidade da obediência, de algo “que precisa ser *feito*, nem mais nem menos”. E

nessa voz da consciência todas as demais faculdades falam de igual maneira — intelecto e imaginação, humor, refinamento e todos os afetos, e nenhum outro homem nos tempos modernos foi tão consciente da distinção entre Lei e Evangelho, do inevitável fracasso da mera moralidade. A filiação divina é o conceito-chave que une todos os diferentes elementos do seu pensamento. Não ousou dizer que ele nunca errou; mas, falando francamente, não conheço outro autor que parece estar mais próximo, ou mais continuamente próximo, do Espírito de Cristo. Vem daí a união cristológica de ternura e severidade de MacDonald. Em nenhum lugar fora do Novo Testamento encontrei terror e conforto tão interligados. O título “Amor inexorável” que dei a vários excertos serviria para todo o livro. Inexorabilidade — mas nunca a inexorabilidade de qualquer coisa menor que o amor — percorre toda a coleção como um refrão; “fugir é inútil” — “entre em acordo rapidamente com o teu adversário” — “uma ânsia por detrás” — “até o último centavo será exigido”. E essa urgência nunca se torna estridente. Todos os sermões são impregnados de um espírito de amor e maravilhamento que os impedem de sê-lo. MacDonald apresenta um Deus ameaçador, mas que (como Jeremy Taylor diz) “ameaça coisas terríveis se nós não ficarmos felizes”. Em muitos sentidos, o pensamento de MacDonald tem, em alto grau, aquelas excelências que ultrapassam as expectativas de seu tempo e de sua história pessoal. Um romântico, fugindo de uma teologia intelectual árida, poderia facilmente ser traído por valorizar a simples emoção e a “experiência religiosa”, elevando-as sobremaneira; mas, de fato, poucos escritores do século XIX são mais firmemente católicos ao relegar o sentimento ao seu lugar apropriado (veja os números 1, 27-28, 37, 39, 351.) Toda a sua filosofia da natureza (veja os números 52, 67, 150-151, 184-185, 187-189, 285) com sua insistência resoluta no concreto, deve pouco ao pensamento de uma época que flutuava entre o mecanicismo e o

idealismo; ele evidentemente estaria mais à vontade com o professor Whitehead do que com Herbert Spencer ou T. H. Green. O excerto número 285 é para mim particularmente admirável. Todos os românticos estão vividamente cômnicos da mutabilidade, mas muitos deles estão contentes em lamentá-la: para MacDonald essa nostalgia é meramente o ponto de partida — ele vai além e descobre para que ela foi feita. Sua psicologia também é digna de nota: ele é tão plenamente ciente quanto os modernos de que o eu consciente, a coisa revelada pela introspecção, é uma superfície. Isso explica os porões e os sótãos do castelo do Rei em *A princesa e o Goblin*, e o terror de sua própria casa que recai sobre o Sr. Vane in *Lilith*: vem daí também sua crítica formidável (201) de nossas suposições diárias a respeito do eu. Talvez o mais admirável de tudo seja a função — uma função inferior e primitiva, mas mesmo assim indispensável — que ele atribui ao temor na vida espiritual (veja os números 3, 5-7, 137, 142-143, 349). Nesse aspecto, uma reação contra ensinamentos mais antigos poderia tê-lo conduzido a um liberalismo superficial. Contudo, isso não aconteceu. De fato, ele tem a esperança de que todos os homens serão salvos, mas é porque ele tem a esperança de que todos vão se arrepender. Ele sabe (melhor do que ninguém) que nem mesmo a onipotência pode salvar o não convertido. Ele nunca brinca com impossibilidades eternas. MacDonald é tão brilhante e genial como Traherne,¹³ mas também é tão severo quanto a *Imitação*.¹⁴

Então, pelo menos eu o encontrei. Ao elaborar esta antologia, estava me livrando de uma dívida de justiça. Nunca escondi o fato de que eu o considero como meu mestre e, na verdade, eu gostaria de nunca ter escrito um livro sem citá-lo. Contudo, não me parece que aqueles que bondosamente receberam meus livros se dão conta dessa filiação. A honestidade me impulsiona a enfatizar este ponto. E, mesmo se a honestidade não o fizer, bem, sou professor

universitário, e “caçar as fontes” (*Quellenforschung*) talvez esteja no meu âmago. Creio ter sido há mais de trinta anos que comprei — quase a contragosto, pois já havia examinado o volume na prateleira e o rejeitado inúmeras vezes antes — a obra *Phantastes*, da editora Everyman.¹⁵ Horas mais tarde, tive a convicção de haver cruzado uma grande fronteira. Já havia mergulhado no Romantismo, provavelmente fundo o bastante para, a qualquer momento, começar a debater-me em suas formas mais sombrias e malignas, serpenteando o íngreme declive que leva do amor pela singularidade àquele pela excentricidade e dali para o amor pela perversidade. *Phantastes* era romântico o suficiente em toda a consciência, porém havia uma diferença. Naquela época, nada estava mais distante dos meus pensamentos que o cristianismo e, portanto, eu não tinha a mínima noção de que diferença era aquela. Apenas tinha consciência de que, se esse novo mundo era estranho, era igualmente simples e humilde; de que, se isso era um sonho, era um sonho no qual a pessoa, pelo menos, sentia-se estranhamente vigilante; de que todo o livro tinha um tipo de inocência matutina e tranquila e, também, inequivocamente, certa qualidade de Morte, de *boa* Morte. Na realidade, o resultado dessa experiência em mim foi a conversão, até mesmo batismo (no qual a Morte surgiu), da minha imaginação. Nada ocorreu ao meu intelecto e tampouco, naquela época, à minha consciência. Isso aconteceu muito mais tarde e com o auxílio de muitos outros livros e homens. Entretanto, quando o processo se completou — com isso, claro, quero dizer “quando *realmente* começou” —, descobri que ainda estava com MacDonald, pois ele havia me acompanhado por todo o caminho e, agora, por fim, eu estava pronto para escutar dele muitas coisas que ele não poderia ter me contado em nosso primeiro encontro. Porém, em certo sentido, o que ele estava me dizendo agora era exatamente o mesmo que me dissera desde o princípio. Não havia dúvidas quanto

a ir ao cerne e descartar a casca. Nenhum questionamento quanto a isso ser uma pílula dourada. A pílula era ouro puro.

A qualidade que me encantara em suas imaginativas obras transformou-se na qualidade do universo real, do divino, da magia, abalando e extasiando a realidade na qual nós todos vivemos. Eu teria sido impactado em minha adolescência se alguém me dissesse que aquilo que aprendi a amar em *Phantastes* era bondade. Porém, agora consciente, percebo que não houve decepção, pois ela está no sentido contrário — naquele moralismo prosaico que restringe a bondade à região da Lei e do Dever; que jamais nos permite sentir, soprando em nosso rosto, a doce brisa da “terra da justiça”, e nunca nos revela aquela Forma fugidia que, se vista, inevitavelmente é desejada com todo o ardor — algo (na frase da poetisa grega Safo) “mais dourado do que o próprio ouro”.

Não é meu propósito produzir uma edição crítica do texto de MacDonald. Além dos meus erros inconscientes de transcrição, eu “adulterei” o texto de duas maneiras. Toda a dificuldade em produzir excertos está em deixar o sentido perfeitamente claro sem reter o que você não deseja. Ao tentar fazê-lo, eu interpolei vez ou outra uma palavra (sempre entre parênteses) e algumas vezes alterei a pontuação.

C. S. LEWIS

¹ Livro autobiográfico publicado por Samuel Butler em 1903, no qual o autor conta a história de quatro gerações da família Pontifex. Considerado por George Orwell “um ótimo livro, porque oferece um retrato honesto da relação entre pai e filho”, consiste em uma crítica aos valores da época vitoriana. O título é baseado em uma frase do texto bíblico de 2Reis 2:2. [N. E.]

² Robert Falconer (1867–1943) foi um erudito canadense que, a despeito de ser biblista de formação, escreveu sobre vários assuntos. [N. T.]

³ A expressão latina *spes phthisica* era usada no século XIX para se referir a um estado de criatividade artística que, conforme se acreditava, acometia os diagnosticados com a tísica, isto é, a tuberculose. [N. T.]

⁴ William Dunbar, poeta escocês nascido em 1459 ou 1460 e morto por volta de 1530, conhecido por sua habilidade em variar temas e estilos e por seu lirismo sofisticado. [N. E.]

⁵ Refere-se a uma série de romances escritos por Sir Walter Scott, que, por quase cem anos, foi extremamente popular em toda Europa. Publicado em 1814, o primeiro volume conta a história de Edward Waverly, um soldado inglês que, antes de ir para a guerra, visita seus parentes na Escócia. Por terem temáticas parecidas, os demais volumes ficaram conhecidos como “Os romances Waverly”. [N. E.]

⁶ George Philipp Friedrich von Hardenberg, conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos principais representantes do chamado Romantismo místico alemão, nascido em 1772 e morto em 1801, vítima da tuberculose. [N. E.]

⁷ Na mitologia nórdica, Balder é o deus da sabedoria e da justiça, filho de Odin e Frigga. [N. E.]

⁸ Poeta grego do século III a.C., autor do poema épico *As Argonáuticas*, que narra a história de Jasão e dos argonautas, em sua viagem da Grécia até a Cólquida, onde hoje fica a Geórgia. [N. E.]

⁹ Charles Kingsley, romancista inglês do século XIX e autor de diversas obras sobre a mitologia grega. [N. E.]

¹⁰ William Morris, poeta e romancista inglês do século XIX, autor de uma versão do mito dos argonautas chamada *The Life and Death of Jason* [A vida e morte de Jasão]. [N. E.]

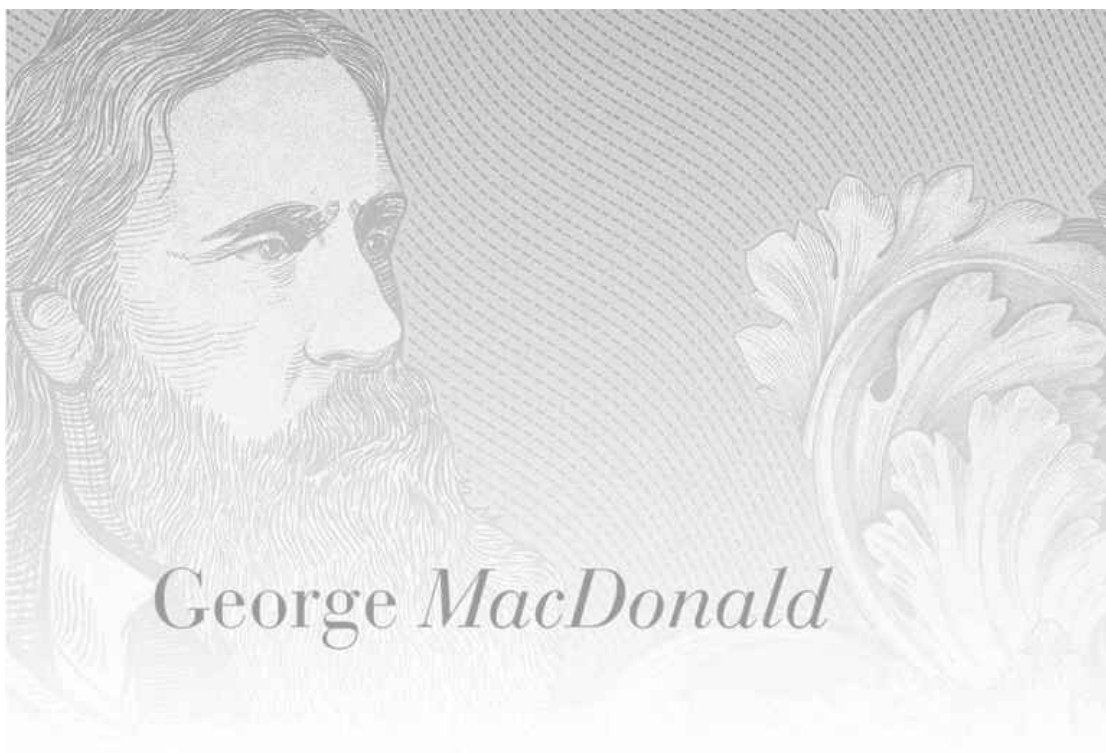
¹¹ John Keats, poeta romântico inglês (1795–1821) [N. T.].

¹² Refere-se a John Lemprière (1765–1824), classicista, lexicógrafo, teólogo, professor e diretor de escola.

¹³ Thomas Traherne (1636/7–1674) foi um clérigo anglicano inglês que escreveu poesia de cunho religioso [N. T.].

¹⁴ Lewis está muito provavelmente se referindo a *Imitação de Cristo*, clássico de espiritualidade cristã, escrita no século XV pelo místico cristão alemão Thomas Kempis (1380–1471) [N. T.].

¹⁵ Everyman foi uma editora fundada no início do século XX na Inglaterra com objetivo de republicar grandes clássicos da literatura ocidental [N. T.].





1 | *Aridez*

É aperfeiçoado na fé aquele que sai ao encontro de Deus na carência total de seus sentimentos e desejos, sem vontades, sem um lampejo ou aspiração, com o peso de pensamentos baixos, fracassos, negligências e um esquecimento errante, e diz a ele: “Tu és o meu refúgio”¹.

2 | *Amor inexorável*

Nada é inexorável, a não ser o amor. Amor que se apega à oração é imperfeito e pobre. Nem é então o amor que produz, mas a liga dele [...] pois o amor ama até à pureza. O amor sempre tem em vista a beleza daquilo que contempla. Onde a beleza é incompleta e o amor não pode amar sua plenitude de amor, ele se gasta mais para torná-la mais amável, para que possa amá-la mais. O amor busca a perfeição, ainda que ele mesmo possa ser aperfeiçoado — não em si, mas em seu objeto [...] Portanto, tudo que não é belo no amado, tudo que está entre o amor e o que é amado e que não é da natureza do amor, deve ser destruído. *E o nosso Deus é um fogo consumidor.*

3 | *Fogo divino*

Ele abalará céus e terra, e só o que é inabalável permanecerá. Ele é um fogo consumidor, de modo que somente o que não pode ser consumido poderá permanecer eternamente. É da natureza tão terrivelmente pura de Deus destruir tudo o que não for puro como o fogo, o que exige pureza em nossa adoração. Ele terá a pureza. Isto não quer dizer que o fogo nos queimará se não adorarmos dessa maneira; pelo contrário, ele continuará a queimar dentro de nós até que tudo aquilo que lhe é estranho ceda à sua força, já não mais com dor e desgaste, e sim como a mais elevada consciência da vida, a presença de Deus.

4 | *O princípio da sabedoria*

Como os hebreus deveriam estar aterrorizados diante daquilo que era contrário a tudo o que eles sabiam sobre si mesmos, julgando que seria bom honrar um bezerro de ouro? Sendo como eram, eles fizeram bem em demonstrar temor [...] O temor é mais nobre do que a sensualidade. O temor é melhor que não ter nenhum Deus, é melhor do que um deus feito por mãos humanas [...] A adoração em temor é verdadeira, ainda que muito inferior, e ainda que não seja aceitável por Deus em si, pois somente a adoração em espírito e verdade é aceitável a ele, mesmo assim isto é precioso aos seus olhos, pois ele considera os homens não como eles simplesmente são, mas como eles serão; não como eles simplesmente serão, mas como eles estão agora se desenvolvendo ou como são capazes de se desenvolver, para alcançar a imagem que ele mesmo definiu para eles. Logo, mil estágios, cada um sem valor em si, são de valor inestimável como as gradações necessárias e conectadas de um progresso infinito. Uma condição da qual a decadência indicar-se-ia um demônio, pode do crescimento revelar um santo.

5 | *O despertado*

Poderá isto servir de algum conforto para eles, alguém lhes dizer que Deus os ama de modo que os queimará para que sejam purificados? [...] Eles não querem ser purificados nem suportam ser torturados.

6 | *Sinai*

Acaso Deus não está pronto para fazer sobrevir a eles como eles temem, ainda que com outro sentimento e com um fim diferente de qualquer coisa que sejam capazes de imaginar? Ele é contra o pecado, na medida em que, e enquanto, o pecado e eles são uma coisa só. Ele está contra eles — contra os desejos, os objetivos, os temores e as esperanças deles; mas, mesmo assim, ele é sempre e completamente a favor deles. O trovão, o relâmpago e a tempestade, a escuridão com o som da trombeta, o horror visível, tudo isso cresceu com a voz das palavras, e tudo isso era apenas uma pálida imagem [...] do que Deus pensa e sente contra a vileza e o egoísmo, acerca da inquietação e da repulsa incontestável com que ele considera essas situações.

7 | Não

Quando dizemos que Deus é amor, será que ensinamos às pessoas que o medo que sentem dele é infundado? Não. O que elas temem lhes sobrevirá, e possivelmente ainda mais [...] A ira consumirá o que elas *chamam* de seu “eu”, para que apareçam os “eus” criados por Deus.

8 | *A lei da Natureza*

Pois o que não pode ser abalado permanecerá. O que é imortal em Deus permanecerá no ser humano. A morte que está na humanidade será consumida pela lei da Natureza, isto é, a lei de Deus: tudo que é passível de destruição será destruído.

9 | *É impossível fugir*

O indivíduo cujas obras são más teme o fogo. Contudo, o fogo não virá, a não ser que ele o tema ou o negue. É impossível fugir porque o amor é inexorável. Nosso Deus é fogo consumidor. O indivíduo não se verá livre enquanto não tiver pagado até o último centavo.

10 | *A palavra*

Mas neste ponto a Bíblia é muito mal-entendida. Em nenhum lugar ela alega ser considerada como *a* Palavra, *o* Caminho, *a* Verdade. A Bíblia nos leva a Jesus, a inesgotável e sempre aclaradora Revelação de Deus. É Cristo, “em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”, e não a Bíblia, que nos leva a ele.

11 | *Conheci uma criança*

Conheci uma criança que acreditava ter cometido pecado contra o Espírito Santo porque ela, no banheiro, fizera uso errado de um alfinete. Não ouse me repreender por reduzir a fantasia doentia de uma criança a uma questão pesada de teologia. Não despreze tais pequeninos. Será que os teólogos estariam tão próximos da verdade em assuntos tais como a fantasia doentia de uma criança? Fantasia doentia! A criança sabia e estava consciente de que sabia que estava fazendo algo errado porque tinha sido proibida de fazê-lo. Havia uma base racional para o seu medo [...] Ela não teria dito que era boba e “não se importava”. Em se tratando de uma criança como era, não poderia ele ter-lhe dito: “Eu não te condeno: vá e não peques mais”?

12 | *Assassinato espiritual*

Seria um pecado infinitamente menor assassinar uma pessoa que se recusar a perdoar-lhe. O assassinato poderia ter sido um momento passional; recusar o perdão teria sido a escolha do coração. O assassinato espiritual — o pior, consiste em odiar, remoer o sentimento de exclusão, o que mata, em nosso microcosmo, a imagem, a ideia do odiado.

13 | *Impossibilidades*

Ninguém que deixa de perdoar a seu próximo pode crer que Deus está disposto, e até mesmo desejoso de perdoar-lhe [...] Se Deus disser “eu lhe perdoo” a um homem que odiou seu irmão, e se (ainda que impossível) essa voz de perdão alcançasse esse homem, o que isso significaria para ele? Como ele interpretaria isso? Será que significaria para ele: “Você pode continuar odiando. Eu não me importo. Você foi muito provocado e está certo em seu ódio”? Sem dúvida, Deus leva em conta o erro e a provocação, mas, quanto maior a provocação, maior a desculpa para o ódio, e mais razão haverá, se isso é possível, para que a pessoa absorta em ódio seja livrada do inferno do seu ódio [...] Esse indivíduo não pensaria que Deus amou o pecador, mas que ele perdoou o pecado, o que Deus nunca faz (i.e., o que geralmente é chamado de “perdoar o pecado” significa perdoar ao pecador e destruir o pecado). *Cada* pecado precisa se encontrar com seu destino devido — a expulsão inexorável do paraíso da Humanidade de Deus. Ele ama tanto o pecador que não pode perdoar-lhe de qualquer outra maneira a não ser expulsando do íntimo da pessoa o demônio que a possui.

14 | A verdade é a verdade

A verdade é a verdade, seja ela proveniente dos lábios de Jesus, seja dos de Balaão.

15 | *A pedra branca (Apocalipse 2:17)*

Dar uma pedra branca com um novo nome é a comunicação ao homem do que Deus pensa a respeito do homem. É o julgamento divino, o juízo santo solene ao justo, o “Vinde, bendito”, dito ao indivíduo [...]. O nome verdadeiro é aquele que expressa o caráter, a natureza, o *significado* da pessoa que o possui. É o próprio símbolo do homem — uma representação de sua alma, por assim dizer —, o sinal que pertence a ele, e a ninguém mais. Quem é que pode dar isso ao homem, o seu próprio nome? Só Deus. Isso porque ninguém, a não ser Deus, vê o que o homem é [...]. É somente quando o homem “torna-se” o seu nome, que Deus lhe dá a pedra com o nome inscrito, pois é só aí que ele pode entender o que seu nome significa. É o florescimento, a completude que determina o nome: e Deus previu isso desde o princípio porque ele o fez, mas a árvore da alma, antes que venha o florescimento, não pode entender o que esse florescimento é, nem pode saber o que a palavra significa que, ao representar sua própria completude ainda não acontecida, chamada de si. Tal nome não pode ser dado até que o homem seja o nome. O nome que Deus dá ao homem deve ser a expressão da própria ideia divina do homem, aquela da pessoa que ele tinha em mente quando começou a gerar a criança, e da pessoa que ele guardou na mente por meio do longo processo da criação até a concretização da ideia. Dizer o nome é selar a realização: dizer “em ti me comprazo”.

16 | *Personalidade*

O nome é tal, “que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebeu”. Então, não somente cada pessoa tem seu relacionamento individual com Deus, mas também seu relacionamento peculiar com Deus. Cada pessoa é um ser peculiar para Deus, feito à sua imagem, e ninguém mais. Decorre daí que tal indivíduo pode adorar a Deus como ninguém mais pode fazê-lo.

17 | *O segredo no homem*

Deus tem uma resposta diferente para cada um. Ele tem um segredo com cada um — o segredo de um nome novo. Em cada homem há uma solidão, um recinto interior da vida peculiar onde só Deus pode entrar. Eu digo que não: isto é *o mais profundo recinto interior*.

18 | *Os segredos em Deus*

Há também um recinto (Ó Deus, humildemente peço que aceite o meu dizer) — no próprio Deus onde ninguém pode entrar a não ser o indivíduo, o homem peculiar — esse homem tem que levar revelação e força para seus irmãos que estão fora desse recinto. É para isto que o homem foi criado: para revelar as coisas secretas do Pai.

19 | *Sem massificação*

Não há massificação dos homens com Deus. Quando ele fala de homens reunidos, trata-se de algo como um corpo espiritual e não de uma missa.

20 | *Sem comparação*

Neste ponto não há lugar para a ambição. Ambição é o desejo de estar acima do próximo, e neste ponto não há possibilidade de comparação com o próximo: ninguém sabe o que a pedra branca contém, a não ser aquele que a recebe [...] O valor relativo não é apenas desconhecido; para os filhos do Reino, ele é incognoscível.

21 | *O fim*

“Deus cuidou para me fazer para si mesmo”, diz o vencedor com a pedra branca, “e me chamou para aquilo de que eu mais gosto”.

22 | *Traça e ferrugem*

O que tem a ver com o tesouro deve ser valorizado como tesouro [...] O coração que assombra a casa do tesouro, onde a traça e a ferrugem fazem estragos, será exposto aos mesmos estragos que o tesouro [...] Muitos homens, muitas mulheres, belos e agradáveis à vista, andam com um coração enferrujado e corroído por traças dentro dessa forma de força ou beleza. “Mas isso é apenas uma figura de linguagem”. Verdade. Contudo, é a realidade pretendida mais ou menos que a figura?

23 | *Cavernas e imagens*

Se Deus vê o coração corroído pela ferrugem das preocupações, enfiado em cavernas e envolto em fitas pelos vermes da ambição e da ganância, então seu coração é como Deus o vê, pois Deus vê as coisas como elas são. E um dia você será compelido a ver, a *sentir* o seu coração como Deus o vê.

24 | *Vários tipos de traça*

Esta lição não se aplica apenas aos que adoram Mamom [...] Ela se aplica igualmente a quem de um jeito ou de outro adora o que é transitório; aqueles que buscam a aprovação dos homens mais que a aprovação de Deus, aqueles que fazem ao mundo uma demonstração de riqueza, gosto, intelecto, poder, arte ou genialidade de qualquer espécie, e assim recebem elogios valiosos a serem entesourados na casa do tesouro da terra. Não apenas a estes, mas certamente àqueles cujos prazeres são de uma natureza ainda mais evidentemente transitória, tais como os prazeres sensuais de qualquer tipo — se legalmente concedidos, se a alegria de ser está centrada neles, aí estas palavras transmitem uma advertência terrível. O que fere não é o fato de que estes prazeres são falsos como os truques dos mágicos, pois eles não o são, nem o fato de que eles acabam e deixam um desapontamento feroz. Tanto melhor que seja assim. O que fere é que aquilo que é imortal, infinito, criado à imagem do Deus eterno está guardado junto com o que desvanece e apodrece, e está ligado a eles, alojado com o desbotamento e o corruptor como se fora um benefício. E assim se apega a eles até que o coração seja infectado e interpenetrado com suas próprias doenças, que assumem uma forma mais terrível em proporção à superioridade de seu tipo.

25 | *Escrituras Sagradas*

Esta história pode não ser exatamente como o Senhor a contou, mas mesmo assim contém em seu reflexo muito da verdade que somos capazes de receber e nos permitirá fazer a descoberta de uma vida. A influência modificadora dos canais humanos pode ser essencial para o modo revelador de Deus.

26 | *Ordena que estas pedras se transformem em pão*

O Pai disse: “Isto é uma pedra”. O Filho não ia dizer: “Isto é um pão”. Nenhum *Fiat*² criativo vai contradizer outro. O Pai e o Filho têm o mesmo pensamento. O Senhor poderia passar fome, poderia morrer de fome, mas não ia transformar em outra coisa o que seu Pai fez. Uma transformação assim não aconteceu ao alimentar as multidões. O pão e o peixe já eram pão e peixe antes [...] Houve em tais milagres, e creio que em todos, apenas um apressar das aparências: fazer em um dia o que normalmente levaria mil anos, pois o tempo para Deus não é a mesma coisa que é para nós. Ele o faz [...] Mas isso não torna o processo mais milagroso. De fato, para mim a maravilha do milho crescendo é maior do que a maravilha de alimentar a multidão. É mais fácil entender o poder criativo atuando de uma só vez — imediatamente — do que por meio das maravilhas incontáveis, amáveis e aparentemente esquecidas do milharal.

27 | *Sentimento religioso*

No aspecto mais elevado desta primeira tentação, que surge do fato de que um homem não pode sentir as coisas em que acredita, exceto sob certas condições de bem-estar físico dependentes da alimentação, a resposta é a mesma: não se vive só de pão, e de igual maneira, não se vive só de sentimentos.

28 | *Aridez*

E, quando já não puder mais *sentir* a verdade, ele, por conseguinte, não morrerá. Ele vive porque Deus é verdade, e ele é capaz de saber que, tendo uma vez entendido a mensagem, vive porque sabe que Deus é a verdade. Ele crê no Deus da visão anterior, e, portanto, vive por aquela palavra, quando tudo está escuro e nada se pode ver.

29 | *Presunção*

“Se tiverdes fé e não duvidares, direis a este monte, vai, e lança-te ao mar, e assim será”. Pessoas boas [...] vêm sendo tentadas a pôr à prova o Senhor, seu Deus, com base na força dessa palavra [...] felizmente para elas, a segurança à qual dariam o nome de fé geralmente fracassa nesses momentos. Fé é, conhecendo a vontade do Senhor, ir e cumpri-la ou, não conhecendo, ficar parado e esperar [...] No entanto, colocar Deus à prova de qualquer outra maneira a não ser por dizer “que queres que eu faça?” é uma tentativa de forçar Deus a se revelar ou a apressar sua obra [...] Por essa causa o homem está se afastando tanto de Deus que, em vez de agir pela vontade divina em seu interior, age diante de Deus, por assim dizer, para ver o que ele vai fazer. A primeira obrigação do ser humano é “o que Deus quer que eu faça?” e não “o que Deus vai fazer se eu agir assim ou assado?””

30 | *O conhecimento de Deus*

Qual é a vantagem de dizer “*tu és Deus*” sem saber o que o “*tu*” significa? Deus não passa de um nome, se não o conhecemos.

31 | *A Paixão*

É com o mais santo temor que devemos nos aproximar do terrível fato dos sofrimentos de nosso Senhor. Que ninguém pense que esses sofrimentos foram menores porque ele era superior. Quanto mais delicada é a natureza, mais viva ela é para tudo que é amável, verdadeiro, leal e justo, e mais essa natureza sentirá o antagonismo da dor, o avanço da vida sobre a morte, e mais terrível é a ruptura da harmonia das coisas cujo próprio som é uma tortura.

32 | *Eli, Eli*

Ele não podia ver, não podia senti-lo perto, mas mesmo assim é “Meu Deus” que ele brada. Desse modo, a vontade de Jesus é finalmente triunfante, no exato momento em que parece que sua fé está para sucumbir. Sua fé naquela hora não teve nenhum *sentimento* no qual se apoiar, nenhuma visão beatífica para absorvê-la. Ela permaneceu nua e torturada em sua alma, assim como ele foi açoitado e ficou despido perante Pilatos. Pura, simples e cercada pelo fogo, ela clama por Deus.

33 | *O mesmo*

Sem a tentação derradeira, as tentações de nosso Mestre não teriam sido tão plenas quanto o cálice humano é capaz de conter. Haveria uma região pela qual teríamos de passar, onde poderíamos invocar em voz alta nosso Capitão-Irmão, e não haveria nenhuma voz ou som dizendo que ele evitou aquele lugar fatal!

34 | *Desolação vicária*

Esta é a fé do Filho de Deus. Deus recuou, por assim dizer, para que a vontade do Filho pudesse se erguer e se encontrar com a vontade do Pai. É possível que mesmo então ele tenha pensado nas ovelhas perdidas que não acreditavam que Deus era o Pai delas, e por elas também, em toda a perda, cegueira e desamor delas, ele bradou pronunciando a palavra que elas poderiam dizer, sabendo que para elas *Deus* significa *Pai*, e mais ainda.

35 | *Cristãos rastejantes*

Somos e seguimos sendo cristãos rastejantes porque olhamos para nós mesmos, e não para Cristo. Olhamos para as marcas dos nossos próprios pés sujos e para a trilha das nossas roupas imundas [...] Cada qual, colocando seu pé na marca do pé do Mestre, desfigurando-a dessa maneira, volta-se para examinar o grau de correspondência da marca da pegada do seu próximo à que ele ainda diz que é do Mestre, mas que na verdade seja dele mesmo, ou que tendo cometido uma falha mesquinha, isto é, uma falha que apenas uma criatura mesquinha seria capaz de cometer, nós lamentaríamos pelo ultraje a nós mesmos, e a vergonha desta falta diante de nossos amigos, filhos ou empregados, em vez de nos apressarmos para confessar a falta e nos corrigirmos com o nosso próximo e assim, esquecendo nosso próprio *eu* desprezível com sua bem merecida desgraça, levantaríamos nossos olhos para a glória que só irá despertar o verdadeiro homem que há em nós, e matar a criatura insignificante que tão equivocadamente chamamos de nosso *eu*.

36 | *Aridez*

Enquanto não tivermos nada a dizer para Deus, nada a ver com ele a não ser no momento de sol brilhante da mente quando o sentimos perto de nós, somos criaturas pobres, voluntariosas e indispostas [...] E geralmente como agimos nessas condições? Nós nos assentamos lamentando a perda dos sentimentos? Ou, pior ainda, fazemos esforços fanáticos para despertá-los?

37 | *A utilidade da aridez*

Deus, pelo dom instantâneo de seu Espírito, não faz com que nos sintamos corretos, desejemos o bem, amemos a pureza, aneemos a ele e à sua vontade. Por conseguinte, ele não o fará, ou não pode fazê-lo. Se ele não o faz, deve ser porque não seria bom fazê-lo. Se ele não pode, então ele não faria se pudesse. Caso contrário, uma condição melhor que a de Deus é concebível para a mente de Deus [...] Esta é a verdade: ele nos formar segundo à própria imagem, *escolhendo* o bem, *recusando* o mal. Como ele levaria isso a cabo se estivesse *sempre* nos movendo a partir de dentro, tal como faz em intervalos divinos na direção da beleza da santidade? [...] Pois Deus formou a nossa individualidade e assim também, uma maravilha ainda maior, a nossa dependência, nosso *afastamento* dele mesmo, para que a liberdade nos una mais amorosamente a ele, com uma nova e inescrutável maravilha de amor. Pois a Divindade ainda está na raiz, está se arraigando em nossa individualidade, e, quanto mais livre é o homem, mais forte é o vínculo que o une àquele que criou sua liberdade.

38 | *A mais elevada condição da vontade humana*

A mais alta condição da vontade humana está em vista [...] Não digo a mais alta condição do ser humano, pois essa certamente está na visão beatífica, na visão de Deus. Porém, a mais elevada condição da vontade humana, algo distinto embora não separado de Deus, é quando, não vendo a Deus, não conseguindo compreendê-lo de forma alguma, mesmo assim, ela se apegue a ele com firmeza.

39 | *Alma perturbada*

Alma perturbada, tu não estás presa a sentir, mas tu estás presa a ressuscitar. Deus te ama, tu sentindo isso ou não. Tu não podes amar quando quiseses, mas tu estás preso a combater o ódio que há em ti até o fim. Não tentes se sentir bom, quando não és bom, mas clama a ele, que é bom. Ele não muda porque tu mudas. Antes, ele te reserva uma ternura especial de amor, pois tu estás nas trevas e não tens luz, e o coração dele se alegra quando tu te levantas e dizes: “Irei ter com meu Pai” [...] Dobre os braços da tua fé e espere em quietude até que a luz surja nas tuas trevas. Por causa dos braços da tua fé, eu afirmo, mas não da tua ação, penses em algo que deves fazer, vá e faze isso, seja varrer uma sala, seja preparar uma refeição, seja visitar um amigo. Não preste atenção ao teu sentimento: faze tua obra.

40 | *Momento perigoso*

Vou fazer uma boa obra? Então, de uma vez por todas: Pai, entrego em suas mãos, para que o inimigo não me apanhe.

41 | *Está consumado*

[...] quando a agonia da morte se acabou, quando a tempestade do mundo morreu detrás de seu espírito que se esvaía dele, e ele entrou nas regiões onde há apenas a vida, e por conseguinte, tudo que não é música é silêncio [...]

42 | *Membros uns dos outros*

Digo que nunca seremos capazes de descansar no peito do Pai até que a paternidade seja plenamente revelada a nós no amor dos irmãos. Pois ele não pode ser nosso Pai, a não ser que seja o Pai deles, e, se não o vemos como Pai deles, não poderemos reconhecê-lo como nosso Pai.

43 | *Originalidade*

Nosso Senhor nunca pensou em ser original.

44 | *A lei moral*

Qual é então a utilidade da lei? É nos levar a Cristo, a Verdade — despertar em nossas mentes um sentimento do que a nossa natureza mais profunda, a saber, Deus em nós, requer de nós —, para que saibamos, em parte pelo fracasso, que os mais puros esforços da vontade que somos capazes de fazer não podem nos elevar a ponto de nos abster de fazer o mal ao nosso próximo.

45 | *O mesmo*

Para cumprir o direito comum mais básico [...] precisamos nos elevar a uma região mais alta, uma região que esteja acima da lei, pois são o espírito e a vida que fazem a lei.

46 | *Para cima em direção ao centro*

“Mas como...” — indaga um homem que deseja reconhecer a universalidade do próximo, mas se vê incapaz de cumprir a lei pura e simples para com uma mulher, mesmo a mulher a quem ele ama — “como então poderei me elevar a uma região mais alta, até aquele empíreo de amor?” E, começando imediatamente a tentar amar o próximo, ele descobre que o empíreo do qual falou não deve ser alcançado em si mesmo mais do que a lei em si mesma. Assim como ele não pode cumprir a lei sem antes amar o próximo, tampouco pode amar o próximo sem antes se elevar ainda mais. Todo o sistema do universo opera sob esta lei: o mover das coisas para cima em direção ao centro. O homem que amará o seu próximo não poderá fazê-lo por meio de algum exercício imediatamente operativo da vontade. É o homem cheio de Deus de quem ele veio e por quem ele é, que apenas pode amar a si mesmo e ao próximo, que também veio de Deus e existe por Deus. O mistério da individualidade e a consequente relação é profunda como os princípios da humanidade, e as questões daí decorrentes só podem ser resolvidas por quem, pelo menos em termos práticos, resolveu as santas necessidades resultantes de sua origem. É apenas em Deus que o homem se encontra com o homem. É somente nele que as linhas convergentes da existência não se tocam nem se cruzam. Quando a mente de Cristo, a vida do Cabeça, percorre aquele átomo do qual o homem é do corpo lentamente revivificante, quando também está vivo, então o amor dos irmãos existe como vida consciente [...] É possível amar o próximo como a nós mesmos. Nosso Senhor nunca falou

hiperbolicamente.

47 | Ninguém ama por conhecer a razão de amar

Quando alguém não ama, o não amor deve parecer racional. Pois ninguém ama porque enxerga a razão, mas porque simplesmente ama. Nenhuma razão humana pode ser dada para essa que é a mais elevada necessidade da existência divinamente criada. Pois as razões sempre são de cima para baixo.

48 | *Meu próximo*

Não se pode escolher o próximo. É preciso assumir o próximo que Deus manda [...] O próximo é simplesmente a pessoa que está perto de você em dado momento, a pessoa que, por qualquer situação, entrou em contato com você.

49 | *O mesmo*

O amor ao nosso próximo é a única porta para fora do calabouço do eu, onde agimos como macacos, batendo em faíscas, e esfregando fosforescências nas paredes, e expirando por nossas próprias narinas em vez de emitir a plena luz solar de Deus, os doces ventos do universo.

50 | *O que não pode ser amado*

Mas como podemos amar uma mulher ou um homem que [...] é mesquinho, desagradável, resmungão, hipócrita, egoísta e narcisista? Quem pode desdenhar, a mais desumana de todas as faltas humanas, algo muito pior que o simples assassinato? Essas coisas não podem ser amadas. A melhor pessoa as odeia muito, e a pior não pode amá-las. Mas acaso essas faltas constituem o ser humano? [...] Não está no íntimo do homem e da mulher um elemento divino de irmandade, de fraternidade, algo agradável e amável — pode ser que esteja desaparecendo lentamente — morrendo sob o calor feroz de paixões vis ou sob o ainda mais terrível frio do egoísmo sepulcral, mas ainda está lá? [...] É a própria presença desta humanidade evanescente que faz com que nos seja possível odiar. Se fosse apenas um animal, e não um homem ou uma mulher que nos ferisse, não deveríamos odiar; deveríamos simplesmente matar.

51 | *Amor e justiça*

O ser humano não foi feito para a justiça em relação ao seu próximo, mas para o amor, que é maior que a justiça e inclui uma superação da justiça. A justiça pura e simples é uma impossibilidade, uma ficção de análise. A justiça precisa ser muito mais que justiça para ser justiça. O amor é a lei da nossa condição, sem o qual não poderemos praticar a justiça, assim como não se consegue andar em linha reta quando se está caminhando no escuro.

52 | *O corpo*

É o corpo que entra em contato com a Natureza, com os nossos semelhantes, com todas as revelações deles para nós. É por intermédio do corpo que recebemos todas as lições de paixão, de sofrimento, de amor, de beleza, de ciência. É por meio do corpo que somos treinados a ir além de nós mesmos e somos levados para dentro, para o mais íntimo do nosso ser para descobrir a Deus. Há glória e poder nessa evanescência vital, nesse lento fluxo de roupas e matéria reveladora, semelhante a uma geleira, nesse arco-íris sempre agitado da humanidade tangível. Não é menos que a criação de Deus do que o espírito que nela se veste.

53 | *Bondade*

O Pai estava completamente no Filho, e o Filho não pensou em sua própria bondade mais que um homem honesto pensa sobre sua honestidade. Quando o homem bom vê a bondade, ele pensa em sua própria maldade: Jesus não tinha nenhuma maldade para considerar, mas mesmo assim não pensou em sua bondade. Ele se deleita na bondade do Seu Pai. “Por que me chamas bom?”

54 | *A desconsideração de Cristo*

O Senhor não se preocupou com a verdade isolada nem se importou com ações órfãs. Ele se importou com a verdade no íntimo, o bom coração, que é a mãe das boas ações. Ele acalentou [...] Ele se preocupou com as pessoas boas, e não com as noções de coisas boas nem mesmo com as boas ações, a não ser pelo resultado da vida, a não ser pelos corpos nos quais as ações vivas primárias de amor e vontade na alma tomaram forma e vieram a acontecer.

55 | *Fácil de agradar e difícil de satisfazer*

Eu me apego de todo o coração ao fato de que nada, a não ser a perfeição, satisfará a Deus; dizer que Deus só se importa com quem é perfeito é uma das mentiras do inimigo. Que pai não fica satisfeito com a primeira tentativa cambaleante de andar de seu filhinho? Que pai não ficaria satisfeito com outra coisa a não ser uma atitude madura de seu filho adulto?

56 | *A lei moral*

O objetivo imediato dos mandamentos nunca foi que os homens fossem bem-sucedidos em obedecer-lhes, mas que, descobrindo que não podem fazer o que precisa ser feito, descobrindo que quanto mais eles tentassem mais ainda lhes era exigido, eles fossem levados à fonte da vida e da lei — da sua vida e da lei de Deus — para buscar em Deus a força da vida e para tornar o cumprimento da lei algo possível, natural e necessário.

57 | *Servidão*

Um homem está preso a tudo do qual ele não pode se separar e que é menos que ele.

58 | *O jovem rico (Mateus 19:16-22)*

Era o momento [...] que ele deveria recusar, que deveria conhecer sua natureza e se encontrar com as confusões da alma, com as tristes buscas do coração que deverá seguir. Chega um tempo para qualquer pessoa em que é preciso decidir se vai obedecer ou recusar — *e saber disso* [...] O tempo virá, só Deus sabe a hora, quando cada um verá a natureza de seus atos, *sabendo que estava vendo vagamente mesmo quando fez o que fez*: a alternativa fora colocada diante dele.

59 | *Lei e Espírito*

Os mandamentos jamais poderão ser obedecidos enquanto houver uma luta para obedecer-lhes: quem tenta isso será esmagado pelo peso dos estilhaços deles. É necessário um coração puro para ter mãos puras, todo o poder de uma alma viva para guardar a lei: um poder de vida, não uma luta; a força do amor, não o esforço do dever.

60 | *Nossa menoridade*

O número de tolos que ainda não reconhecem que a primeira condição da masculinidade altera agora o fato de que aquele que *começou* a reconhecer o dever e a reconhecer os fatos de seu ser é apenas uma criança cambaleante no caminho da vida. Ele está no caminho. Ele é tão sábio quanto poderia ser nesse momento. Os braços do seu Pai estão estendidos para recebê-lo, mas, por conseguinte, ele não é um ser maravilhoso, não é um modelo de sabedoria nem de modo algum a admirável criatura que sua loucura remanescente em grande parte iria, nos piores momentos (isto é, quando ele se sente melhor), convencê-lo a pensar que era; ele é apenas uma das pobres criaturas de Deus.

61 | *Conhecimento*

Tendo feito o que o Mestre lhe disse, ele logo viria a entender. A obediência abre os olhos.

62 | *Vivendo para sempre*

A pobre ideia de viver para sempre, a qual as mentes no senso comum entendem como sendo vida eterna — (é) sua mera sombra concomitante, que por si só não merece ser considerada. Quando um homem é [...] um com Deus, o que poderia fazer a não ser viver para sempre?

63 | *Sede perfeitos*

“Eu não posso ser perfeito, não tem jeito, e ele tampouco espera isso”. Seria mais honesto dizer: “Eu não quero ser perfeito. Estou contente em ser salvo”. Tal pessoa não se importa em ser perfeito como o Pai celestial é perfeito, mas em ser o que eles chamam de *salvo*.

64 | *Conforto mortal*

Ou vocês estão tão satisfeitos com o que são que nunca buscaram a vida eterna, nunca tiveram fome e sede da justiça de Deus, a perfeição do ser de vocês? Se este é o caso, então fiquem tranquilos, pois o Mestre não requer de vocês que vendam o que têm e deem aos pobres. Sigam-no! Acompanhem-lhe para pregar as boas novas, — vocês que não se preocupam com a justiça! Vocês não são aqueles cuja companhia é desejável ao Mestre. Fiquem tranquilos, eu digo. Ele não quer vocês. Ele não lhes pedirá que abram suas bolsas para si. Vocês podem dar ou retirar, isto não é nada para ele [...] *Vão e guardem os mandamentos*. Seu dinheiro ainda não está sendo requerido. Os mandamentos são o suficiente para vocês. Vocês ainda não são uma criança no Reino. Vocês não se importam com os braços do Pai. Vocês valorizam apenas o abrigo da casa do Pai. Quanto ao dinheiro de vocês, que os mandamentos os instruem sobre como usá-lo. Está em vocês a presunção lamentável de perguntar se é exigido de vocês vender o que têm [...] pois para o jovem vender tudo e seguir a Jesus teria sido aceitar a patente de nobreza de Deus, mas para vocês isto não é oferecido.

65 | *O mesmo*

Isto os conforta? Então, ai de vocês! [...] O alívio de vocês é saber que o Senhor não precisa de vocês — não exige que repartam seu dinheiro, e não oferece a si mesmo no lugar disso. Vocês não precisam vendê-lo por trinta moedas de prata, mas estão felizes de não comprá-lo com tudo que vocês têm.

66 | *Quão difícil?*

É difícil entrar nesta vida, neste Reino de Deus, nesta simplicidade da absoluta existência. Quão difícil? Difícil a ponto de o Senhor da salvação encontrar palavras que expressem esta dificuldade.

67 | *Coisas*

Aquele que para ter consciência do bem-estar depende de qualquer coisa menos da vida, a vida que é essencial, é um escravo. Essa pessoa depende daquilo que é menor do que si mesma [...] As *coisas* nos são dadas — este corpo, a primeira das coisas — para que por meio delas aprendamos tanto a independência como a verdadeira posse delas. Devemos ser os donos delas, não o contrário. O uso delas é mediar — como formas e manifestações em grau menor das coisas que não são vistas, isto é, as coisas que pertencem ao mundo do silêncio, e não ao da fala; não ao mundo da aparência, mas ao mundo do ser, o mundo que não pode ser abalado e que deve permanecer. Essas coisas não vistas tomam forma no tempo e no espaço — não para que existam, pois elas já existem na divindade eterna e por meio dela, mas para que o seu ser possa ser conhecido aos que estão em treinamento para o que é eterno. Os filhos e filhas de Deus devem possuir essas coisas não vistas. Contudo, em vez de se apegar a elas, eles se apegam às suas formas, consideram as coisas vistas como possuídas, apaixonam-se pelos corpos e não pelas almas delas.

68 | *Posses*

Quem tem Deus, tem todas as coisas, de acordo com o modo pelo qual aquele que as criou as tem.

69 | *O tormento da morte*

É indispensável para nós que nos livremos da tirania das coisas. Veja quão indispensável: apegando-se o jovem com todas as suas forças à sua riqueza, o que Deus pode fazer, ele vai fazer. O filho de Deus não deve ser deixado no inferno das posses. Vem o anjo da morte — e onde estão as coisas que assombraram a pobre alma com tantos obstáculos e obstruções? [...] Está o homem tão livre do domínio das coisas? A morte lhe é útil para resgatá-lo? Não desse jeito, eu penso, pois primeiro então o homem que possui coisas torna-se consciente da tirania delas. Quando alguém começa a se abster, essa pessoa começa a reconhecer a força de sua paixão. Pode ser, quando alguém não deixou nada para trás, que essa pessoa comece a entender qual é a necessidade que tem das coisas.

70 | *A utilidade da morte*

Então onde está a serventia da morte? [...] Nisto: não são os grilhões que irritam, mas os grilhões que acalmam, que corroem a alma. Dessa forma, é a perda das coisas [...] um movimento, dificilmente em direção à libertação, mas mesmo assim a favor dela. Isto pode parecer que é o início da escravidão, mas na verdade é o início da libertação. Ninguém jamais foi liberto sem ter consciência de sua escravidão.

71 | *Não apenas os ricos*

Mas não é apenas os ricos que estão sob o domínio das coisas.
Eles também são escravos que, faltando-lhes dinheiro, são infelizes
por não o ter.

72 | *Pensamento temeroso*

Porque facilmente imaginamos a nós mesmos em necessidade, imaginamos Deus pronto a se esquecer de nós.

73 | *Milagres*

Os milagres de Jesus foram os atos comuns de seu Pai, feitos pequenos e simples para que pudéssemos nos apossar deles.

74 | *O presente sagrado*

A hora seguinte, o momento seguinte, está além do nosso alcance e está tanto sob o cuidado de Deus quanto cem anos no futuro.

Preocupar-se pelo próximo minuto é tão tolo quanto preocupar-se com o dia de amanhã ou com um dia nos próximos mil anos — não podemos fazer nada em nenhum dos dois, mas Deus está fazendo tudo. Aquelas reivindicações referentes apenas ao amanhã que devem ser preparadas hoje são da obrigação do hoje: o momento que coincide com o trabalho a ser feito é o momento a ser lembrado; o momento seguinte não está em lugar nenhum até que Deus o tenha feito.

75 | *Previsão*

Se alguém se esquecer de alguma coisa, Deus cuidará disso. O homem não é senhor de sua memória ou de seu intelecto, mas é o senhor de sua vontade. Por isso, é culpado quando, lembrando-se de uma obrigação, a posterga e acaba por esquecer-se dela. Se alguém se propuser a fazer imediatamente o que tem de fazer, desconfio maravilhosamente que será necessário pouquíssima previsão. Essa é acertada apenas para determinar a obrigação a ser cumprida, e para levar à ação. A base do trabalho bem-feito ontem é adequada para o trabalho do dia de amanhã. O trabalho bem-feito tem mais consequências para o futuro do que a previsão de um arcanjo.

76 | *Não apenas os ricos*

Se são coisas que abatem você, que diferença faz se essas são coisas que você tem ou não?

77 | *Preocupação*

O amanhã faz o hoje ficar com dor de cabeça, faz o coração esmorecer. Quando deveríamos estar sossegados, dormindo ou sonhando, estamos preocupados com uma hora que está a meio dia de distância adiante de nós! Não é assim que fazes, Senhor! Tu fazes a obra de teu Pai!

78 | *O presente sagrado*

A preocupação que enche a sua mente neste momento, ou que está esperando você colocar o livro de lado para pular em você, a necessidade que não é necessária, é um demônio que suga a primavera da sua vida. “Não, a minha preocupação é razoável — de fato, é uma preocupação inevitável.” Isto é algo que você tem de fazer agora mesmo? “Não.” Então você está permitindo que o pensamento usurpe o lugar de algo que é exigido de você agora. “Não há nada exigido de mim agora.” Não, mas há o seguinte: a maior coisa que pode ser exigida de qualquer um. “Mas o que pode ser isso?” Confie no Deus vivo [...] “Mas eu confio nele quanto às questões espirituais.” Tudo é uma questão espiritual.

79 | Céu

Pois o único ar da alma, o qual respiramos e pelo qual vivemos, é o Deus presente, e os espíritos dos justos: esse é o nosso céu, nosso lar, nosso justo lugar [...] Seremos filhos de Deus em pequenas colinas e nos campos daquele céu, e ninguém vai desejar estar em primeiro lugar nem rejeitar a ninguém, pois a ambição e o ódio serão então entendidos como sendo da mesma natureza.

80 | *Bases movediças*

As coisas mais aptas para serem feitas, aquelas que estão não à porta de entrada da casa, mas na mesa da mente de alguém, em geral elas não são as mais negligenciadas, mas as que com maior frequência são deixadas de lado, são adiadas, mesmo pelo homem mais sensato [...] A verdade é uma só: aquele que pratica a verdade nas pequenas coisas é da verdade, e aquele que a pratica apenas nas grandes coisas, que adia as pequenas coisas que lhe estão próximas, não é da verdade.

81 | *Exagero*

Nós também entorpecemos nosso entendimento com coisas insignificantes, enchemos os espaços celestiais com fantasmas, desperdiçamos o tempo celestial com a pressa. Quando eu me preocupo com algo pequeno, até mesmo algo admitidamente pequeno — digamos, a perda de uma coisa pequena, esporeando minha memória, e a procuro, não porque haja uma necessidade imediata, mas pelo desprazer da perda. Quando alguém pega um livro emprestado comigo e não o devolve, e eu me esqueci de quem o pegou comigo, e me preocupo com aquele volume faltante [...] Não seria o tempo de perder algumas coisas das quais cuidei de maneira tão irracional? Perder coisas é obra da misericórdia de Deus: isso acontece para nos ensinar a permitir que elas se vão. Ou me esqueci de um pensamento que tive que me parecia ser verdadeiro? [...] Fico tentando e tentando me lembrar dele, sentindo-me um miserável até que aquele pensamento seja lembrado para ficar mais perdido ainda, talvez em um caderno no qual nunca mais procurarei para encontrá-lo. Eu me esqueço de que é com coisas vivas que Deus se preocupa.

82 | *Serviços domésticos*

Apelo especialmente aos que mantêm a casa com respeito ao tamanho dos problemas que são suficientes para esconder a palavra e a face de Deus.

83 | *Preocupações*

Com todos os problemas assustadores, grandes ou pequenos, perder milhares de xelins³ ou perder um só, busque a Deus [...] Se o seu problema é de tal monta, que você não consegue buscar o Senhor, mais ainda você deve buscá-lo!

84 | *Deus à porta*

Deus não vai forçar nenhuma porta para entrar. Ele pode enviar uma tempestade para aquela casa. O vento da sua admoestação pode derrubar portas e janelas, sim, pode abalar os fundamentos da casa, mas nem assim ele vai entrar. A porta precisa ser aberta por uma mão desejosa antes que o pé do Amor cruze o umbral. Ele observa para ver a porta se mover a partir de dentro. Cada tempestade não é outra coisa a não ser um ataque ao cerco do Amor. O terror do Senhor é o outro lado do seu amor. É o amor do lado de fora, que estaria do lado de dentro, amor que sabe que a casa não é uma casa, mas apenas um lugar, até que ele entre.

85 | *Dificuldades*

Toda dificuldade indica algo mais que a nossa teoria de vida abrange, testa nossa tendência de abandonar o caminho reto, deixando aberto apenas o caminho adiante. Mas há uma realidade do ser na qual todas as coisas são fáceis e diretas — uma unicidade, isto é, com o Senhor da Vida. Orar por isto é a primeira coisa, e toda dificuldade nos protege e nos direciona ao ponto desta oração.

86 | *Vigilância vã*

Será que aqueles que dizem “Eis aqui ou ali os sinais da sua vinda” pensam que são zelosos demais por ele e vigiam sua aproximação? Quando ele lhes diz para que vigiem para que ele não os encontre negligenciando a obra que têm de fazer, eles declaram que é deste ou daquele jeito e vigiam para que não aconteça que ele venha como um ladrão [...] A obediência é a chave da vida.

87 | *Incompletude*

Quem foi feito à imagem de Deus deve conhecê-lo ou ficar desolado [...] Testemunhe a desolação, sim a desolação da minha alma — miserável, solitária, inacabada sem ele. Ela não pode agir por si mesma, a não ser em Deus. Agir com o que parece ser uma ação de si mesma sem Deus não é ação de jeito nenhum, é um mero ceder ao impulso. Tudo que está dentro de uma ação assim é desordem e espasmo. Há um clamor dentro de mim, e uma voz antes, instintos de melhoramento que me dizem que devo me elevar acima do meu eu atual — talvez até mesmo acima de todo o meu possível eu: não vejo como obedecer, como cumprir os mandamentos. Estou fechado em um mundo de consciência, eu, um desconhecido, em um mundo desconhecido: decerto este mundo da minha existência não desejada, não escolhida e forçada não pode ser excluído por ele, não pode ser desconhecido dele, não pode ser impenetrável, impermeável e ausente dele e a ele de quem eu sou?

88 | *Oração*

Não direi a ele meus problemas — como ele, mesmo ele, me perturbou ao me criar? — quão incapaz eu sou de ser aquilo que sou? Que meu ser ainda não é para mim uma coisa boa? Que eu preciso de uma lei que me explique em retidão — que me revele como vou transformar meu ser em algo bom — como eu devo ser uma pessoa boa, e não uma pessoa má?

89 | *Conhecimento que seria inútil*

Por que a pergunta deve admitir dúvida? Sabemos que o vento sopra. Por que não saberíamos que Deus responde às orações? Eu respondo, e se Deus não se importar que você saiba isso em segunda mão? E se não houvesse algo bom nisso? Há algum testemunho registrado, e talvez haja muito se não tendo a ver com coisas tão imediatamente pessoais, e em geral tão delicadas, as respostas à oração não deveriam ser comentadas com tanta frequência, mas nenhum testemunho a respeito pode ser conclusivo, pois, como um milagre relatado, sempre há uma maneira de mudar isso. Além disso, a convicção de ser assim é de pouco valor. Não vale a pena conhecer a coisa pela melhor das evidências.

90 | *Oração*

Leitor, se você está com algum problema, experimente se Deus ajudará você ou não. Se não precisa de nada, por que faria perguntas a respeito da oração? É certo que tal indivíduo sabe pouco a respeito de si mesmo, não sabe que é desgraçado, miserável, pobre, cego e nu. Mas até que comece a pelo menos suspeitar da necessidade que tem, como poderá ele orar?

91 | *Por que isto seria necessário?*

“Contudo se Deus é tão bom quanto você diz, e se ele sabe tudo de que precisamos, e sabe até mais do que nós mesmos, por que seria necessário pedir-lhe qualquer coisa?” Respondo: e se ele souber que a oração é o que primeiramente e mais precisamos? E se o objetivo principal na ideia divina de oração seja o suprir da nossa grande e infindável necessidade — a necessidade que temos dele mesmo? [...] A fome pode trazer de volta para casa o filho transviado, e ele poderá ser ou não alimentado, mas ele precisa de sua mãe mais do que precisa do jantar. A comunhão com Deus é a única necessidade da alma, acima de todas as outras necessidades. A oração é o princípio dessa comunhão, e a necessidade é o motivo dessa oração [...] Assim se inicia a comunhão, uma conversa com Deus, um tornar-se um com ele, que é o fim único da oração, sim, o fim único da própria existência em suas infinitas fases. Devemos pedir para receber, mas o que vamos receber com respeito às nossas necessidades inferiores não é o objetivo de Deus ao nos fazer orar, pois ele poderia nos dar qualquer coisa sem que orássemos. Para fazer com que seu filho se ajoelhe, Deus não atende ao que ele pede.

92 | *As condições de uma boa dádiva*

Para que haja um verdadeiro bem em cada dádiva é essencial primeiramente que o doador esteja nela — como Deus sempre está, pois ele é amor — e, depois, que o beneficiário saiba disso e receba o doador na dádiva. Cada dádiva de Deus é um indicador do seu presente maior e unicamente suficiente: ele mesmo. Nenhuma dádiva não reconhecida como advinda de Deus é melhor. Portanto, muitas coisas que Deus alegremente nos daria, até mesmo coisas de que precisamos por causa de quem somos, devem esperar até que as peçamos, para que saibamos de onde elas vêm. Quando descobrirmos Deus em todas as dádivas, então nele encontraremos todas as coisas.

93 | *Falsa espiritualidade*

Algumas vezes alguém orando terá o sentimento [...] “Não seria melhor não orar? Se esta coisa for boa, por acaso Deus não a dará para mim? Ele não se agradaria mais se eu deixar tudo completamente para ele?” Penso que isso vem de uma falta de fé e de uma infantilidade [...] pode até vir da ambição de um reconhecimento espiritual.

94 | *Pequenas orações*

Em cada súplica, o coração, a alma e a mente devem oferecer o humilde acompanhamento: “Seja feita a tua vontade”; mas cada súplica nos leva para mais perto dele [...] Qualquer coisa que seja grande o bastante para fazer um desejo surgir é grande o bastante para ser pedida: pensar naquele a quem as orações são dirigidas purificará e corrigirá o desejo.

95 | *Riquezas e necessidade*

Não poderia haver riquezas a não ser por necessidade. Deus mesmo se torna rico pela necessidade humana. Por isso, ele é rico em conceder, e, por meio disso, somos ricos em receber.

96 | *Providência*

“Como poderia qualquer desígnio do Onisciente ser alterado em resposta a uma oração nossa? Como podemos crer em algo assim? Por refletir que ele é o Onisciente, que vê antes de si e não impedirá o seu próprio caminho [...] Será que Deus vai se importar mais com sóis, planetas e satélites, com a matemática divina e as harmonias em ordem do que com seus filhos? Eu me aventuro a dizer que Deus se preocupa mais com os bois do que com os astros. Ele não faz planos que não digam respeito aos seus filhos. O propósito dele é que eles sejam livres, ativos e vivos. Ele vê que o espaço deve ser mantido para eles.

97 | *Liberdade divina*

Que estupidez de perfeição seria não dar margem para a obra de Deus, não deixar espaço para uma mudança de plano a partir da mudança de um fato — sim, mesmo os poderosos mudam isso [...] finalmente agora aquele filho de Deus está orando! [...] Posso mover meu braço como quiser — acaso Deus não vai conseguir mover o dele?

98 | *Providência*

Se a sua máquina interferisse em sua resposta à oração de um único filho, ele varreria isto da sua presença, não para trazer o caos de volta, mas por causa de seu filho [...] Devemos lembrar que Deus não está ocupado com um grande brinquedo de mundos, de sóis e planetas, de atrações e repulsas, de aglomerações e cristalizações, de forças e ondas. Essas coisas são apenas uma parte das oficinas e ferramentas que Deus usa para trazer mulheres e homens justos para encher sua casa de amor.

99 | *Os milagres de nosso Senhor*

Em todos os seus milagres, Jesus fez apenas em pequena escala o que seu Pai fez em escala grandiosa. Pobre, de fato, foi o fazer vinho em [...] jarros de pedra, comparado com o adorável crescimento da videira com seus cachos de uvas inchadas — as raízes vivas retirando da terra a água que seria levada em jarros e derramada em grandes vasos. Mas isso é precioso como uma interpretação daquele fato, mesmo sendo o resultado da simpatia de nosso Senhor para com o simples regozijo humano.

100 | “*Eles não têm mais vinho*” (João 2:3)

Ele abriu espaço em seus planos para atender ao pedido de sua mãe, concedendo-lhe o que ela desejava. Não era desejo dele realizar um milagre naquele momento, mas, se a sua mãe queria, ele o faria. Ele fez pela sua mãe o que por ele seria deixado de lado. Ele nem sempre fez conforme sua mãe queria, mas aquela era uma situação em que poderia fazê-lo, pois não interferiria de jeito nenhum na vontade de seu Pai [...] O Filho então poderia mudar seu intento e não estragaria nada, e de igual maneira pode o Pai, pois o Filho só faz o que vê o Pai fazer.

101 | *Oração intercessória*

E por que o bem de alguém dependeria da oração de outrem? Só posso responder com outra pergunta: “Por que o meu amor seria incapaz de ajudar a outrem?”

102 | *A revolta eterna*

Há um espaço infindável para uma rebelião contra nós mesmos.

103 | *Eles dizem que isto lhes faz bem*

Há aqueles que vão orar, mesmo não tendo ouvidos para ouvir nem coração para responder. Eles dizem que isso lhes faz bem. Eles oram para nada, mas obtêm benefício espiritual. Não vou contradizer o testemunho deles. A oração é tão necessária à alma, que sua simples atitude pode encorajar um bom estado de espírito. Na verdade, orar ao que não existe é, pela lógica, uma loucura. Mas o bem que eles dizem que vem da oração pode repreender a pior loucura da incredulidade deles, pois indica que a oração é natural, e como poderia ser natural se é inconsistente com o nosso próprio modo de ser?

104 | *Oração aperfeiçoada*

E há uma comunhão com Deus que não pede nada, mas mesmo assim pede tudo [...] Quem busca o Pai mais do que qualquer coisa que ele pode dar provavelmente tem o que pede, pois provavelmente não vai pedir nada que seja inadequado.

105 | *Concessão corretiva*

Mesmo aqueles que fazem um pedido equivocado podem algumas vezes ter suas orações atendidas. O Pai nunca dará uma pedra ao filho que pede pão, mas não tenho certeza de que ele nunca vai dar uma pedra ao filho que pede uma pedra. Se o Pai disser: “Meu filho, isto é uma pedra, não é um pão”; e o filho disser: “Tenho certeza de que é um pão, eu quero isso”, não seria bom que ele experimentasse esse “pão”?

106 | *Por que devemos esperar*

De fato, talvez quanto melhor seja aquilo pelo qual pedimos, mais tempo será necessário para recebermos. Para nos dar a dádiva espiritual que desejamos, Deus pode ter de que começar pelo nosso espírito, em regiões que nos são desconhecidas, e fazer uma obra da qual só poderemos ter consciência dos resultados. Pois a nossa consciência está para a extensão do nosso ser como a chama de um vulcão está para o golfo do mundo de onde ela sai. Deus trabalha por detrás da nossa consciência, no golfo do nosso ser desconhecido, com sua santa influência, com sua própria presença (a única coisa pela qual nós sinceramente clamamos). Ele pode estar se aproximando da nossa consciência por detrás, avançando através de regiões da nossa escuridão em direção à nossa luz, muito antes de começarmos a ter consciência de que ele está atendendo ao nosso pedido — ele lhe atendeu e está visitando seu Filho.

107 | *A vingança de Deus*

“Minha é a vingança”, ele diz. Com uma compreensão correta disso, podemos pedir a vingança de Deus tanto quanto pedimos seu perdão. A vingança é destruir o pecado, fazendo com que o pecador o abjure e odeie. Não há nenhuma satisfação em uma vingança que busque ou realize menos que isso. O homem deve se voltar contra si mesmo, e assim vai ser a favor de si mesmo. Se nada mais o fizer, vai ser o fogo do inferno. Vai ser a retribuição de Deus se algo menos o fizer, seja o que for que traga arrependimento e autorrepúdio. Amigos, se orações são feitas contra nós, se a vingança de Deus for invocada por causa de alguma coisa errada que vocês fizeram ou que eu fiz, Deus vai nos dar sua vingança. Não pensemos que vamos escapar.

108 | *O caminho do entendimento*

Quem faz aquilo que vê, entenderá. Quem se baseia no entendimento e não na ação continuará tropeçando, errando e falando asneiras [...] É quem correu que lerá, e não outro.⁴ Não foi a intenção do Contador de Parábolas que qualquer um que saiba intelectualmente aquilo que, conhecido apenas intelectualmente, será para seu prejuízo, aquilo que, sabendo intelectualmente, ele imaginaria ter apreendido, talvez até mesmo se apropriado. Quando o peregrino da verdade prossegue em sua jornada até a região da parábola, ele encontra sua interpretação. Não é uma fruta ou uma joia a ser guardada, mas uma fonte jorrando à beira do caminho.

109 | *Cegueira penal*

Aqueles que por insinceridade e falsidade fecham seus olhos mais profundos não serão capazes de usar neste assunto os olhos mais superficiais de seu entendimento [...] Isso ajudará a remover a dificuldade que as parábolas constituem totalmente para o ensino da verdade, mas mesmo assim o Senhor fala por elas para ocultar a verdade. Elas são para o entendimento do homem que é prático — que faz o sabe, que busca entender vitalmente. Elas revelam à consciência viva, não ao intelecto mais aguçado.

110 | *O mesmo*

Os primeiros estão contentes em ter a luz lançada sobre seu caminho, e os últimos a terão em seus olhos, mas não podem. Se pudessem, a luz os cegaria. Seria a maior condenação para eles se eles soubessem mais. Eles não estão prontos para saber mais, então, mais não lhes será dado [...] “Vocês escolheram a escuridão, vocês permanecerão na escuridão até que os terrores que habitam a escuridão os acusem e os levem a clamar.” Deus pôs um selo na vontade do homem. Esse selo ou é seu grande castigo, ou seu poderoso favor: ou “Vós amais a escuridão, permanecereis na escuridão”, ou “Oh mulher, grande é a tua fé: seja feito conforme a tua vontade!”

111 | Entra em acordo sem demora com teu adversário

Resolva qualquer reclamação que haja contra você. Há uma ânsia por detrás disso. Faça de uma vez o que é sua obrigação. Como não há como escapar da obrigação de pagar, escape pelo menos da prisão que lhe será forçada. Não force a justiça. A obrigação é imperativa e tem de que ser cumprida. É inútil pensar em escapar da eterna lei das coisas: ou render-se a você mesmo ou obrigar Deus a obrigar você.

112 | *O inexorável*

Não, não há escapatória. Não existe céu com um pouco de inferno em si, nem um plano de reter isto ou aquilo do diabo em nossos corações ou em nossos bolsos. Satanás deve ir embora, totalmente e completamente.

113 | *Cristo, justiça nossa*

Cristo é a nossa justiça, não que devamos escapar da punição, e menos ainda escapar de sermos justos, mas o é na condição de criador vivo e poderoso da retidão em nós, de modo que, recebendo de boa vontade o seu Espírito, possamos, tal como ele, resistir até o sangue, lutando contra o pecado.

114 | *Concorde rapidamente*

Resolva seus problemas com aqueles que têm alguma coisa contra você enquanto ainda estão próximos e a situação não piorou a ponto de não poder ser resolvida. *Você terá de fazer isso*, e sob circunstâncias menos favoráveis que agora. Adiar não adianta nada. Você precisa. Há algo a ser feito. Existem maneiras de convencê-lo.

115 | *Deveres para com o inimigo*

É uma questão muito pequena se a outra pessoa deve ou não a você o seu direito, mas é uma questão de vida ou morte se você lhe deve o direito que a ela pertence. Se a outra pessoa paga ou não a você o que você entende que ela lhe deve, você terá que lhe pagar o que deve a ela. Se você lhe deve uma libra e essa pessoa lhe deve um milhão, você deve pagar a libra, ela pagando ou não a você o milhão que lhe deve. Não há paralelo comercial nessa questão. Se ela lhe deve amor, mas paga com ódio; você, devendo amor, deve pagar com amor.

116 | *A prisão*

Acho que vi de longe alguma coisa da prisão final de todos, a cela mais interna do devedor do universo [...] É o vasto exterior, a escuridão medonha além dos portões da cidade da qual Deus é a luz — onde os cães malignos vão mudando, silenciosos como a escuridão, pois não há mais nem som nem visão. O tempo dos sinais já passou. Todo sentido (teve) seus sinais, e todos foram mal utilizados. Não há mais sentido, não há mais sinal — nada mais pelo qual se possa crer. O homem desperta da luta final da morte, em absoluta solidão como no momento mais miserável da infância abandonada que ele nunca conheceu. Nem uma pista, nem uma sombra de algo fora de sua consciência o alcança [...] Logo a miséria vai gerar mil formas de brados de infortúnio que ele não será capaz de governar, direcionar ou mesmo distinguir de presenças reais.

117 | *Não é bom estar só*

Em um caso assim, creio que a pessoa estaria alegre de entrar em contato com o pior e mais detestado inseto. Isto seria uma forma de vida, algo além e ao lado de seu próprio ser imenso, sem forma e vazio! Imagino tal sentimento na oração dos demônios sendo expulsos e indo para os porcos [...] Sem a correção, a reflexão, o apoio de outras presenças, ser não é apenas inseguro, é um horror para qualquer um, a não ser Deus, que é o seu próprio ser. Para aquele cuja ideia é de Deus, e a imagem de Deus, seu próprio ser também é fragmentário e imperfeito demais para ser qualquer coisa como uma boa companhia. São as criaturas amáveis que Deus criou ao nosso redor, dando-nos de si mesmo nelas, que, até que o conheçamos, nos salvam do frenesi da solidão — pois essa solidão é o eu.

118 | *Sede perfeitos*

Seja quem for que viva deve parar de ser um escravo e se tornar um filho de Deus. Não há casa de descanso no meio do caminho onde a impiedade possa ser desvalorizada nem se mostrar totalmente fatal. Sejam eles poucos ou muitos lançados em tal prisão, tal como me esforcei para imaginar, não pode haver libertação para a alma humana, seja nesta prisão, seja fora dela, mas em pagar até o último centavo, em tornar-se humilde, em penitenciar-se, em negar-se a si mesmo, recebendo assim a filiação e aprendendo a clamar “Pai”.

119 | *O coração*

Nenhuma Escritura é de particular interpretação, então, não há sentimento no coração humano que exista naquele coração em particular que não esteja, em alguma forma ou grau, em todo o coração.

120 | *Culpa preciosa*

Não importa quanto sua imagem tenha sido desfigurada em mim, a coisa desfigurada é sua imagem e permanece sendo sua imagem desfigurada — ainda é uma imagem que pode ouvir a voz dele. O que me faz perverso e miserável é que o que foi estragado em mim é a imagem do que é Perfeito. Nada pode ser maligno, a não ser em virtude de uma boa hipóstase. Não, não! Nada pode fazer com que eu não seja um filho de Deus! Se alguém disser: “Veja os animais. Deus os criou. Você não os chama de filhos de Deus?”. Eu respondo: “Mas eu sou culpável, os animais, não! Eu me apego à minha culpa. Esse é o selo da minha filiação”. Não tenho nada a discutir com relação aos animais, pois não os entendo. Eu tenho certeza de duas coisas: Deus é um “Criador fiel” e quanto antes eu colocar em ação minha reivindicação de ser filho de Deus, melhor para eles, pois eles também são criaturas caídas, ainda que sem culpa.

121 | *O mesmo*

Não importa quão mau eu seja, sou filho de Deus, e aí está a minha culpa. Ah, eu não vou perder a minha culpa! Na minha culpa está a minha esperança.

122 | *Homem glorificado*

Tudo deve finalmente estar sujeito ao homem, como tudo estava sujeito ao Homem. Quando Deus puder fazer o que ele quiser com o homem, este poderá fazer o que quiser com o mundo. Ele poderá andar no mar tal como seu Senhor. A coisa mais mortal não será capaz de feri-lo.

123 | *Vida no mundo*

Todas as coisas foram feitas *por intermédio da* Palavra, mas o que estava *na* Palavra era a vida, e a vida é a luz dos homens. Aqueles que vivem por essa luz, que é viva como Jesus viveu, por obediência, a saber, ao Pai, têm uma parte em sua própria criação. A luz se torna vida neles. Eles estão, em seu modo inferior, vivos com a vida que nasceu primeiramente em Jesus, por intermédio dele essa luz nasceu neles — pela obediência eles se tornam um com a divindade: “E a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”.

124 | *O ofício de Cristo*

Jamais poderíamos ter conhecido o coração do Pai, jamais nos teria sido possível amá-lo como filhos a não ser por ele, que lançou a si mesmo no abismo que se escancarava entre nós. Nele e por intermédio dele fomos previamente ordenados à filiação, a qual jamais alcançaríamos sem ele, mesmo que nunca tivéssemos pecado. De fato, nunca seríamos filhinhos que amam o Pai, mas filhos longe da filiação que compreende e adora.

125 | *A lentidão da nova criação*

Para começar, assim como o mundo deve ser redimido em alguns poucos homens, de igual modo a alma, para começar, é redimida em alguns dos seus pensamentos, obras e ações, para começar. Leva muito tempo para terminar a nova criação dessa redenção.

126 | *A nova criação*

Quando os filhos de Deus se mostrarem como são, assumindo, com tal caráter, a aparência e o lugar que pertence à sua filiação, quando os filhos de Deus se assentarem com o Filho de Deus no trono do seu Pai, então eles serão os senhores da criação terrena, segundo o poder dos fatos, os outorgadores da liberdade e paz a ela. Aí então a criação, que ficou sujeita à vaidade por causa deles, encontrará sua liberdade na liberdade deles, sua alegria na alegria da filiação deles. Os animais se gloriarão ao servi-los, se alegrarão ao ajudá-los. Que os desprezíveis zombem, que os injustos desprezem. O coração que brada “Aba, Pai”, brada ao Deus do pardal e dos bois. Nem a esperança pode esperar ir longe demais esperando o que Deus vai fazer pela criação que geme e suporta angústias porque nosso nascimento superior está atrasado.

127 | *Pessimismo*

A vida de baixo nível está cansada da vida, mas é a morte, não a vida, que está cansada dela.

128 | *A obra do Pai*

Todas as coisas são possíveis com Deus, mas todas não são fáceis [...] Na própria natureza do ser — isto é, Deus — deve ser difícil — e a história divina mostra quão difícil — criar o que não será ele mesmo, mas, mesmo assim, é como ele mesmo. O problema até o momento é separar dele o que ainda deve ser totalmente dependente e estar nele para sempre para ter a existência de um indivíduo, e ser capaz de se voltar, considerá-lo, escolhê-lo e dizer: “Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai [...]”. Imagino a dificuldade de fazer assim, de afetar essa criação, essa separação dele mesmo, para que essa vontade na criatura seja possível. Imagino, eu digo, que para isso Deus deve começar inconcebivelmente distante nas regiões infinitesimais dos começos.

129 | *O fim*

O objetivo último da separação não é a individualidade. Esta é apenas um meio para o seguinte: o objetivo último é a unidade — uma impossibilidade sem a mesma. Pois não pode haver unidade, nem um desfrutar do amor, nem harmonia, nem bem no ser onde há apenas um. É preciso que haja pelo menos dois para que haja unidade.

130 | *Impasse*

O homem pensa que é difícil obter o que quer, pois ele não quer o melhor. Deus acha que é difícil dar, pois ele daria o melhor, mas o homem não receberia.

131 | *As duas piores heresias*

A pior heresia, próxima da que separa a religião da justiça, é a que separa o Pai do Filho [...] representar o Filho fazendo isso que o Pai mesmo não faz.

132 | *Crescimento cristão*

Todo o crescimento do cristão é a vida que ele recebe mais e mais. No começo sua religião dificilmente pode ser distinta do simples desejo prudente de salvar sua alma, mas por fim ele perde a própria alma na glória do amor, e assim se salva. O eu se torna apenas a nuvem na qual a alva luz de Deus divide harmonias indizíveis.

133 | *Vida e sombra*

A vida é tudo. Muitos sem dúvida confundem a alegria da vida pela vida em si, e, desejando a alegria, definham com uma sede que é ao mesmo tempo pobre e inextinguível. Mas mesmo essa sede aponta para a fonte única. Essas pessoas amam o eu, não a vida, e o eu não é outra coisa a não ser a sombra da vida. Quando o eu é entendido como se fosse a própria vida, e se estabelece no centro do homem, ele se torna uma morte viva no homem, um demônio a quem ele adora como se fosse seu Deus. Ele aperta em seu peito o verme da morte eterna como se fosse sua única alegria.

134 | *Falso refúgio*

Evitemos, dentre todas as coisas, o falso refúgio de um colapso cansado, uma complacência sem esperança em relação às coisas como elas são. É a vida em nós que está descontente. Precisamos mais do que está descontente e não a causa desse descontentamento.

135 | *Uma compreensão boba*

Nenhuma noção boba de bancar o herói — o que criaturas como nós que nem são honestas têm a ver com heroísmo?

136 | *Aridez*

O homem verdadeiro confia em uma força que não é sua e que ele não sente, nem mesmo quando a deseja.

137 | *Perseverança*

Crer no real totalmente desperto, por meio de todo o sonho estupefato, enervante e distorcido: querer acordar, quando o próprio ser parece sedento de repouso sem Deus: esses são os passos quebrados para os altos campos onde o repouso é apenas uma forma de força; força, mas uma forma de alegria; alegria, mas uma forma de amor.

138 | *Formas inferiores*

Confio que a vida em suas formas inferiores está no caminho do pensamento e da bem-aventurança, está no processo daquela separação, por assim dizer, de Deus, na qual consiste a criação das almas vivas.

139 | *Vida*

Quem não a tem tampouco pode nela acreditar: como poderia a morte crer na vida, ainda que todas as aves de Deus estejam cantando jubilantes sobre o túmulo vazio?

140 | *O círculo eterno*

Obediência é a união dos elos do círculo eterno. Obediência é apenas o outro lado da vontade criativa. A vontade é a de Deus, a obediência é a vontade do homem, e as duas formam uma só. A vida original, conhecendo bem os mil problemas que traria sobre ele, criou e continua a criar outras vidas, que, embora incapazes de ser em si, podem, por obediência voluntária, desfrutar da alegria de seu ser essencial auto-ordenado. A vida eterna é nossa se cumprirmos a vontade de Deus — não uma simples continuação da existência, pois esta em si mesma é tão sem valor quanto o inferno, mas um ser que é um com a vida essencial.

141 | *A grande única vida*

O Deus infinito, a grande única vida, além da qual não há outra, apenas sombras, sombras amáveis dele.

142 | *O princípio da sabedoria*

Naturalmente a primeira emoção do homem diante do ser que chama de Deus, mas a quem conhece tão pouco, é o temor. Onde é possível que o temor exista, é bom que ele exista, cause contínuo desassossego e seja expulso por nada menos que o amor [...] Até que o amor, que é a verdade na direção de Deus, seja capaz de expulsar o medo, é bom que o medo se mantenha. É um vínculo, ainda que pobre, entre aquele que é aquele que cria — um elo que pode ser quebrado, mas que pode ser quebrado apenas pelo apertar de um vínculo infinitamente mais próximo. Deus deve verdadeiramente ser terrível para aqueles que estão longe dele, pois eles temem o que ele fará, sim, ele está fazendo com eles o que eles não podem desejar e mal podem suportar.

143 | “*Paz em nosso tempo*”

Enquanto eles são como são, há muito nele que não pode deixar de amedrontá-los. Eles devem temer a Deus e fazem bem em temê-lo [...] Remover esse medo dos corações deles, a não ser por deixá-los conhecer o seu amor com seu fogo purificador, um amor duradouro, poderia ser, eles não podem saber, como entregá-los completamente ao poder do mal. Persuadir os homens de que o medo é algo vil, que é um insulto a Deus, de que ele não fará nada — enquanto eles ainda estão apaixonados por sua própria vontade, e escravos de qualquer momento de impulso passional, e qual será a consequência disso? A consequência será que eles insultarão Deus como um ídolo descartado, uma superstição, uma falsidade, algo sob cuja influência eles há muito gemem, algo para ser expulso e cuspidor. Depois disso, quanto eles aprenderão dele?

144 | *Fogo divino*

O fogo de Deus, que é sua essência, seu amor, seu poder criativo, é um fogo diferente de seu símbolo terreno nesse sentido, pois ele queima apenas à distância — quanto mais longe dele, mais ele queima.

145 | *O lugar seguro*

Então, se qualquer dos filhos do Pai se sentir amedrontado diante dele, alguém para quem o pensamento de Deus é um desconforto ou até mesmo um terror, que ele se apresse — que ele não demore para colocar qualquer roupa, mas corra de uma vez em sua nudez, um filho verdadeiro, para encontrar abrigo de seu próprio mal e do terror de Deus, para a salvação nos braços do Pai.

146 | *Deus e a morte*

Tudo que não é Deus é a morte.

147 | *Terror*

Deve ser sem-fim o nosso terror, até que cheguemos intimamente perto do núcleo do universo, o primeiro e último daquele que vive.

148 | *Desejo falso*

Homens que preferem receber a salvação de Deus a ter Deus como a salvação deles.

149 | *O direito de um homem*

Se fosse possível que qualquer alma não infantil pudesse, em arrogância e ignorância, pensar em exigir seus direitos *diante de* Deus, e exigir dele isso ou aquilo segundo a vontade da carne, eu apresentarei para esse alguém algumas coisas às quais ele tem direito [...] Ele pode reivindicar ser impelido a se arrepender, ser cercado por todos os lados, ter os cães pastores fortes e de dentes afiados do Grande Pastor de Ovelhas, um após o outro, enviados atrás dele para impedir todo desejo seu, atrapalhar todo plano, frustrar toda esperança até que ele finalmente entenda que nada aliviará sua dor, nada fará sua vida digna de ser vivida, a não ser a presença do Deus vivo em seu interior.

150 | *Natureza*

Naquilo que pertence aos significados mais profundos da natureza e a mediação que ela exerce entre nós e Deus, as aparências da natureza são verdades da natureza, muito mais profundas que quaisquer descobertas científicas nelas e a respeito delas. A demonstração é de coisas com as quais Deus mais se preocupa, pois sua demonstração é a face de coisas muito mais profundas que elas [...] É por intermédio dessa demonstração, não por intermédio da análise delas, que penetramos em suas verdades mais profundas. O que elas dizem à alma infantil é a coisa mais verdadeira a ser extraída delas. Conhecer uma flor é mais sublime do que saber tudo da botânica a respeito dela, assim como conhecer a Cristo é infinitamente superior do que saber tudo de teologia, saber tudo que é dito a respeito de sua pessoa ou tudo que é dito a respeito de sua obra. O corpo do homem não existe por causa de seus segredos ocultos. Seus segredos ocultos existem por causa do seu exterior, para a face e a forma nas quais a revelação habita. Seu exterior é o mais profundo disso. Assim também a Natureza existe primariamente por causa de seu rosto, sua aparência, seu apelo ao coração e à imaginação, seu serviço simples à necessidade humana, e não para os segredos a serem descobertos nela e transformados em uso posterior do homem.

151 | *O mesmo*

Por uma decomposição infinita não podemos saber nada mais do que uma coisa realmente é, pois, no momento em que a decompomos, ela deixa de ser e todo o seu significado se desvanece. Infinitamente mais do que a própria astronomia, que não destrói nada, pode fazer por nós é feito pelo simples aspecto e pelas mudanças da abóbada celeste acima de nossas cabeças. Pense por um momento em qual seria nossa ideia de grandeza, de Deus, de infinitude, de desejo, se, em vez de um firmamento azul lantejoulado e distante, nós tivéssemos nascido e sido criados sob um teto branco e plano! Não devo depreciar os trabalhos da ciência, mas afirmo que suas descobertas são indizivelmente menos preciosas que os mais simples dons da natureza, que, de manhã até a noite, tomamos irrefletidamente das mãos dela. Espero que um dia sejamos capazes de entrar em seus segredos desde o interior, por contato natural [...]

152 | *Dúvida*

Negar a existência de Deus pode [...] envolver menos descrença que a menor complacência quanto a duvidar de sua bondade. Digo *complacência*, pois alguém pode ser assombrado com dúvidas, e, por conseguinte, somente vai crescer em fé. As dúvidas são mensageiras daquele que é Vivo ao honesto. Elas são a primeira batida à nossa porta de coisas que ainda não são, mas têm de ser, entendidas [...] A dúvida deve preceder cada garantia mais profunda, pois as incertezas são o que primeiro vemos quando vamos a uma região até o momento desconhecida, inexplorada e selvagem.

153 | Jó

Ao ver Deus, Jó se esquece de tudo o que queria dizer, de tudo o que ele pensou que poderia dizer se pudesse vê-lo.

154 | *A conclusão do Livro de Jó*

Jó realizou seu desejo: ele viu a face de Deus, e abominou a si mesmo em pó e cinzas. Ele buscou justificação e encontrou autorrenúncia [...] Há duas coisas claramente contidas e manifestas nessa poesia: que nem todo mundo merece que seus pecados sejam punidos permanentemente na presença do Senhor, e que o melhor dos homens, quando vê a face de Deus, vai reconhecer sua própria vileza. Deus é justo, e nunca vai tratar com o pecador como se este fosse capaz de pecar o pecado puro, mas, se o melhor dos homens não fosse libertado dele mesmo, seu eu o faria afundar em um Tofete⁵.

155 | *O caminho*

Cristo é o caminho para fora e para dentro: é o caminho para fora da escravidão, consciente ou inconsciente, até a liberdade, o caminho da estranheza das coisas rumo ao lar que desejamos mas não conhecemos, o caminho das pontas tempestuosas das vestes do Pai até a paz de seu aconchego.

156 | *Autocontrole*

Admito que o simples esforço da vontade [...] possa ser acrescentado ao esforço do homem contra sua natureza inferior, mas nesta própria natureza é Deus quem deve governar, e não o homem, não importa quão boa seja sua intenção. A partir do domínio do homem sobre si mesmo em oposição menor, embora piedosa, à lei do seu ser, surge o perigo imenso de nutrir, pelo orgulho da vitória sobre si mesmo, um eu bem pior até mesmo que o eu do animal livre — o eu demoníaco. A verdadeira vitória sobre o eu é a vitória de Deus no homem, não do homem apenas. Não é a sujeição que é o bastante, mas a sujeição por Deus. Seja o que for que o homem fizer sem Deus, ele vai fracassar miseravelmente ou ter sucesso mais miseravelmente ainda. Nenhuma parte do homem pode governar outra, pois Deus a criou, não o homem, e a parte é maior que o todo. A satisfação doentia que algumas mentes sentem em jogar fardos sobre si mesmas é um mimo, ainda que possam suspeitar, do apetite mais perigoso do eu que pensam estar mortificando.

157 | *Autonegação*

O eu nos é dado para que o sacrifiquemos. Somos nós que, tal como Cristo, devemos oferecê-lo. Não que devamos atormentá-lo, mas devemos negá-lo; não que devamos ultrapassá-lo, mas devemos abandoná-lo completamente. Então ele não pode mais ser irritado. O que isto quer dizer? Não devemos impedir, mas abandonar? [...] Quer dizer o seguinte: devemos recusar, abandonar, negar completamente o eu como um elemento dominador, determinante ou originador em nós. Ele não deve mais ser o regente das nossas ações. Não devemos mais pensar “o que eu gostaria de fazer”, mas “o que o Deus vivo deseja que eu faça?”

158 | *Matando o nervo*

Nenhum apego ou busca, nenhum anseio do indivíduo, dará movimento à vontade: nenhum desejo de ser consciente do valor dará ordem à vida. Nenhuma ambição, seja qual for, será motivo de ação. Nenhum desejo de ultrapassar o outro seja permitido em um momento de alívio da morte.

159 | O eu

Não tenho nada a consultar com você, eu meu, mas com aquele cuja ideia é a sua alma, e do qual você ainda é totalmente indigno. Tenho de fazer, não com você, mas com a sua Fonte, por quem a qualquer momento você existe — o seu Causador, não você, o efeito. Você pode ser minha consciência, mas não é o meu ser [...]

Pois Deus é mais para mim que minha consciência de mim mesmo. Ele é a minha vida, e você é apenas o tanto que meu pobre ser feito pela metade consegue apreender, o tanto que atualmente sou capaz de saber. Porque eu o enganei e o prejudiquei, porque eu o tratei como se você fosse de fato meu próprio eu, você se encolheu e me diminuiu, até que me envergonhasse de mim mesmo. Se fosse para me importar com o que você diz, logo estaria cansado de você. Mesmo agora estou indignado do seu rosto desprezível e mesquinho que vejo toda hora. Não! Que eu tenha a companhia daquele que é Perfeito, não a sua! Do meu irmão mais velho, o Vivo! Não sou amigo da simples sombra do meu próprio ser! Adeus, eu! Renego-o e farei o melhor que puder para todo dia deixar você para trás.

160 | *Meu jugo é suave*

A vontade do Pai é o jugo que Jesus deseja que tomemos e carreguemos também com ele. É acerca desse jugo e desse fardo que ele diz *é suave* e *é leve*, respectivamente. Ele não diz: “O jugo que ponho sobre vocês é suave e o fardo é leve”. O que ele diz é: “o jugo que eu carrego é suave, o fardo sobre os meus ombros é leve”. Com o jardim do Getsêmani diante de si, com a hora e o poder das trevas à sua espera, ele declara que o jugo dele é suave é que o fardo dele é leve.

161 | *Devemos ser ciumentos*

Devemos ter ciúme de Deus contra nós mesmos e olhar bem para o eu traiçoeiro e enganador, sempre traiçoeiro e enganador, até que ele saiba a respeito de Deus, até que seja totalmente e completamente negado [...] Até lá, suas negações e seus desvios de coisas queridas por causa de Cristo vão abrigar sua autoconsideração e gerar nele um culto de si mesmo ainda mais profundo.

162 | *Encarando ambos os caminhos*

Não há muitos cristãos que, tendo começado a negar-se a si mesmos, ainda gastam muita energia no esforço vão e mau para acomodar questões entre Cristo e o querido eu — buscando salvar o que eles certamente devem perder —, de maneira diferente da qual o Mestre faria com que eles as perdessem.

163 | *A alma descuidada*

A alma descuidada recebe as dádivas do Pai como se fossem uma maneira de as coisas caírem na sua mão [...] mesmo assim, ela reclama o tempo todo, como se alguém fosse responsável pelas contas que sempre lhe chegam. Ela não agradece pelo bem que recebe — quem está lá para agradecer? E resmunga por causa dos desapontamentos que lhe sobrevêm — sempre precisa de alguém para responsabilizar!

164 | *Não há mérito nisto*

Via de regra, amamos porque não podemos evitar. Não há mérito nisso: como haveria algum amor? Mas também não é egoísta. Muitos há que confundem justiça com mérito e pensam que não há nada justo onde não há nada meritório. “Se você se alegra em amar isso”, dizem, “qual é o seu mérito?” Não há mérito, respondo, mas o amor que é nascido em nós é nossa salvação do egoísmo. É a própria essência da retidão [...] Que *certas* alegrias sejam alegrias é a negação do egoísmo. O homem seria um homem diabolicamente egoísta, a quem o próprio Amor não fez alegre.

165 | Fé

Você pergunta: “O que é ter fé nele?”. Eu respondo: é abandonar o próprio caminho, seus objetos, seu eu e assumir a ele e o caminho dele; é deixar de lado a sua confiança nos homens, no dinheiro, na opinião, no caráter e até na expiação e *fazer o que ele lhe diz para fazer*. Não sou capaz de encontrar palavras fortes o bastante que sirvam ao peso dessa obediência.

166 | *O equivocado*

Em vez de conhecer a Cristo para que por ele sejam salvos, eles se desperdiçam em um autoexame doentio para saber se ainda creem, se de fato confiam na expiação, se verdadeiramente se arrependeram de seus pecados — esse é o caminho para a loucura da mente e para o desespero do coração.

167 | *O caminho*

Em vez de se perguntar se você crê ou não, pergunte a si mesmo se hoje você fez ou deixou de fazer alguma coisa porque ele mandou ou proibiu. É simplesmente absurdo dizer que você crê, ou mesmo que almeja crer nele, se você não faz nada do que ele lhe diz.

168 | *A primeira e a segunda pessoa*

Adoro o Filho como o Deus humano, o divino, o único Homem, que deriva seu ser e poder do Pai, que é igual a ele, tal como um filho está no mesmo nível e é submisso ao seu pai.

169 | *Advertência*

Não devemos imaginar as coisas vagando rumo à não existência.

170 | Criação

A palavra *criação* aplicada às mais elevadas realizações do gênio humano, ela me parece uma zombaria da humanidade, esta mesma em processo de criação.

171 | *O incognoscível*

Em se tratando de como é a vida de Deus em si mesmo, só podemos saber que não podemos saber. Mesmo isso não sendo absoluta ignorância, pois ninguém pode entender isso a partir de sua própria natureza, não se pode entender algo sem se aproximar dele da maneira mais genuína.

172 | *Advertência*

Entendamos muito claramente que um ser cuja essência fosse apenas poder seria uma negação do divino, e nenhuma adoração justa poderia ser-lhe oferecida.

173 | *As duas primeiras pessoas*

A resposta ao amor autoexistente é o amor que nega a si mesmo. A recusa de si mesmo é aquela em Jesus, a que corresponde à criação em Deus [...] Quando ele morreu na cruz, ele o fez no clima selvagem de suas províncias periféricas, na tortura do corpo da sua revelação, que ele fizera em glória e em felicidade em seu lar.

174 | *A imitação de Cristo*

Não há vida para nenhum homem a não ser a vida da mesma espécie que Jesus tem. Seus discípulos devem viver pela mesma devoção absoluta de sua vontade à vontade do Pai. Aí então a vida deles será uma com a vida do Pai.

175 | *Dor e alegria*

O desenvolver desta nossa salvação deve ser doloroso, e o lidar com ela por aqueles na vida terrena sempre será em sofrimento; ainda assim a forma eterna da vontade de Deus em nós e por nós é intensidade de alegria.

176 | *“Por ele todas as coisas subsistem”*

O vínculo do universo [...] é a devoção do Filho ao Pai. É a vida do universo. Este vínculo não está no fato de que Deus criou todas as coisas, de que fez o universo como um todo, mas no fato de que aquele por intermédio de quem todas as coisas foram criadas o ama perfeitamente, e está eternamente contente em seu Pai, está satisfeito em ser porque seu Pai está com ele. Não é o fato de que Deus é tudo em todos que unifica o universo; é o amor do Filho ao Pai. Pois a unidade não vem de nenhuma unicidade. Não pode haver unicidade onde há apenas um. Pois pelo próprio princípio da unidade deve haver dois. Logo, sem Cristo o universo não existiria.

177 | “A vida estava nele”

Nós também devemos ter a vida em nós mesmos. Nós também devemos viver, tal como a própria Vida o faz. Não podemos viver de nenhum outro modo, a não ser daquele pelo qual Jesus viveu, no qual a vida foi feita nele. O caminho é renunciar à própria vida [...] Até que não estejamos vivos, a vida não será feita em nós. Toda a luta, o labor e a agonia do Filho com cada pessoa é para que cada um morra como ele morreu. Toda pregação que não tenha esse objetivo está edificando com madeira, palha e restolho.

178 | *Porque não temos a “Ipsissima Verba”⁶ de Cristo*

Deus não se preocupou em que tivéssemos certeza absoluta de suas próprias palavras, e talvez tenha sido assim por causa da tendência que seus filhos têm de adorar as palavras, de usar uma lógica falsa e corromper a verdade. Ele não os teria oprimidos pelas palavras, vendo que as palavras, sendo humanas, são consequentemente e apenas parcialmente capazes, mas não de modo absoluto, de conter ou expressar o que o Senhor quis dizer. Ele mesmo deve depender do espírito do seu discípulo para ser entendido. Entender isso não dá a vida, e a letra não deve ser dotada de capacidade para matar.

179 | *Advertência*

“Como vou saber que algo é verdadeiro?” Fazendo o que se sabe que é verdadeiro, sem dizer que algo é verdadeiro até que se veja que aquilo é verdadeiro. Fechando sua boca até que a verdade abra. Você deve permanecer em silêncio? Então, ai de você se falar.

180 | Sobre a arte religiosa de má qualidade

Se o Senhor aparecesse hoje na Inglaterra como apareceu uma vez na Palestina, ele não viria com o halo dos pintores ou com o brilho gélido daquela beleza efeminada de fraqueza doce com a qual os artistas com frequência o representam.

181 | *Como ler as Epístolas*

A incerteza sempre está na região intelectual, nunca na prática. As questões com as quais Paulo se preocupa são claras o bastante para o coração sincero, mas distantes para aquele cujo desejo de entender ultrapassa o desejo de obedecer.

182 | *A entrada de Cristo*

Quando recebemos sua imagem em nosso espelho espiritual, ele entra com ela. Nosso pensamento não é entrecortado do pensamento dele. Nosso pensamento receptivo é a porta pela qual ele entra. Quando nossos corações se voltam para ele, nós lhe abrimos a porta, que está levantando nosso espelho para ele, aí então ele vem, não apenas por nosso pensamento ou alguma ideia que tenhamos, mas ele mesmo, e sua própria vontade; ele entra, não como se pudéssemos tomá-lo, mas como ele pode entrar.

183 | *O mesmo*

Assim o Senhor [...] torna-se a alma das nossas almas, torna-se espiritualmente o que ele sempre foi criativamente e informa nosso espírito, dando forma aos nossos corpos, da mesma maneira que sua alma informa e dá forma às nossas almas. A alma mais profunda, a Vida infinita que desejou e deseja se levantar até o Eu que chamamos de “eu” e “mim”, mas que vive imediatamente dele e é propriedade particular e natureza — bem mais dele do que nossa [...] até que a glória da nossa existência brilhe sobre nós, vemos o sol que ilumina o que é enviado e sabemos de nós mesmos vivos com uma vida infinita, mesmo a Vida do Pai sabe que nossa existência não é a luz do luar de uma mera consciência do ser, mas sim a glória do sol de uma vida justificada por ter-se tornado uma com sua origem, pensamento e sentimento com o sol primal da vida, do qual foi deixado para que pudesse conhecer e refletir a si mesmo e retornar para sempre a este ciclo em harmonia exultante ao redor dele.

184 | *Os usos da natureza*

Que noção teríamos do que não muda e é imutável, sem a solidez da matéria? [...] Como poderíamos imaginar o que podemos a respeito de Deus sem o firmamento acima de nossas cabeças, uma esfera visível, mas uma infinitude sem forma? Que ideia teríamos de Deus sem o céu?

185 | *Ciências da natureza*

A ciência humana é apenas o desfazer da rede da tapeçaria da ciência de Deus, ela trabalha de costas para ele e o abandona sempre — seu intento, isto é, sua obra perfeita por detrás da ciência, sempre indo mais e mais distante do ponto onde a obra de Deus culmina em revelação.

186 | *O valor da análise*

A análise é boa, assim como a morte.

187 | *Natureza*

A verdade da flor não está nos fatos a respeito dela, ainda que esses sejam corretos de acordo com a ciência ideal em si, mas na coisa brilhante, reluzente, alegre e paciente entronizada em seu caule — a força de seu sorriso e de sua lágrima [...] A ideia de Deus é a flor. Sua ideia não é a botânica da flor. A botânica é apenas um conjunto de caminhos e meios; é tela, cor e pincel em relação à imagem na mente do pintor.

188 | *Água*

A ideia divina da água é oxigênio e hidrogênio? Deus colocou os dois elementos juntos apenas para que o homem pudesse separá-los e descobri-los? Ele permite que seu filho despedace seus brinquedos, mas acaso estes foram feitos para serem despedaçados? Ele não será uma criança a ser invejada por alguém cujo pai inglório fizesse brinquedos com tal finalidade! Um professor de escola pode ver o melhor uso para um brinquedo, mas não um pai! Descubra para nós o que na constituição de dois gases os torna apropriados e capazes de serem honrados ao formar a coisa amável, e você nos dará uma revelação sobre algo mais do que a água, a saber, sobre o Deus que fez o oxigênio e o hidrogênio. Não há água nem no oxigênio nem no hidrogênio. A água vem borbulhando fresca da imaginação do Deus vivo, correndo por debaixo do grande trono branco de um glaciário. O simples pensar nisso faz com que se tenha um suspiro de alegria elementar que nenhum filósofo metafísico pode analisar. A água, que dança, canta e mata a sede maravilhosa é símbolo e figura do que a mulher de Samaria pediu a Jesus — essa coisa amável em si, cujo próprio testemunho é um prazer para cada centímetro do corpo humano a seu alcance, esta coisa viva que, se eu pudesse, teria correndo em meu quarto, sim, como um riacho balbuciante em minha mesa. Essa água é seu próprio ser, sua própria verdade, e nela está uma verdade de Deus. Que aquele que vai conhecer a verdade do Criador fique sedento e beba do riacho à beira do caminho — então eleve seu coração neste momento não ao Criador do oxigênio e hidrogênio, mas ao Inventor e Mediador da sede e da água, para

que o homem possa antever um pouco do que sua alma pode encontrar em Deus.

189 | *A verdade das coisas*

A verdade *de uma coisa* então é seu florescer, a coisa para a qual ela foi feita, a pedra mais elevada estabelecida com regozijo. A verdade na imaginação de uma pessoa é o poder de reconhecer tal verdade de uma coisa.

190 | *Cautela*

No entanto, bem mais elevado será o fazer do mínimo, o mais insignificante. O dever o eleva.

191 | *Deveres*

Estas relações são fatos da natureza do homem [...] Ele é constituído de forma tal, em princípio, a entendê-los mais do que amá-los, com a vantagem resultante de ter por conseguinte a oportunidade de escolhê-los puramente porque são verdadeiros: ao assim fazer, ele escolhe amá-los e está capacitado a amá-los no fazer, e somente assim eles lhe são revelados e passíveis de serem amados. Então eles deixam de se mostrar na forma de deveres e aparecem como na verdade são, isto é, verdades absolutas, realidades essenciais, prazeres eternos. O homem é homem de verdade quando escolhe o dever, e é um homem perfeito quando nem pensa mais no dever e até se esqueceu dessa palavra.

192 | *Porque o livre-arbítrio foi permitido*

Quem busca a verdade por mero impulso seria um animal santo, não um homem de verdade. Relações, verdades, deveres são apresentados ao homem adiante dele, para que este possa escolhê-los e então ser um filho de Deus, escolhendo a justiça como ele. Daí vem a triste história do humano vitorioso e a glória a ser revelada.

193 | *Morte eterna*

Não cumprindo essas relações, o homem está desfazendo seu direito à sua própria existência, destruindo sua *raison d'être*⁷, fazendo de si mesmo um monstro, uma razão viva pela qual ele não deve viver.

194 | *A redenção da nossa natureza*

Quando (alguém) está consciente da oposição em si, que não é harmonia, que, enquanto a odeia, mesmo assim está presente com ele, e parece ser ele mesmo, aquilo que algumas vezes ele chama de *velho Adão*, outras vezes de *carne*, algumas vezes sua *natureza inferior*, outras vezes seu *eu maligno*, e algumas vezes reconhece como simplesmente aquela parte de seu ser onde Deus não está. Então de fato o homem está na região da verdade, começando a ser verdadeiro em si mesmo. Não demorará muito para que ele descubra que não há parte em si mesmo com a qual ele estaria em conflito, como Deus estava lá, para que isto fosse verdade, como deveria ser, em uma relação justa com o todo. Pois por qualquer que seja o nome chamado, o velho Adão, ou um cavalo, ou um cachorro, ou um tigre, ele então cumpriria sua parte de maneira santa, sem se intrometer em nada, sujeito totalmente à regra do superior, do cavalo, ou cachorro, ou tigre, e seria um bom cavalo, um bom cachorro, um bom tigre.

195 | *Não há mistério*

O homem se prostra diante de um poder que pode ser responsável por ele, um poder para quem o homem não é mistério, tal como ele é mistério para si mesmo.

196 | *A verdade viva*

Quando um homem, com toda a sua natureza, ama e deseja a verdade, ele então é uma verdade viva. Porém, isso não se originou nele mesmo. Ele a viu e se esforçou por ela, mas não a originou. A verdade mais original, viva e visível, que abrange todas as verdades em todas as relações, é Jesus Cristo. Ele é verdadeiro. Ele é a Verdade viva.

197 | *Semelhança com Cristo*

Sua semelhança com Cristo é a verdade do homem, do mesmo modo que o significado perfeito de uma flor é a verdade da flor [...] Assim Cristo é o florescer da humanidade, de modo que o florescer de cada homem é Cristo aperfeiçoado nele.

198 | *Graça e liberdade*

Ele nos concede a vontade por meio da qual desejamos, e o poder para usá-la, e o auxílio necessário para suplementar o poder [...] mas nós devemos desejar a verdade, e o Senhor está esperando por isso [...] A obra é dele, mas devemos assumir nossa parte voluntariamente. Quando a flor brota em nós, quanto mais ela é nossa, mais é dele.

199 | *Liberdade gloriosa*

Quando um homem é verdadeiro, mesmo se ele estivesse no inferno, não poderia ser miserável. Ele está em justa relação consigo mesmo porque está em justa relação com aquele de onde ele veio. Estar em justa relação com Deus é estar em justa relação com o universo, é ser um com o poder, o amor, a vontade do Pai poderoso, aquele que aprecia a alegria, o Senhor do riso, de quem são todas as glórias, todas as esperanças, que ama tudo e não odeia nada senão o egoísmo.

200 | *Não há meio termo*

Na verdade, não há meio termo entre a harmonia absoluta com o Pai e a condição de escravos — ou submissão, ou rebelião. Nesse caso, a rebelião deles é pela força do Pai neles.

201 | *Sobre ter o próprio caminho*

A liberdade de Deus que libertava suas criaturas está em conflito com a escravidão da criatura que cortaria o próprio caule de sua raiz para que ele pudesse amá-la e chamá-la de sua. Quem se regozija em sua própria consciência em vez de regozijar-se na vida dessa consciência, que se equilibra na parede cambaleante do seu próprio ser, em vez de equilibrar-se na rocha na qual aquele ser está edificado. Este tal considera seu próprio domínio sobre si mesmo — o governo do maior pelo menor, como uma liberdade infinitamente maior do que o alcance do universo do ser de Deus. Se ele disser: “Pelo menos eu tenho o meu próprio caminho”, responderei: “Você não sabe qual é ou qual não é o seu caminho. Você não sabe nada sobre a fonte de onde vêm seus impulsos, seus desejos, suas tendências, seus gostos. Eles podem brotar ora de algum acaso, como nervos adoecidos, ora de algum rugido de um demônio errante sem corpo, ora de algum ódio infantil em seu coração, ora da ganância da impiedade de algum ancestral de quem você se envergonharia se conhecesse ou, talvez, de algum acorde penetrante de uma orquestra celestial. O momento vem à sua consciência, você o chama do seu próprio jeito e se gloria nele.

202 | *A morte de Cristo*

Cristo morreu para nos salvar de nós mesmos, não do sofrimento, não da injustiça, e menos ainda da justiça, mas para salvar-nos de sermos injustos. Ele morreu para que pudéssemos viver, mas viver como ele vive, ao morrer como ele morreu para si mesmo.

203 | *Inferno*

O único princípio do inferno é: “Eu pertenço a mim mesmo!”.

204 | *A mentira*

Pois a todos estes princípios do inferno, ou deste mundo — que estão dizendo a mesma coisa, e não importa se são afirmados ou defendidos, desde que sejam atendidos — o Senhor, o Rei, afirma diretamente que são mentira.

205 | *O temor do autor*

Se eu errar, ele me perdoará. Eu não o temo: temo apenas que, sendo capaz de ver e escrever estas coisas, eu fracasse em testemunhar e que eu seja, depois de tudo, um náufrago, não um rei, mas um tagarela; não um discípulo de Jesus, pronto a ir até a morte com ele, mas um arguidor a respeito da verdade.

206 | *Sinceridade*

Não somos obrigados a dizer o que pensamos, mas somos obrigados a nem sequer olhar para aquilo que não pensamos.

207 | *Primeiras coisas primeiro*

Oh! A loucura de tantas mentes que tentam explicar Deus antes de obedecer-lhe! Elas que querem mapear o caráter de Deus em vez de clamar: “Senhor, que queres que eu faça?”

208 | *Amor inexorável*

Um homem pode bajular, subornar ou persuadir um tirano, mas não há lugar onde refugiar-se do amor de Deus. Esse amor, pelo próprio amor, insistirá até o fim: “Este não é o tipo de amor com o qual eu me preocupo!” Não. Como você poderia? Acredito mesmo nisso.

209 | *Salvação*

A ideia de que a salvação de Jesus é uma salvação das consequências do nosso pecado é falsa, isto é, uma compreensão baixa [...] Jesus não morreu para nos salvar do castigo. Ele foi chamado Jesus porque salvaria o seu povo de seus pecados.

210 | *Caridade e ortodoxia*

Qualquer um que tente obedecer ao Mestre é meu irmão, considerando ele isto ou não, e eu o reverencio, mas acaso vou dar guarida ao que vejo ser uma mentira só porque meu irmão acredita nisso? A mentira não é de Deus, seja lá quem for que a sustente.

211 | *Evasão*

Adiar a obediência a ele até que encontremos uma teoria crível a respeito dele é deixar de lado a poção que sabemos que é nossa obrigação tomar, pelo estudo de várias escolas de terapia.

212 | *Amor inexorável*

Tal é a misericórdia de Deus, que ele manterá seus filhos no fogo consumidor da distância dele até que paguem o último centavo, até que deixem cair a bolsa do egoísmo com todo entulho que está nela e corram para casa, até o Pai e o Filho e os muitos irmãos; corram para dentro do centro do fogo doador de vida, cujos círculos exteriores queimam.

213 | *O Espírito Santo*

A quem obedece e desta maneira abre a porta do seu coração para receber o dom eterno, Deus dá o Espírito de seu Filho, o Espírito dele mesmo para estar nele e conduzi-lo ao entendimento de toda a verdade [...] O verdadeiro discípulo sempre saberá o que deve fazer, não necessariamente o que outro discípulo deve fazer.

214 | *O sentido do pecado*

O sentido do pecado não é inspiração, ainda que esse sentido não esteja longe da porta do templo. De fato, o sentido do pecado é um abridor de olhos, mas à custa de uma profanação doméstica, não por uma verdade celestial.

215 | *Teologias medíocres*

Eles consideram o Pai de seus espíritos como sendo seu governador! Eles deixaram de lado a ideia do [...] “alegre Criador” e colocaram no lugar a ideia de um Deus miserável, puritano, um chefe militar que não se preocupa com a justiça, mas com os direitos dele mesmo; não com purezas eternas, mas com boas propriedades. Os profetas desse Deus retiraram todo o brilho, toda a esperança, toda a cor, todo o valor da vida na terra, e oferecem no lugar de tudo isso o que eles chamam de alegria eterna — um inferno pálido e sem lágrimas [...] Porém, se você for rígido em sua alma adoradora de Mamom, como você crerá em um Deus muito maior que aquele que pode se levantar em uma cela de prisão?

216 | *Quanto a pensar mal a respeito de Deus*

Não permita que a tua consciência covarde receba qualquer palavra como luz porque outrem a chama de luz, enquanto para ti ela parece ser escuridão. Diga que ou a coisa não é o que parece, ou que Deus nunca disse ou fez aquilo. Mas de todos os males, interpretar equivocadamente o que Deus faz e depois dizer que aquela coisa, tal como entendida, deve ser certa porque Deus fez, é do diabo. Não tente crer em qualquer coisa que te afete como trevas. Mesmo se te enganares e recusares algo verdadeiro, tu farás um mal menor a Cristo por essa recusa que por aceitar como sendo dele o que tu vês apenas como sendo trevas [...] mas que tuas palavras sejam poucas, a não ser que digas com tua boca aquilo do qual depois te arrependerás em teu coração.

217 | *Condenação*

Ninguém é condenado por qualquer coisa que tenha feito. A condenação é para quem continuar a agir errado. Quem age assim é condenado por não sair das trevas, por não ir para a luz.

218 | *Desculpas*

Tão logo um homem começa a se desculpar é questão de tempo para que ele faça aquilo pelo qual está se desculpando.

219 | *Impossibilidades*

“Eu te agradeço, Senhor, por me perdoares, mas eu prefiro ficar nas trevas. Perdoa-me por isso também.” “Não, isto não pode ser. A única coisa que não pode ser perdoada é a escolha de ser mau, de recusar a libertação. É impossível perdoar isso. Seria tomar parte nisso.”

220 | *Desobediência*

Quantos há que parecem não ser capazes de alguma coisa por causa da Igreja ou do cristianismo, exceto aquilo com que o Senhor se importa — que eles farão o que ele lhes diz. Ele os libertaria de si mesmos, dando-lhes a liberdade dos filhos de Deus; faria deles seus irmãos. Eles o largam para se vangloriar da Igreja deles.

221 | *O mesmo*

Dizer que uma pessoa pode desobedecer e isso não seria o pior é o mesmo que dizer que o “não” pode ser um “sim” e que a luz algumas vezes pode ser trevas.

222 | *O Deus da lembrança*

Não quero dizer que Deus desejaria que sua presença mais próxima nos fizesse esquecer da presença de um amigo nosso ou deixar de desejá-la. Deus me livre! O Amor de Deus é o aperfeiçoamento de todo o amor. Ele não é o Deus do esquecimento, mas da lembrança eterna. Não há passado em Deus.

223 | *Luto*

“Ah, você sabe tão pouco a respeito da minha perda!” “De fato, sua perda é grande! Parece incluir Deus! Se você soubesse o que ele sabe a respeito da morte, você aplaudiria com suas mãos apáticas. Mas por que deveria eu inutilmente tentar dar-lhe conforto? Você deve ser humilhado para que possa ser despertado do seu sono para saber que precisa de Deus. Se você não o encontrar, uma vida sem fim com o (ser) vivo de quem você reclama se tornaria insuportável e permaneceria com você. O conhecimento do seu próprio coração lhe ensinará isto: não o conhecimento que você já tem, mas o conhecimento que você vai adquirir por meio do sofrimento. Aí então você sentirá que a existência em si é o primeiro dos males sem a justiça que é de Deus pela fé.”

224 | *A fé de Abraão*

O apóstolo diz que algo foi imputado a Abraão como justiça, ou, como a versão revisada apresenta, que algo “foi-lhe creditado como justiça”. O que é isso que foi imputado a Abraão? A justiça de outrem? De modo nenhum! Foi a sua própria fé. A fé de Abraão foi-lhe creditada como justiça.

225 | *O mesmo*

Paulo diz que a fé em Deus foi imputada como justiça antes que Moisés nascesse. Você poderá responder, Abraão foi injusto em muitas coisas, não foi um homem justo de jeito nenhum. É verdade: ele não foi um homem completamente justo em sentido algum. A justiça de Abraão jamais teria satisfeito a Paulo nem a si mesmo, pode ter certeza. Não obstante, sua fé era justiça.

226 | *Percepção dos deveres*

Você poderá dizer que esta não é a primeira percepção do dever. É verdade. Porém, na realidade, a primeira é raramente a primeira a ser percebida. O primeiro dever é elevado e profundo demais para vir primeiro à consciência. Se alguém tivesse nascido perfeito [...] o dever mais elevado seria o primeiro do qual se teria consciência. Quando nascemos, é o cumprir ou, pelo menos, a tentativa honesta de cumprir muitos outros deveres que levará a pessoa a ver que seu dever para com Deus é o primeiro, o mais profundo e mais elevado de todos, incluindo e exigindo a realização de todos os demais deveres.

227 | *Justiça da fé*

Para aquele que não tem fé em Deus, a fé em Deus não pode se parecer com justiça, nem essa pessoa pode saber que a fé é criadora de toda a justiça para com vidas iguais e inferiores.

228 | *O mesmo*

Isto não é como um único ato de justiça: é a ação do homem como um todo, afastando-se do mal e voltando-se para o bem, dando as costas para tudo que é oposto à justiça e começando uma jornada na qual ele não pode parar, e deve prosseguir, tornando-se mais e mais justo, descobrindo mais e mais o que a justiça é, e descobrindo mais e mais o que é injusto em si mesmo.

229 | *Imputado para nossa justiça*

Com tal vida e possibilidade nele, ele deve prosseguir, voltando-se para a retidão e abjurando a iniquidade, desejando sempre a justiça de Deus. Tal fé obediente é mais justa e adequadamente — sendo tudo o que Deus mesmo requer do homem — chamada por Deus de justiça no homem. Isso não seria o suficiente para a justiça de Deus, ou Jesus, ou qualquer santo aperfeiçoado, porque eles são capazes de uma justiça perfeita.

230 | *A fé do apóstolo Paulo*

Sua fé foi um ato de reconhecimento de Deus como sua lei, e isto não é um ato parcial, mas uma ação completamente abrangente e determinante. Um simples ato justo para com o próximo dificilmente seria imputado como justiça. Alguém que não esteja buscando a justiça pode mesmo assim praticar muitos atos justos, que não serão esquecidos, mas também não lhe serão imputados como justiça.

231 | *O cristão maduro*

Sua alegria não advém de si mesmo. Ele se alegra consigo mesmo, mas essa alegria vem de outros e não vem de si mesmo — vem primeiramente de Deus, e de qualquer outro, e enfim de todos os demais [...] Ele poderia alegrar-se sem se conhecer, mas não poderia conhecer a si mesmo e poupar um dos irmãos ou irmãs que Deus lhe deu [...] Sua consciência de si mesmo é o reflexo dos que estão ao seu redor e não o resultado de uma mudança na opinião que ele tem a seu próprio respeito. Não é a contemplação daquilo que Deus fez ao criá-lo; é o ser que Deus lhe fez, e a contemplação do que Deus mesmo é, e o que ele fez aos que estão ao seu redor que lhe dá alegria.

232 | *Revelado aos bebezinhos*

O sábio e prudente precisa fazer um sistema e arranjar as coisas em sua mente antes que possa dizer: “Eu creio”. O filho vê, crê, obedece e sabe que precisa ser perfeito, assim como seu Pai no céu é perfeito. Se um anjo que parece ter vindo do céu lhe dissesse que Deus o abandonou, que Deus não requer muito dele, mas que se contentaria com menos [...] o filho reconheceria de imediato, tecido no fulgor estrelado do anjo, o brilho das chamas do inferno.

233 | *Resposta*

“E como Deus vai fazer isto em mim?” Permita-lhe e talvez você ficará sabendo.

234 | *Conhecimento inútil*

Ensinar ao seu intelecto o que tem de ser entendido por todo o seu ser, o que não pode ser entendido sem todo o seu ser, o que não lhe faria nenhum bem a não ser que fosse entendido com todo o seu ser — se este é o lugar de qualquer homem, não é o meu. Que os mortos sepulquem seus mortos e que os mortos ensinem aos seus mortos.

235 | *A arte de ser criado*

Que a paciência tenha sua obra perfeita. Estátua sob o cinzel do escultor, permaneça firme ao receber os golpes do martelo. Argila na roda, permita que os dedos do oleiro divino a modele à vontade. Obedeça à palavra mais leve do Pai: ouça o Irmão que o conhece e morreu por você.

236 | *Quando não o encontramos*

Que tua mão esteja na maçaneta da porta para abri-la quando ele bater pela primeira vez. Se abrires a porta e não o veres, não diga que ele não bateu, mas entenda que ele está lá e quer que tu saias para encontrá-lo. Pode ser que ele tenha algo para você fazer por ele. Vá e faça, e talvez tu irás retornar com uma nova prece, para encontrar uma nova janela em tua alma.

237 | *Oração*

Nunca espere por um tempo ou lugar adequado para falar com ele. Esperar para ir à igreja ou ao teu quarto é fazê-lo esperar. Ele ouvirá enquanto tu andas.

238 | *Sobre as críticas de alguém*

Não dê muita atenção se as pessoas zombarem de você, ou se mentirem a seu respeito, ou se de boa vontade defenderem a sua falta de valor. Não se importe nem se os justos lhe virarem as costas. Apenas cuide para que não seja você a se desviar deles.

239 | *Livre-arbítrio*

Deus deu ao homem a capacidade de contrariar a vontade dele para que por meio dessa mesma capacidade ele possa finalmente fazer essa vontade em um grau e em uma maneira mais elevados que de outro modo lhe seriam possíveis.

240 | *Sobre conversas fúteis*

Que o homem faça o que é certo e não se preocupe com opiniões sem valor. Quanto menos ele prestar atenção nessas conversas, menos difícil será amar o próximo.

241 | *Será que amamos a luz?*

Será que você ama a verdade e a justiça a ponto de acolher, ou, pelo menos, submeter-se de boa vontade à ideia de uma exposição daquilo que está em você, mas que mesmo assim você desconhece, exposição essa que pode resultar na glória da verdade ao envergonhá-lo e humilhá-lo? [...] Você está disposto a se alegrar por estar errado quando você pensou que os outros é que estavam errados?

242 | *Vergonha*

Podemos confiar em Deus quanto ao nosso passado tão animadamente quanto em relação ao nosso futuro. Isto não vai nos ferir a não ser que tentemos esconder as coisas, a não ser que estejamos prontos para curvar nossas cabeças com uma vergonha sincera sempre que for necessário sentir vergonha. Pois estar envergonhado é algo santo e bendito. A vergonha é apenas para os que querem aparecer, não para os que querem ser [...] Estar humildemente envergonhado é mergulhar no banho purificador da verdade.

243 | *O despertar*

Que horror isto não será para um homem vil [...] quando os olhos dele estiverem abertos para ver a si mesmo como o puro o vê, como Deus o vê! Imagine esse homem despertando de uma vez, não apenas para ver os olhos do universo fixos nele com um assombro abominável, mas para ver a si mesmo no exato momento em que aqueles olhos o veem.

244 | *O despertar dos ricos*

É chocante o que as riquezas e uma religião elegante, com a autossuficiência que geram, podem capacitar homens e mulheres a fazerem [...] Para muitos dos ricos religiosos naquele dia a grande revelação condenadora será o comportamento deles para com os pobres com quem eles pensaram que foram muito gentis.

245 | *Autoengano*

Alguém pode abominar algo no abstrato durante anos e depois descobrir que durante todo aquele tempo ele era culpado daquilo. Carregar cuidadosamente algo sob nossa capa esconde de nós a identidade do que carregamos como algo que se apresenta diante de nós no pelourinho público. Muitos lerão isto e concordarão, os que levam engaiolados dentro do peito uma ave comedora de carniça que eles nunca reconheceram ser o que é, porque há pontos de diferença na plumagem desta e da ave que eles chamam por um nome feio.

246 | *Advertência*

“Ó Deus”, pensamos, “quão terrível seria se fosse eu!” Seria terrível também se fosse Judas. E não fiz eu coisas com o mesmo germe, um germe que, trazido à sua perfeição maligna, teria se revelado traiçoeiro como um câncer? Se eu não amar meu próximo como a mim mesmo, eu posso traí-lo um dia. Portanto, sejamos compassivos, humildes e esperançosos para com todos.

247 | *A lenta descida*

Alguém pode afundar em graus tão lentos, que, muito tempo depois de ser um demônio, pode continuar a ser um bom clérigo, um bom dissidente e pensar ser um bom cristão.

248 | *Justiça e vingança*

Uma justiça satisfeita é um evento eterno inevitável, uma vingança satisfeita é uma impossibilidade eterna.

249 | *Reconhecimento de agora em diante*

Nossos amigos nos conhecerão então. Será pela alegria ou pela tristeza deles? O coração deles vai afundar ao contemplarem nossa verdadeira semelhança? Ou eles vão se regozijar ao descobrir que nós não éramos tão culpáveis quanto eles pensavam?

250 | *Desde Dante*

Ter uma parte em qualquer herança terrena é diminuir a parte dos outros herdeiros. Na herança dos santos a parte que se tem aumenta a posse do restante.

251 | *O que Deus quer dizer por “bom”*

“Eles são bons”, isto é, “eles são o que eu quero que sejam”.

252 | *Todas as coisas vêm de Deus*

Todas as coisas são de Deus, não como estando em seu poder — evidentemente —, mas como vindas dele. A própria escuridão se torna luz ao redor dele quando pensamos que ele verdadeiramente a criou, pois não poderia haver escuridão a não ser para a luz.

253 | *Ser absoluto*

Não há palavra para representar o que não é Deus, não há palavra para o *lugar* sem Deus; e como não é, tampouco poderia vir a ser.

254 | *Animais*

Os caminhos de Deus descem a profundidades microscópicas assim como sobem a alturas telescópicas [...] Assim se dá com a mente. Os caminhos de Deus descem a profundidades que ainda não nos foram reveladas. Ele conhece seus cavalos e cães de um modo que não podemos conhecê-los, porque ainda não somos puros filhos de Deus. Quando por intermédio da nossa filiação, tal como Paulo ensina, a redenção desses irmãos e irmãs inferiores acontecer, entenderemos melhor uns aos outros. Mas agora o Senhor da Vida olha para a tortura voluntária de multidões das suas criaturas. Pode ser que a ofensa aconteça, mas aí daquele por meio de quem a ofensa acontece. Pode parecer que o Senhor não está prestando atenção, mas ele vê e sabe.

255 | *Diversidade de almas*

Cada um de nós é algo que o outro não é e, por conseguinte, sabe alguma coisa. Pode ser que alguém não saiba que sabe o que ninguém mais sabe e [...] é tarefa de todos, como membros do reino de luz e herdeiros de tudo, dar a sua parte aos demais.

256 | *O iludido*

Amando apenas o corpo da Verdade, mesmo quando a chamam de mentira, e irrompendo em um queixume piegas sobre as ilusões da vida.

257 | *Mal*

O que vem de mim e não de Deus é o mal, é uma perversão de algo que é de Deus. Tudo que não é da fé é pecado, é um córrego interrompido, um córrego que se separou de sua fonte e pensa que pode correr sem ela.

258 | *A perda da sombra*

Apreendi que não foi apenas a mim mesmo que perdi, mas a minha sombra. Apreendi que é melhor [...] para um homem orgulhoso cair e ser humilhado do que manter sua cabeça erguida em orgulho e inocência fantasiosa. Apreendi que aquele que for um herói dificilmente será um homem, e que aquele que não for nada senão quem faz seu trabalho está seguro quanto à sua masculinidade.

259 | *Amor*

É amando, não sendo amado, que se pode chegar mais perto da alma de alguém.

260 | *Da primavera ao verão*

As aves ficaram silenciosas porque sua história as dominava, fazendo com que transformassem palavras em atos, mantendo os ovos aquecidos e procurando comida.

261 | *A porta para a vida*

Porém a porta para a vida geralmente se abre atrás de nós, e uma mão que nos puxa para trás é estendida. A única sabedoria para um homem ou um menino que é assombrado pelo bater de asas não vistas, com o aroma de rosas não vistas e com as tentativas sutis de “melodias não ouvidas”, é o trabalho. Se ele seguir quaisquer dessas coisas, elas desaparecerão. Mas, se ele trabalhar, elas não serão buscadas.

262 | *Uma religião solitária*

Há um tipo de religião na qual, quanto mais dedicada uma pessoa for, menos prosélitos fará: o culto de si mesma.

263 | *Amor*

O amor faz tudo ser amável. O ódio se concentra naquilo que odeia.

264 | *Um falso método*

Não é afastando nosso irmão que poderemos estar a sós com Deus.

265 | *Assimilação*

Toda impiedade tem a tendência de destruir a individualidade, e as naturezas em declínio a assimilam à medida que afundam.

266 | *Procurando*

“Mas tu *tava* procurando alguém, titia”. — “Não. Eu *tava* só *oiando*”
[...] É esta ideia sem forma de algo que mantém homens e mulheres se esforçando para arrancar do seio do mundo o segredo de suas esperanças. Quão pouco sabem que o que eles procuram na realidade é o Deus deles!

267 | *Progresso*

Para dizer a verdade, eu me sinto bem jovem. Pois antes eu só sabia que é preciso tomar a cruz, mas agora eu sei que é preciso segui-lo.

268 | *Providência*

As pessoas falam em providências especiais. Creio nas providências, mas não na especialidade [...] As assim chamadas providências especiais não são exceções à regra; elas são comuns a todas as pessoas em todos os momentos.

269 | *Simplicidade*

Ele dá mais abundantemente o que é melhor, tal como a razão. Daí a plenitude tranquila da natureza comum, daí conceder o Espírito aos que pedem.

270 | *Perdão*

Orei a Deus para que ele me fizesse [...] como uma rocha que engolisse as ondas erráticas em suas grandes cavernas e que nunca as lançasse de volta para fazer inchar a comoção do mar bravio quando elas viessem. Ah, como seria realmente aniquilar o erro desse jeito, ser capaz de dizer: “Isto não será um erro contra mim, então eu o perdoo completamente!” Mas o fato doloroso se revelará, não menos curioso que doloroso, que é mais difícil perdoar os erros pequenos que os grandes. Mas talvez o perdão dos grandes erros não seja tão verdadeiro quanto parece. Pois não pensamos nós que perdoar esses erros é algo bom e assim o fazemos por nossa própria causa, e não por causa do ofensor? É terrível não ser bom e ter maus caminhos dentro de si.

271 | *Visitantes*

Sempre que possível, diga às pessoas que quando você está ocupado com algo que precisa ser feito, você não pode dividir o tempo com elas, a não ser que elas queiram de você algo que seja ainda mais necessário. Mas diga isso a elas, e não se livre delas usando o meio comumente chamado de “virar as costas”. Esse é um meio iníquo.

272 | *Prosa*

Minha convicção pessoal é que a poesia é de longe muito mais profunda em nós, e que a prosa é apenas uma poesia deficiente, e que, de igual maneira, nossas vidas correspondem a isso [...] Do mesmo modo como algumas pessoas leem poesia de um modo que nenhum mortal diria que aquilo é poesia, algumas pessoas leem as próprias vidas, e outras leem a vida dos outros.

273 | *Integridade*

Eu não favoreceria uma ficção para manter o mundo inteiro fora do inferno. O inferno de que uma mentira poderia manter alguém fora dele é sem dúvida o melhor lugar para ele ir. É a verdade [...] que salva o mundo!

274 | *Contentamento*

Que eu, se possível, seja recebido em meu quarto no inverno por uma lareira brilhante, no verão por um vaso de flores; se eu não puder, que eu pense em quão agradável isso seria, e me afunde no meu trabalho. Não penso que a estrada para o contentamento passe por desprezar o que não temos. Que reconheçamos todo o bem, todo o prazer que o mundo tem, e que estejamos contentes sem isso.

275 | *Pesquisa paranormal*

O Espírito de Deus foi oferecido para que peçam [...], no entanto, recorrem à necromancia e invocam os mortos para pedir-lhes conselho, seguem-no, e um dia descobrirão que Satanás não se esqueceu de como se vestir como um anjo de luz [...] Que religião há em ser convencido de que há um estado futuro? Isso é adorar a Deus? Isto não é mais religião que crer que o sol vai se levantar amanhã é religião. Pode ser uma fonte de felicidade para aqueles que não puderam crer antes, mas isso não é religião.

276 | *O apagamento*

Se ele se agrada em esquecer tudo, então ele pode esquecer. E penso que é isso que ele faz com nossos pecados, isto é, depois de jogá-los para longe de nós, uma vez que estamos completamente limpos deles. Seria horrível se ele se esquecesse dos pecados antes disso.

277 | *A respeito de um capítulo em Isaías*

O poder de Deus é colocado ao lado da fraqueza dos homens, não que ele, o perfeito, possa se vangloriar sobre seus frágeis filhos [...] mas que ele possa dizer: “Vejam, meus filhos, vocês nunca serão fortes com a *minha* força. Não tenho nenhuma outra para dar a vocês”.

278 | *Providência*

E se cremos que Deus está em toda parte, por que não pensaríamos que ele está presente mesmo nas coincidências que algumas vezes parecem ser tão estranhas? Pois, se ele está nas coisas que coincidem, ele deve estar na coincidência dessas coisas.

279 | *Não tem outro jeito*

O Ancião da Terra inclinou-se sobre o chão da caverna, levantou uma pedra imensa e a deixou inclinada. Viu-se um grande buraco que desabou. “Este é o caminho”, disse ele. “Mas não há escadas. Você deve se jogar. Não tem outro jeito.”

280 | *Morte*

“Você provou a morte agora”, disse o Ancião. “Isto é bom?”, disse Mossy. “É melhor do que a vida”. “Não”, disse o Ancião. “Isto é apenas mais vida”.

281 | *Critério de uma visão verdadeira*

Isso fez com que fosse mais provável que ele tivesse tido uma visão verdadeira, pois, em vez de fazer coisas comuns, parecerem lugares-comuns, como uma falsa visão teria feito, isso fez coisas comuns revelarem o maravilhoso que havia nelas.

282 | *Uma razão para o sexo*

Uma das grandes vantagens advindas de ter dois pais é que um equilibra e retifica os movimentos do outro. Ninguém é bom a não ser Deus. Ninguém detém a verdade, ou pode segurá-la em um e no mesmo pensamento, a não ser Deus. Nossa vida humana frequentemente é, no melhor caso, nada mais que uma oscilação entre os extremos que juntos perfazem a verdade.

283 | *Obra fácil*

Você acha que a obra que Deus nos dá nunca é fácil? Jesus diz que seu jugo é suave, seu fardo é leve. As pessoas algumas vezes se recusam a fazer a obra de Deus justamente porque ela é fácil. Isso algumas vezes é porque elas não podem crer que esta obra fácil é de Deus, mas pode ser que haja um orgulho muito mau aí [...] De novo, alguns a aceitam, mas não com inteireza de coração e a realizam desleixadamente. Mas não importa quão fácil qualquer obra seja, esta não poderá ser bem-feita sem que haja uma consideração a respeito. E essas pessoas, em vez de refletirem a respeito de sua obra, geralmente refletem acerca do amanhã, quando nada pode ser feito, assim como no ontem. O Presente Santo!

284 | *Lebensraum*⁸

É apenas nele que a alma tem lugar. Em conhecê-lo a alma tem vida e alegria. Você nunca pode saber o segredo do seu próprio coração, mas você pode conhecer aquele que conhece esse segredo.

285 | *Natureza*

Se as flores não fossem perecíveis, cessaríamos de contemplar sua beleza, ou cegos pela paixão por guardar seus corpos, ou entorpecidos pela falta de sensibilidade dos lugares-comuns que a presença constante delas ocasionaria. Para comparar coisas grandes com pequenas, as flores murcham, as bolhas quebram, as nuvens e os crepúsculos passam. Pela mesma santa razão (no grau de sua aplicação a eles) que o Senhor se afastou de seus discípulos e subiu mais uma vez para seu Pai — para que o Consolador, o Espírito da Verdade, a Alma das coisas, pudesse vir a eles e habitar com eles e assim, o Filho volta, e o Pai é revelado. A flor não é sua beleza, e sua beleza devemos amar, caso contrário vamos tratá-las como crianças que querem colecionar flores, e as pegam cada vez mais, enchem mãos e cestas por um simples desejo de aquisição.

286 | *Para os pais*

Os pais devem respeitar a pessoa espiritual de seu filho, e se aproximar dela com reverência, pois ela também contempla a face do Pai e tem uma audiência com ele na qual nenhum pai terreno poderá entrar mesmo se ousarem desejar isso.

287 | *Entesouramento*

O coração do homem não pode entesourar. Sua mente ou sua mão podem guardar algo em uma caixa, mas no momento em que a coisa foi colocada na caixa, seu coração a perdeu e ele se sente faminto de novo. Se o homem pode ter alguma coisa, é o Doador que tem de ter. [...] Portanto, tudo que ele faz deve ser livre para ir e vir no coração de seu filho. Este pode desfrutar disso apenas enquanto o bem entesourado existir, pode desfrutar apenas a sua vida, sua alma, sua visão, seu significado, não a coisa em si.

288 | *Hoje e ontem*

Contudo a aventura de hoje não foi como a de ontem, ainda que tenha começado igual. De fato, o hoje é com muita frequência parecido com o ontem, se as pessoas puderem notar as diferenças [...] A princesa correu por uma passagem atrás da outra, e não achou a escada da torre. Minha suspeita é que ela não subiu o bastante, e estava procurando no segundo andar em vez de no terceiro.

289 | *Ilusão obstinada*

Ele pulou da cama, assim pensou, e começou a se vestir, mas, para sua consternação, viu que ainda estava deitado. “Agora então eu vou”, disse ele. “Lá vou eu! Estou pronto agora!” Porém, mais uma vez ele se viu confortável na cama. Vinte vezes ele tentou, e vinte vezes fracassou, porque na verdade ele não estava acordado, estava apenas sonhando que estava.

290 | *Posses*

Felizmente, para nossa bem-aventurança, a alegria das posses logo se esvai.

291 | *Perdido nas montanhas*

O medo voltou. Pessoas já morreram de fome nas montanhas, e comecei a preparar minha mente para encontrar o pior. Eu ainda não tinha aprendido que a aproximação de qualquer destino é apenas a preparação para esse destino. Eu me perturbei com a preocupação daquilo que não estava imediatamente sobre mim [...] Estivesse eu menos cansado e menos desfalecido, isso teria parecido menos terrível.

292 | *O nascimento da perseguição*

As palavras de Clara me pareceram muito irreverentes [...] mas eu não sabia o que lhe responder. Quase comecei por não gostar dela, pois frequentemente a incapacidade de defender a fé transforma homens em perseguidores.

293 | *Morte diária*

Morremos diariamente. Felizes são aqueles que também diariamente voltam à vida.

294 | *Quanto à obrigação para consigo mesmo*

“Mas uma pessoa não deve nada para si mesma.” “Nada que eu saiba. Eu não tenho obrigação nenhuma para comigo mesmo. Como poderei me dividir e dizer que uma metade de mim está em dívida para com a outra? Para mim isso é mera figura de linguagem.” “Mas de onde então vem tal imaginação?” “Suspeito que seja de um senso diminuído de uma obrigação real, cujo objeto está equivocado. Suspeito que isso venha realmente da nossa relação com o Deus desconhecido, sentida tão vagamente que uma forma falsa é prontamente aceita como se fosse sua personificação [...]

295 | *Uma teoria do sono*

Pode ser dito do corpo, no que diz respeito ao sono, o mesmo com respeito à morte: “Semeia-se em fraqueza, levanta-se em poder [...]”. Ninguém pode negar o poder que o corpo cansado tem de paralisar a alma, mas eu tenho uma teoria correlata que amo, e espero descobrir que seja verdadeira, a saber, enquanto o corpo cansa a mente, é a mente que restaura o vigor do corpo, e então, assim como a pessoa que construiu em um palácio imponente, ela se alegra em morar nele. Creio que, se há um amor vivo e consciente no coração do universo, a mente, na quietude de sua consciência no sono, entra em um contato menos atribulado com sua origem, o coração da criação, e a partir daí, presenteada com calma e força para si, torna-se capaz de repartir conforto e restauração para o todo que está cansado. A cessação dos labores proporciona a ocasião necessária, torna possível, por assim dizer, para o ocupante de uma estação periférica no deserto voltar para a casa de seu pai para se abastecer com suprimentos frescos [...] A alma-criança vai para casa de noite e volta de manhã para os labores escolares.

296 | *Ociosidade sagrada*

O trabalho nem sempre é exigido do homem. Existe algo como uma ociosidade sagrada, o cultivo da qual em nossos dias é terrivelmente negligenciada.

297 | *A desgraça moderna*

Períodos anteriores da história do mundo em que aquela autoconsciência cega que é a nossa desgraça ainda não estava desenvolvida.

298 | *Imortalidade*

Para algumas mentes o argumento a favor da imortalidade extraído do encolhimento aparentemente universal da aniquilação não deve ser eficiente, pois elas mesmas não se encolhem [...] Se Deus não existe, a aniquilação deve ser desejada com toda a força do desejo, que é a mola principal da ação humana. Em uma palavra, não é a imortalidade que o coração humano busca, aquele pensamento eterno, imortal, cuja vida é a sua vida, cuja sabedoria é a sua sabedoria [...] Dissociar a imortalidade da Imortalidade viva não é algo a ser desejado.

299 | *Oração*

“Oh Deus”, clamei, e isso foi tudo. Mas o que são as orações de todo o universo a não ser a expansão daquele único clamor? A questão não é o que Deus pode nos dar, mas o Deus que queremos.

300 | O eu

Fiquei doente ao ver a mim mesmo. Como poderei me livrar do demônio? Naquele mesmo instante, eu vi a única fuga: devo oferecer meu eu de volta à sua fonte, comprometê-lo com aquele que o criou. Não devo mais viver a partir do meu eu, mas a partir de sua fonte. Não devo buscar saber a respeito dele mais do que o Senhor me deu a conhecer pela sua presença lá [...] Os lampejos de autoconsciência que poderão passar por mim deverão ser dádivas de Deus, não o resultado da minha busca, e devem ser oferecidos novamente a ele em cada novo autossacrifício.

301 | Visões

Uma pessoa pode ter muitas visões e crer em todas elas [...] algo mais é necessário. É preciso ter na alma tal presença de Deus que o Filho do Homem mencionou dizendo: “Se alguém me ama, obedecerá à minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos morada nele”.

302 | *A alma descuidada*

Quanto a qualquer influência dos oficiais públicos de uma religião, uma alma contente pode deslizar por entre eles por toda uma vida longa, desimpedida até o fim, flutuante e evasiva como uma abelha entre pedras de granizo.

303 | *Um jardim antigo*

Ninguém da família jamais tinha se preocupado com ele devido ao seu estilo antigo. Sua preservação se devia simplesmente ao fato de que seu jardineiro fora abençoado com uma falta de inteligência saudável que o tornou incapaz de aprender o que seu pai, que tinha sido jardineiro antes dele, teve uma dificuldade maravilhosa para ensinar-lhe. Não apreciamos nem um pouco os benefícios para a corrida que são provenientes de um embotamento honesto. As pessoas espertas são a ruína de tudo.

304 | *Experiência*

Aqueles que não obtêm experiência são os que se desviam do caminho do Rei por medo de encontrarem o Dever assentado à beira da estrada.

305 | *Dificuldades*

Parece que todas as coisas conspiram para impedir o progresso daqueles que levam a sério o que é direito. Claro que isso é apenas aparência, que surge em parte para que o peregrino sempre seja levado a evitar as vias laterais pelas quais ele está constantemente perambulando.

306 | *Uma palavra difícil*

Há aqueles que em sua primeira busca estão mais próximos do Reino dos Céus do que muitos que por anos acreditam já estar nele. No primeiro grupo, há mais da mente de Jesus, e quando ele os chama, eles o reconhecem de imediato e o seguem, enquanto os outros o examinam dos pés à cabeça e, descobrindo que ele não é suficiente como o Jesus que eles imaginaram, voltam as costas e vão à igreja, à capela ou ao quarto para se ajoelhar diante de uma forma vaga que é uma mistura de tradição e fantasia.

307 | *Truísmos*

Um simples truísmo, certo? Sim, isso mesmo, e que pena; destarte, o que é um truísmo, como muitas consideram truísmos? O que é isso a não ser uma verdade que deveria ter sido sepultada há muito tempo na vida dos homens, enviada para sempre para o canto das ações verdadeiras e o vinho da bondade amorosa — mas, em vez de ser sepultado em bom solo, permitiu-se que se espalhasse e chutasse para lá e para cá no sótão seco e vazio de suas mentes até que estivessem cansados da sua visão e do seu som, e para se livrar desse pensamento, declaram que não se trata de uma verdade viva, mas apenas de um truísmo sem vida? Mesmo assim, esse truísmo deve se agitar na mente deles até que mudem para as câmaras apropriadas em seus corações, onde ele não mais se agitará, mas deitará raízes e será uma força e uma beleza.

308 | *Quanto a pedir conselhos*

Quando as pessoas pedem conselho com muita frequência, elas o fazem na esperança de encontrar o conselheiro do lado do segundo eu familiar delas, em vez do seu terrível primeiro eu, do qual elas conhecem muito pouco.

309 | *Não deixar nenhum resto*

Deve-se lembrar que uma pequena dose de arrogância não deve ser tolerada mais que uma dose grande; antes, deve ser completamente jogada fora.

310 | *Silêncio perante o juiz*

Não pense tanto a respeito do teu pecado a ponto de torná-lo maior ou menor aos teus próprios olhos. Leve-o a Jesus e deixe que ele te mostre quão vil é o pecado. E permita que ele te julgue, sabendo que ele o fará com justiça, não atenuando nada, pois ele tem de purificar-te completamente, e assim não se esquecendo da menor desculpa que possa acobertar o espanto da tua culpa ou o testemunho para ti, que não foi com olhos abertos que tu praticaste aquele ato [...] Porém, mais uma vez eu digo, que seja Cristo que te perdoe. Ele o fará de maneira mais adequada do que tu podes fazer e não prejudicará a tua alma, desculpando-te em demasia.

311 | *Nada é tão mortal*

Nada é tão mortal para o divino quanto o tratamento habitual com o exterior das coisas sagradas.

312 | *Girar e completar*

A única ideia perfeita da vida é uma unidade, autoexistente e criativa. É Deus, o Único. Mas toda a vida, para ser completa como vida, deve corresponder a essa ideia, em sua espécie, e a correspondência humana à autoexistência é que o homem deve girar e completar-se a si mesmo tomando para si a sua Origem, por retroceder e adotar esta Origem em sua própria vontade. É então que terá completado o ciclo por retornar à sua história, e apegando-se à sua Causa, e desejando seu próprio ser na vontade do único Eu Sou.

313 | *Imortalidade*

“Não consigo entender que mal poderia acontecer se nos fosse permitido conhecer um pouco, pelo menos o bastante para nos garantir que há alguma coisa do outro lado.” Apenas isso, os medos deles dissipados, suas esperanças encorajadas a partir de qualquer recanto inferior, os homens iriam (como sempre) se afastar da Fonte para a cisterna da vida [...] Há milhares que se esqueceriam de Deus se lhes fosse assegurado um estado de coisas tolerável além do túmulo, até mesmo como o que vivemos agora é totalmente antecipado do fato de que as dúvidas de tantos com respeito à religião se concentram atualmente na questão da possibilidade de haver vida depois da morte, questão essa que [...] não tem a ver imediatamente com religião. Satisfaça essas pessoas, se puder, para que elas vivam, e o que elas ganham? Talvez um pouco de conforto, mas um conforto que não procede da fonte mais elevada, e possivelmente obtido cedo demais para o bem estar delas. Isto as levará para mais perto de Deus que estavam antes? Ele está preenchendo uma fissura a mais dos corações delas em consequência disso?

314 | *O eterno agora*

A alegria dos animais está no fato de que, no nível inferior deles, eles obscurecem a alegria daqueles — poucos em qualquer momento na terra — que não olham para o antes e o depois nem se lamentam pelo que não existe, mas vivem na santa despreocupação do eterno agora.

315 | *Os silêncios abaixo*

Mesmo os condenados precisam às vezes se tornar conscientes do que são, e então certamente uma calma terrível, ainda que momentânea, recairá sobre as regiões esquecidas.

316 | *Dependência do álcool*

Ainda é uma alma humana, arruinada em meio a tudo que o uísque pode-lhe fazer. Ela clama do poço do inferno. É um homem, enquanto houver o que puder pecar. E a oração da miséria traz sua própria justificação, quando as petições sóbrias dos que se julgam justos e as dos maus são rejeitadas. Aquele que não perdoa nada não é perdoado, e a oração do fariseu é como a batida cansada das ondas do inferno, enquanto o clamor de uma alma saída do seu fogo faz tremer as cordas amorosas do coração.

317 | *Lembrete*

Porém o pardal e a gralha na realidade são igualmente respeitáveis, ainda que não aos olhos da mulher que toma conta da granja, que prefere a galinha poedeira ou o pato aos bichinhos no chão.

318 | *Coisas raras e comuns*

As melhores coisas são as mais comuns, porém os tipos mais elevados e as melhores combinações dessas são os mais raros. Há mais amor no mundo que em qualquer outra coisa, mas o melhor amor e o indivíduo em quem o amor é supremo são as mais raras de todas as coisas.

319 | *Gargalhada sagrada*

É o coração que ainda não está seguro de seu Deus que tem medo de rir na presença dele.

320 | O eu

Inúteis foram a fantasia, por definição, ou o sermão, ou o poema, ou a história, para persuadir uma pessoa a negar-se a si mesma. Esta não poderia se pudesse. Rapidamente a pessoa se esquecerá da presença de dentes rangentes. Não há como nos esquecermos de nós mesmos a não ser na descoberta do nosso eu verdadeiro, mais profundo — a ideia de Deus a nosso respeito quando ele nos projetou — o Cristo em nós. Nada, a não ser esse eu pode desalojar o eu falso, ganancioso e queixoso, que muitos de nós amamos e do qual temos orgulho. E ninguém pode descobrir esse eu apenas por si mesmo [...] “Contudo, aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus.”

321 | *Ou isto, ou aquilo*

De todos os ensinamentos o mais próximo do absurdo é o que apresenta Deus como um ser muito distante. Ou não existe Deus, ou ele está mais perto de cada um de nós que a nossa consciência do eu.

322 | *Oração*

Pensando assim, ela começou a orar ao reflexo fraco e distorcido do Deus que ela tinha em sua mente. Eles somente oram ao Deus real, ao Criador do coração que ora, que conhece a Jesus, seu filho. Se nossas orações fossem ouvidas apenas de acordo com a ideia de Deus que parece que é a quem oramos, quão miseravelmente nossas necessidades infinitas seriam atendidas! Contudo cada clamor honesto, mesmo se dirigido ao ouvido surdo de um ídolo, vai até os ouvidos do Deus desconhecido, ao coração do Pai desconhecido.

323 | *Uma consciência pesada*

Ela ficou profundamente perturbada com o que, por uma imensa falta de cortesia, é chamado de consciência pesada, sendo que na verdade era a consciência cumprindo seu papel tão bem que deixou toda a casa desconfortável.

324 | *Dinheiro*

Ele tinha um grande respeito pelo dinheiro e superestimava seu valor como um meio de fazer até o que ele chamava de bem. Geralmente as pessoas religiosas agem assim.

325 | *Esfregando a cela*

As coisas que saem de um homem é que o contaminam, e para se livrar delas ele deve entrar em contato consigo mesmo, ser um preso condenado e esfregar o chão de sua cela.

326 | *O mistério do mal*

Pessoas medianas ficam chocadas diante da impiedade dos ímpios. Gibbie, que conhecia ambas muito bem, ficava chocado apenas com a iniquidade dos justos. Ele nunca conseguiu entender direito o sr. Sclater: os inconsistentes nunca podem ser entendidos. O homem só é capaz de entender aquilo que tem razão absoluta em si. Há uma perplexidade sobre a própria natureza do mal que só ele, que nos fez capazes do mal para que pudéssemos ser bons, pode compreender.

327 | *Prudência*

Ninguém pode mandar em sua própria vida, pois esta vem flutuando sobre a pessoa por trás [...] O segredo da vida e do desenvolvimento não é inventar e planejar, mas se deixar levar pelas forças em ação — fazer a casa certa a cada momento —, sendo esta a parte que nos cabe no processo, e só deixar fluir (não a vontade, pois esta não existe) a vontade do pensamento eterno para cada um de nós, o que ele tinha como intenção para cada um de nós desde o princípio.

328 | *Competição*

Nenhuma obra nobre ou permanentemente boa pode vir da imitação não mais que da cobiça. Penso que espiritualmente os motivos são os mesmos.

329 | *Método*

Obedecendo aprende-se a obedecer.

330 | *Prudência*

Tivesse ele possuído mais da prudência da serpente [...] talvez ele saberia que tentar muito fazer com que as pessoas sejam boas é uma maneira de fazê-las piores, que a única maneira de fazê-las boas é ser bom — lembrando bem a trave e o argueiro, e que raramente é tempo de falar, e que o tempo de ser nunca termina.

331 | *Como se tornar um tonto*

Naturalmente capaz, ele fez de si mesmo um tonto, pois quando um homem gasta sua energia aparentando ter, ele está o tempo todo destruindo o que tem e, conseqüentemente, destruindo o próprio meio de se tornar o que deseja parecer. Se alcançar seu objetivo, o sucesso dele é o seu castigo.

332 | *Amor*

Ele era [...] alguém que não cometeu o erro comum de confundir a sombra lançada pelo amor, isto é, o desejo de ser amado, com o amor em si. Seu amor era um sol vertical, e sua sombra estava aos seus pés [...] Mas, por outro lado, não me engane confundindo o desejo de ser amado (que em si não é nem errado nem nobre, não mais que a fome não é nem errada nem nobre) com o prazer em ser amado, ser desprovido daquilo que um homem deve perder de maneira incomensuravelmente mais profunda, em um egoísmo maligno, destruidor; sim, diabólico.

333 | *O arrependimento do pregador*

Ó Senhor, tenho me dirigido à multidão.

As rodas do pensamento me circundam como um fogo ardente a rodopiar.

E o recuo da minha palavra produz suave ondulação

Meu coração atento se dilatou e pôs-se a soprar.

Portanto, eu me lanço à tua presença.

Impõe mãos frias sobre minha mente em brasas e seja retirado

Do meu coração fraco o vazio inchado.

334 | Ações

Levar-te-ia, mas não posso forçar
Tua presença — não presumir ajudaria.
Tuas portas são obras.

335 | *Oração*

Minhas orações, meu Deus, fluem do que eu não sou.
Creio que tuas respostas fazem de mim o que eu sou.
Um pensamento se segue a outro, como ondas cansadas.
Mas a profundidade tranquila por debaixo é toda tua.
E lá tu te moves em caminhos que para nós são desconhecidos.
A partir de um conflito estranho tua paz é estranhamente forjada.
Se o leão em nós ora, tu respondes ao cordeiro.

336 | *A casa não é para mim*

A casa não é para mim — é para ele.

Seus pensamentos reais exigem muitas escadarias,

Muitas torres, muitas perspectivas belas

Das quais não tenho a menor ideia.

337 | *Acumulação*

Pode haver uma ganância ímpia nas coisas santas.
Tu deste um vislumbre de muitas coisas amáveis
Que não devem ser guardadas para uso em qualquer mente,
Mas apenas para a atual necessidade espiritual.
O pão mais sagrado, se acumulado, logo dará bichos,
O deus Mamom, o ter orgulho [...]

338 | *A primeira tarefa do dia*

A crosta do eu se forma todo dia em mim.

A cada manhã minha vida deve irromper.

339 | *Ilusão obstinada*

Tem piedade de nós pela aparência das coisas,
Quando a negação em branco nos olha nos olhos.
Apesar de a serpente disfarçada ter mentido antes
Ela fascina a ave.

340 | *Regras de conversa*

Nenhuma palavra minha somente pode abrigar

O eu que corrói o peito de um irmão.

Posso não gostar do fracasso nem encorajar a presunção

Com o sopro do meu aplauso.

341 | *Uma forma negligenciada de justiça*

Não devemos nunca desejar que nossos filhos ou nossos amigos façam o que não faríamos se estivessemos no lugar deles. Devemos aceitar sacrifícios justos e de igual maneira, devemos fazê-los.

342 | *Bem*

“Mas, se um corpo nunca fizer outra coisa a não ser o que ele sabe que é bom, ele teria que viver metade do tempo sem fazer nada.”

“Quão pouco você deve ter pensado! Porque você parece não ver o bem das coisas que está constantemente fazendo. Agora, não me entenda errado. Não estou dizendo que você é boa pessoa por fazê-las. Tomar o café da manhã é uma coisa boa, mas você não imagina que prepará-lo seja uma coisa boa. A coisa é boa; não você [...] Há muito mais coisas boas do que más para serem feitas.”

343 | *Não farás para ti imagem de escultura*

“Você não poderia me dar algum sinal ou me dizer alguma coisa que nunca muda a seu respeito ou outra maneira de conhecer você ou algo por meio do qual eu possa conhecê-lo?” “Não, Curdie: isso seria impedi-lo de me conhecer. Você deve me conhecer de uma maneira totalmente diferente dessa. Não seria bom nem para você nem para mim se eu me fizesse conhecer dessa maneira. Isso seria conhecer um sinal a meu respeito, mas não conhecer a mim mesmo.”

344 | *Como se tornar um tonto*

Um animal não sabe que é um animal, e, quanto mais uma pessoa chega perto de ser um animal, menos ela sabe.

345 | *Nossa insolvência*

Se gastarmos nossas vidas em caridade nunca devemos desprezar alegações negligenciadas — alegações negligenciadas desde o início das relações dos homens.

346 | *Que pena!*

“Se é que alguma vez orei, mãe, certamente não deixei de fazê-lo”.

“Como assim, Ian? Quando você era uma criança você orava como um cristão idoso.” “Ah, que pena, mãe! Eu pedia coisas das quais não precisava. Eu era um hipócrita. Eu deveria ter orado como uma criancinha.”

347 | *Sobre o método*

“Ilan, uma consciência poderá ficar exigente demais?” “A única maneira de descobrir é obedecendo a ela sempre.”

348 | *Desejando*

Ela desejou ser boa algumas vezes, mas há milhares de fantasmas errantes que seriam bons se pudessem sê-lo sem ter problemas. O tipo de bondade que eles desejam não vale a pena ser vivido.

349 | *Temor*

Até que se tenha amor, é melhor ter temor. Enquanto houver animais selvagens por aí, é melhor ter medo que estar seguro.

350 | *A raiz de toda rebelião*

É porque não estamos próximos o bastante de ti para partilhar de tua liberdade que queremos uma liberdade nossa que seja diferente da tua.

351 | *Duas jovens tolas*

Elas tiveram uma sensação, ou uma sensação as teve, até que outra sensação chegasse e tomasse o lugar daquela. Quando havia uma sensação, sentiam que esta nunca passaria, mas, quando passou, sentiram como se ela nunca tivesse existido. Quando a sensação voltava, sentiam como se ela nunca tivesse acabado.

352 | *Hospitalidade*

Tenho orgulho de uma raça cujas relações sociais são as últimas sobre as quais se retraem, cujo último prazer ao qual sucumbem é sua hospitalidade. É uma impressão comum que apenas os ricos têm o direito de ser hospiteiros. A flor ideal da hospitalidade é quase desconhecida dos ricos. Essa flor dificilmente cresce, a não ser no jardim dos pobres. Essa é uma das bem-aventuranças deles.

353 | *Tédio*

Não é apenas o demônio expulso que perambula buscando descanso, mas também muitas almas, em números cada vez maiores. O mundo e o Hades estão lotados deles. Eles esperam um repouso que não seja mera cessação do trabalho. Há um descanso positivo, ativo. Mercy estava apenas começando a buscá-lo, e isso sem saber que era o que ela precisava. Ian buscou em silêncio com Deus, e Mercy, em relacionamentos crepitantes com os seus iguais. Naturalmente predisposta a cair na melancolia, mas saudável o bastante para evitá-la, ela tinha pressa em qualquer coisa que fizesse, não para evitar ficar pensando, pois ela mal tinha começado a pensar, mas sim para fugir daquela sensação pesada de não existência, aquele desejo cansado e inquieto que é a única forma que a vida pode assumir para os que ainda não vivem.

354 | *Calculando o custo*

Algumas vezes fico quase aterrorizado com a abrangência das exigências que me são feitas, com a perfeição do autoabandono que me é exigido, mas fora de tal absoluto não pode haver salvação. Em Deus nós vivemos cada lugar-comum e também cada momento exaltado do nosso ser. Confiar nele quando nenhuma necessidade nos pressiona, quando as coisas parecem estar dando certo por si mesmas, pode ser mais difícil do que confiar quando parece que as coisas estão dando errado.

355 | *Realismo*

É quando estamos mais conscientes de que há um fato nas coisas que estamos mais conscientes da nossa carência de Deus e mais capazes de confiar nele [...] O reconhecimento da realidade inexorável sob qualquer forma tem a tendência de despertar a alma para o que é ainda mais real, para seu relacionamento com uma existência superior e mais profunda. Não é só para o histérico que um balde de água é bom. Todos que sonham com a vida em vez de vivê-la precisam de um choque semelhante.

356 | *Avareza*

“Você já pensou sobre a origem da palavra ‘avareza’?” “Não”. “Ela vem — é o que me parece — da mesma raiz que o verbo ‘ter’. É o desejo de chamar as *coisas* de nossas, o desejo de ter a companhia do que não é da nossa própria espécie, companhia de um tipo tal que, se fosse pequeno o bastante, você colocaria em seu bolso e levaria consigo. Chamamos de ‘ter’ o que guardamos na mão, ou a casa, ou o bolso, ou o poder, mas as coisas guardadas na verdade não podem ser *possuídas*. De fato, ‘ter’ é uma ilusão com relação às ‘coisas’. É apenas o que podemos ser *com* aquilo que realmente possuímos, isto é, o que é da nossa própria espécie, de Deus ao animal mais inferior participante da humanidade.”

357 | *Armadilha para pegar lagosta*

Ela não aprendera que a aparência das coisas na ida não é a mesma na volta, que com a sua atitude o humor delas terá sido alterado. A natureza é como uma armadilha para pegar lagosta: ela permite que você entre com facilidade, mas voltar não é tão fácil.

358 | *A primeira visita*

Em todo tempo era Deus perto dela que a fazia infeliz. Pois o Filho do Homem não veio trazer paz à terra, mas espada, por isso, a primeira visita de Deus à alma humana é geralmente em uma nuvem de medo e dúvida, a qual sobe da própria alma quando ele se aproxima. O sol repele a nuvem, mas mesmo assim ele precisa olhar através do nevoeiro se fosse visitar a terra.

359 | *Lembrete*

Reclamar de Deus é estar mais próximo dele que ser-lhe indiferente.

360 | *O caminho errado com a ansiedade*

Ele esteve ocupado durante toda a manhã [...] com seu coração tentando contentá-lo antecipadamente com qualquer destino que o Senhor tivesse para ele. Mesmo assim ele era mais um filósofo cristão que um cristão filosófico. A coisa mais desapontadora para ele seria tratada por ele como se fosse a vontade de Deus para consigo, e tentar se decidir, convencendo a si mesmo de que aquela era a coisa certa e a melhor a fazer, como se ele conhecesse (qual é) a vontade de Deus. Dessa maneira, ele estava trabalhando na região da suposição, e não do dever revelado, trabalhando em sua própria imaginação, e não na vontade de Deus [...] Existe alguma coisa na própria presença e atualidade de uma coisa que faz com que seja possível suportá-la, mas alguém pode se enfraquecer por suportar o que Deus pretende que suporte, por tentar suportar o que Deus não pretende que ele suporte [...] Não temos o direito de ensinarmos a nós mesmos um dever imaginário. Quando não sabemos, então o que ele impõe sobre nós é o não saber.

361 | *Impasse*

Com frequência não somos capazes de dizer às pessoas o que elas precisam saber, porque elas querem saber outra coisa.

362 | *Solidão*

Comecei a aprender que era impossível viver para si mesmo, a não ser na presença dos outros. Aí então, ai de mim, é terrivelmente possível. O mal só se dá por meio do bem. O egoísmo não passa de um parasita na árvore da vida.

363 | *Morte*

Você estará morto enquanto se recusar a morrer.

364 | *O mistério do mal*

As trevas não conhecem nem a luz nem a si mesmas. Apenas a luz conhece as trevas e também a si mesma. Ninguém, a não ser Deus, odeia o mal e o compreende.

365 | O último recurso

“Lilith”, disse Mara, “você não vai dormir, caso se deite lá por mil anos, até que você abra a mão e ceda aquilo que não é seu nem para dar nem para reter”. “Não posso”, respondeu ela. “Eu o faria se pudesse, pois estou cansada e as sombras da morte estão ao meu redor.” “Elas vão aumentar cada vez mais, mas não poderão dobrá-la enquanto a sua mão estiver fechada. Você pode pensar que está morta, mas será apenas um sonho. Abra sua mão, e aí você vai dormir de verdade e vai acordar de verdade”. “Estou tentando, mas os dedos cresceram para dentro da palma da mão.” “Espero que você use sua força de vontade. Pelo amor da vida, reúna suas forças e quebre estes vínculos!”

A princesa virou seus olhos para Eva, implorando. “Uma vez eu vi uma espada nas mãos do seu marido”, murmurou. “Eu fugi quando a vi. Eu o ouvi dizer, ele que a usava, que ela dividiria qualquer coisa que não fosse única e indivisível.” “Eu tenho a espada”, disse Adão. “O anjo a deu para mim quando ele saiu de perto do portão.” “Traga-a, Adão”, pediu Lilith, “e corte a minha mão para que eu possa dormir”. “Eu o farei”, respondeu ele.

¹ A fonte desta e das próximas citações está em “Fontes”, com início na página 197.

² A palavra latina *Fiat* — “Faça-se” é usada por MacDonald no original [N. T.].

³ O xelim era uma divisão da libra esterlina, a unidade monetária britânica, na época de George MacDonald [N. T.].

⁴ Possível alusão à Habacuque 2:2 [N. E.].

⁵ *Tofete* significa “lugar da chama” em hebraico, e é um lugar citado algumas vezes na Bíblia como situado no Vale de Hinom, não muito distante de Jerusalém. Lá foram realizados sacrifícios humanos em rituais de adoração de divindades cananeias [N. T.].

⁶ A expressão latina *Ipsissima Verba* usada por MacDonald no original significa literalmente

“as próprias palavras” e é um termo técnico nos estudos bíblicos para se referir às palavras que foram pronunciadas pelo Jesus histórico [N. T.].

⁷ A expressão francesa *raison d'être* usada por MacDonald no original significa “razão de ser” [N. T.].

⁸ MacDonald usa a palavra alemã *Lebensraum* no original, que significa “espaço vital” ou “habitat” [N. T.].



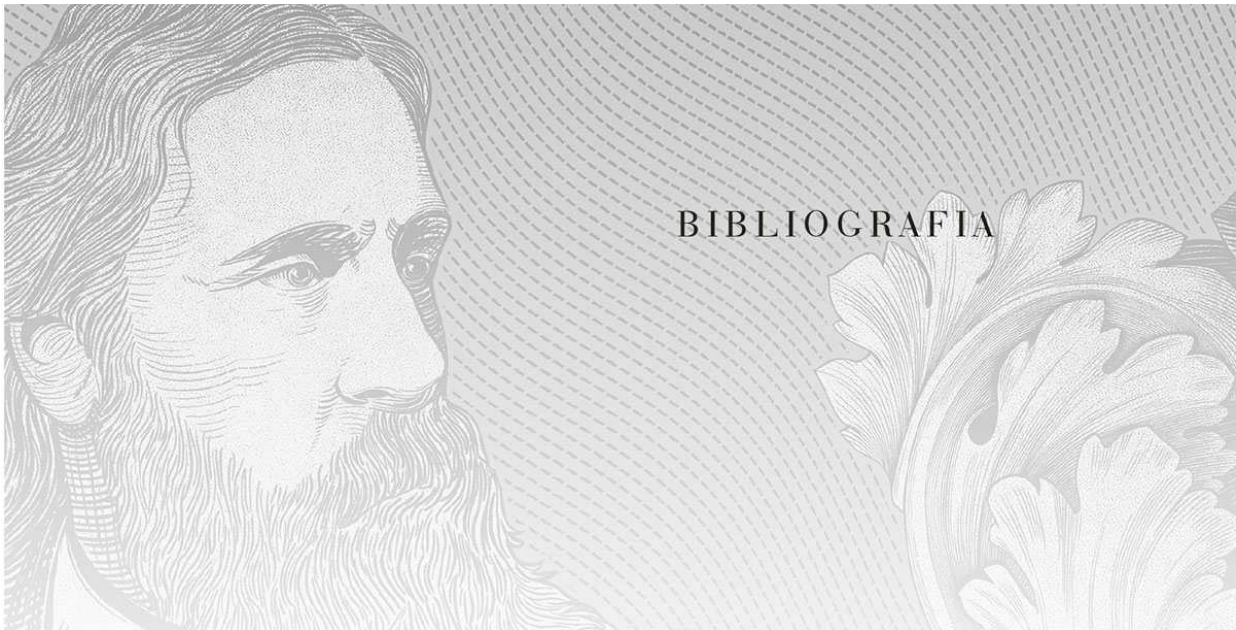
- 1 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Child in the Mist*
2—9 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Consuming Fire*
10 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Higher Faith*
11—13 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *It Shall Not Be Forgiven*
14—21 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The New Name*
22—24 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Heart with the Treasure*
25—30 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Temptation in the Wilderness*
31—39 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Eloi*
40—42 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The Hands of the Father*
43—49 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *Love Thy Neighbour*
50—51 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *Love Thine Enemy*
52 UNSPOKEN SERMONS, First Series, *The God of the Living*]
53—62 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Way*
63—71 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Hardness of the Way*
72—84 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Cause of Spiritual Stupidity*
85—95 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Word of Jesus on Prayer*
96—107 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *Man's Difficulty Concerning Prayer*
108—118 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Last Farthing*
119—126 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *Abba, Father!*
127—141 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *Life*
142—147 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Fear of God*
148—154 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Voice of Job*

155—164 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *Self-Denial*
165—167 UNSPOKEN SERMONS, Second Series, *The Truth in Jesus sources*
168—177 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Creation in Christ*
178—180 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Knowing of the Son*
181—183 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Mirrors of the Lord*
184—199 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Truth*
200—202 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *Freedom*
203—206 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *Kingship*
207—215 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *Justice*
216—219 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *Light*
220—223 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Displeasure of Jesus*
224—238 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *Righteousness*
239—249 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Final Unmasking*
250—257 UNSPOKEN SERMONS, Third Series, *The Inheritance*
258 *Phantastes*, Capítulo 22
259 *Phantastes*, Capítulo
260 *Alec Forbes*, Volume I, Capítulo 32
261 *Alec Forbes*, Volume I, Capítulo 33
262 *Alec Forbes*, Volume II, Capítulo 1
263 *Alec Forbes*, Volume II, Capítulo 10
264 *Alec Forbes*, Volume II, Capítulo 12
265 *Alec Forbes*, Volume III, Capítulo 4
266 *Alec Forbes*, Volume III, Capítulo 26
267—268 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 1
269 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 3
270—271 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 5
272 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 7
273 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 9
274 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 11
275 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 15
276 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 28
277—278 *Annals of a Quiet Neighbourhood*, Capítulo 30
279—280 *The Golden Key sources* 174
281 *The Shadows*
282 *The Seaboard Parish*, Capítulo 2

283 *The Seaboard Parish*, Capítulo 3
284 *The Seaboard Parish*, Capítulo 13
285 *The Seaboard Parish*, Capítulo 19
286 *The Seaboard Parish*, Capítulo 23
287 *The Seaboard Parish*, Capítulo 32
288 *The Princess and the Goblin*, Capítulo 5
289 *The Princess and the Goblin*, Capítulo 27
290 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 11
291 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 17
292 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 18
293 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 22
294 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 42
295 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 48
296 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 55
297 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 57
298 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 58
299—300 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 59
301 *Wilfred Cumbermede*, Capítulo 60
302—303 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 7
304 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 17
305—306 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 36
307 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 39
308 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 54
309 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 66
310 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 67
311 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 74
312 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 76
313 *Thomas Wingfold, Curate*, Capítulo 94
314—315 *Sir Gibbie*, Capítulo 2
316 *Sir Gibbie*, Capítulo 6
317 *Sir Gibbie*, Capítulo 7
318 *Sir Gibbie*, Capítulo 8
319 *Sir Gibbie*, Capítulo 23
320 *Sir Gibbie*, Capítulo 24
321 *Sir Gibbie*, Capítulo 25

322 *Sir Gibbie*, Capítulo 29
323 *Sir Gibbie*, Capítulo 37
324 *Sir Gibbie*, Capítulo 39
325 *Sir Gibbie*, Capítulo 40
326 *Sir Gibbie*, Capítulo 41
327—328 *Sir Gibbie*, Capítulo 44
329—330 *Sir Gibbie*, Capítulo 47
331 *Sir Gibbie*, Capítulo 50
332 *Sir Gibbie*, Capítulo 59
333 *Diary of an Old Soul*, January 31
334 *Diary of an Old Soul*, May 16
335 *Diary of an Old Soul*, May 26
336 *Diary of an Old Soul*, July 16
337 *Diary of an Old Soul*, August 7
338 *Diary of an Old Soul*, October 10
339 *Diary of an Old Soul*, November 3
340 *Diary of an Old Soul*, November 9
341 *The Princess and the Curdie*, Capítulo 1
342 *The Princess and the Curdie*, Capítulo 3
343 *The Princess and the Curdie*, Capítulo 7
344 *The Princess and the Curdie*, Capítulo 8
345 *What's Mine's Mine*, Capítulo 5
346 *What's Mine's Mine*, Capítulo 7
347 *What's Mine's Mine*, Capítulo 9
348—349 *What's Mine's Mine*, Capítulo 11
350 *What's Mine's Mine*, Capítulo 15
351—352 *What's Mine's Mine*, Capítulo 16
353 *What's Mine's Mine*, Capítulo 17
354 *What's Mine's Mine*, Capítulo 22
355 *What's Mine's Mine*, Capítulo 30
356 *What's Mine's Mine*, Capítulo 32
357—358 *What's Mine's Mine*, Capítulo 33
359 *What's Mine's Mine*, Capítulo 39
360 *What's Mine's Mine*, Capítulo 41

361 *Lilith*, Capítulo 9
362 *Lilith*, Capítulo 16
363 *Lilith*, Capítulo 31
364 *Lilith*, Capítulo 39
365 *Lilith*, Capítulo 40



BIBLIOGRAFIA

Within and Without, a Poem 1855

Poems 1857

Phantastes: A Faerie Romance for Men and Women 1858

David Elginbrod. 3 vols. 1863

Adela Cathcart. 3 vols. 1864

The Portent: A story of the Inner Vision of the Highlanders Commonly Called the Second Sight 1864

Alec Forbes of Howglen. 3 vols. 1865

Annals of a Quiet Neighbourhood. 3 vols. 1867

Dealings with the Fairies 1867

The Disciple and Other Poems 1867

Unspoken Sermons. Primeira Série 1867

Segunda Série 1885

Terceira Série 1889

Guild Court. 3 vols. 1868

Robert Falconer. 3 vols. 1868

The Seaboard Parish. 3 vols. 1868

The Miracles of Our Lord. 1 vol. 1870

At the Back of the North Wind 1871

Ranald Bannerman's Boyhood 1871

Works of Fancy and Imagination (principalmente reimpressões). 10 vols. 1871

The Princess and the Goblin 1872
The Vicar's Daughter. 3 vols. 1872
Wilfrid Cumbermede. 3 vols. 1872
Gutta Percha Willie: The Working Genius 1873
England's Antiphon 1874
Malcolm. 3 vols. 1875
The Wise Woman, a Parable 1875
Thomas Wingfold, Curate. 3 vols. 1876
St. George and St. Michael. 3 vols. 1876
Exotics: A Translation (in verse) of the Spiritual Songs of Novalis, the Hymn Book of Luther and Other Poems from the German and Italian 1876
The Marquis of Lossie. 3 vols. 1877
Sir Gibbie. 3 vols. 1879
Paul Faber, Surgeon. 3 vols. 1879
A Book of Strife in the Form of the Diary of an Old Soul 1880
Mary Marston. 3 vols. 1881
Castle Warlock, a Homely Romance. 3 vols. 1882
Weighed and Wanting. 3 vols. 1882
The Gifts of the Christ Child, and Other Tales. 2 vols. 1882
 (Posteriormente publicado sob o título de *Stephen Archer and Other Tales*. 1 vol. n.d. Orts 1882 Donal Grant. 3 vols. 1883)
A Threefold Cord. Poems by Three Friends, ed. George MacDonald 1883
The Princess and Curdie 1883
The Tragedie of Hamlet — com estudo do texto do fólio de 1623 1885
What's Mine's Mine. 3 vols. 1886
Home Again, a Tale. 1 vol. 1887
The Elect Lady. 1 vol. 1888
Cross Purposes, and The Shadows: Two Fairy Stories (reimpressão de *Dealings with the Fairies*) 1886
A Rough Shaking, a Tale 1890
The Light Princess and Other Fairy Stories (reimpressão de *Dealings with the Fairies*) 1890
There and Back. 3 vols. 1891
The Flight of the Shadow. 1 vol. 1891
A Cabinet of Gems, cut and polished by Sir Philip Sidney, now for their more radiance presented without their setting by George MacDonald 1891

The Hope of the Gospel 1892

Works of Fancy and Imagination (principalmente reimpressões). 10 vols. 1871

The Princess and the Goblin 1872

Heather and Snow. 2 vols. 1893

Lilith, a Romance. 1 vol. 1895

Rampolli: Growths from a Long-planted Root, being translations chiefly from the German, along with A Year's Diary of an Old Soul (poemas) 1897

Salted with Fire, a Tale. 1 vol. 1897

Poetical Works of George MacDonald. 2 vols. 1893

The Portent and Other Stories (reimpressão) n.d.

Fairy Tales of George MacDonald (reimpressão) 1904

Scotch Songs and Ballads (reimpressão) 1893

George MacDonald

Outros livros de C. S. Lewis pela
THOMAS NELSON BRASIL

A abolição do homem
A última noite do mundo
Cartas a Malcolm
Cartas de um diabo a seu aprendiz
Cristianismo puro e simples
Deus no banco dos réus
O assunto do Céu
O grande divórcio
Os quatro amores
O peso da glória
Reflexões cristãs
Sobre histórias
Todo meu caminho diante de mim
Um experimento em crítica literária

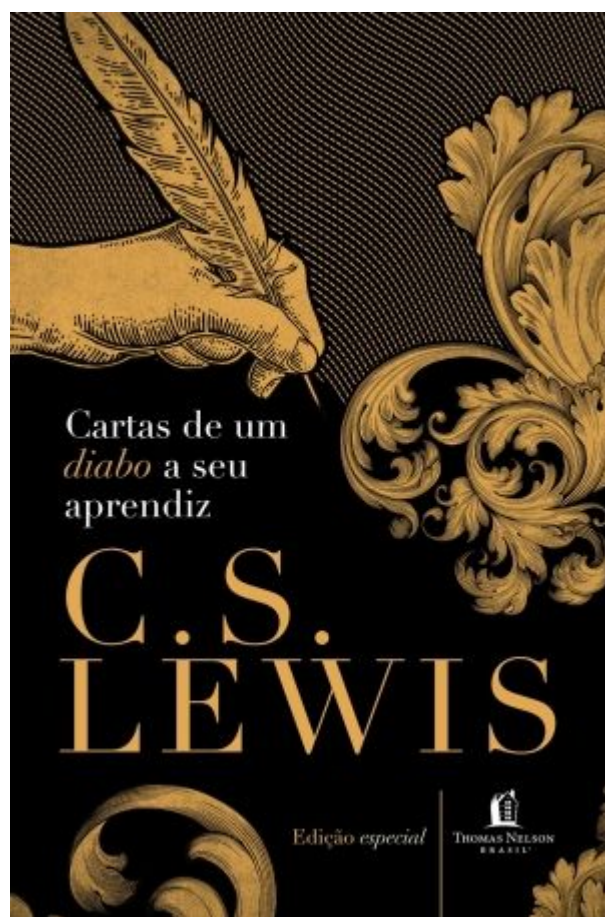
Trilogia Cósmica

Além do planeta silencioso
Perelandra
Aquela fortaleza medonha

Coleção fundamentos

Como cultivar uma vida de leitura
Como orar
Como ser cristão

George MacDonald (1824—1905) foi um gigante intelectual e pioneiro da literatura fantástica moderna. Seus textos influenciaram grandes nomes do final do século XIX e início do século XX, como J.R.R. Tolkien, G.K. Chesterton, Lewis Carroll, W.H. Auden e, claro, C.S. Lewis, que o considerava o seu grande mestre. Lewis, aliás, declarou que tudo o que escreveu foi influenciado por George MacDonald. De acordo com o próprio Lewis, “difícilmente exista qualquer outro escritor que pareça estar mais próximo, ou mais próximo sem cessar, do próprio Espírito de Cristo”. Assinando o prefácio e selecionando os textos mais marcantes de MacDonald, Lewis nos apresenta esses tesouros extraordinários na forma de uma antologia com 365 reflexões diárias. Variando de “Amor inexorável” a “O tormento da morte”, os escritos de MacDonald serviram de instrução e inspiração para o autor que dá nome a esta coleção, e continuam a inspirar ainda hoje.



Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.

9788578607265

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual.

Cartas de um diabo a seu aprendiz é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

[Compre agora e leia](#)



O grande divórcio

Lewis, C.S.

9786556891125

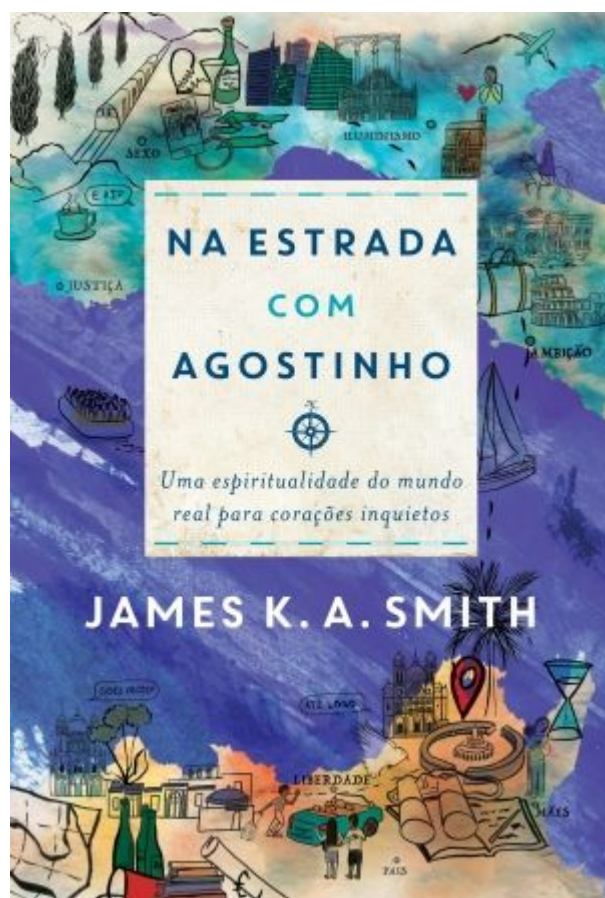
160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O romance atemporal sobre uma viagem de ônibus do Inferno para o Céu. Em O grande divórcio, C. S. Lewis novamente emprega seu formidável talento para fábulas e alegorias. O escritor se encontra no Inferno embarcando em um ônibus com destino ao Paraíso. A incrível oportunidade é que, quem quiser ficar no Céu, fica. Este é o ponto de partida para uma meditação extraordinária sobre o bem e o mal, a graça e o julgamento. A ideia revolucionária de Lewis é a descoberta de que os portões do Inferno estão trancados por dentro. Nas próprias palavras de Lewis, "Se insistirmos em manter o Inferno (ou mesmo a terra), não veremos o Céu: se aceitarmos o Céu, não seremos capazes de reter nem mesmo as menores e mais íntimas lembranças do Inferno." "Eu li Lewis para conforto e prazer muitos anos atrás, e uma olhada nos livros reaviva minha antiga admiração." - John Updike "Se sagacidade e sabedoria, estilo e erudição são requisitos para passar pelos portões de pérolas, o Sr. Lewis estará entre os anjos." - The New Yorker "C.S. Lewis é o persuasor ideal para os que estão em dúvida, para o homem bom que gostaria de ser um cristão, mas percebe seu intelecto atrapalhando." - New York Time Book Review "Lewis, talvez mais do que qualquer outro escritor do século XX, forçou aqueles que o

ouviam e liam suas obras a confrontarem suas próprias pressuposições filosóficas." - Los Angeles Times

[Compre agora e leia](#)



Na estrada com Agostinho

Smith, James K. A.

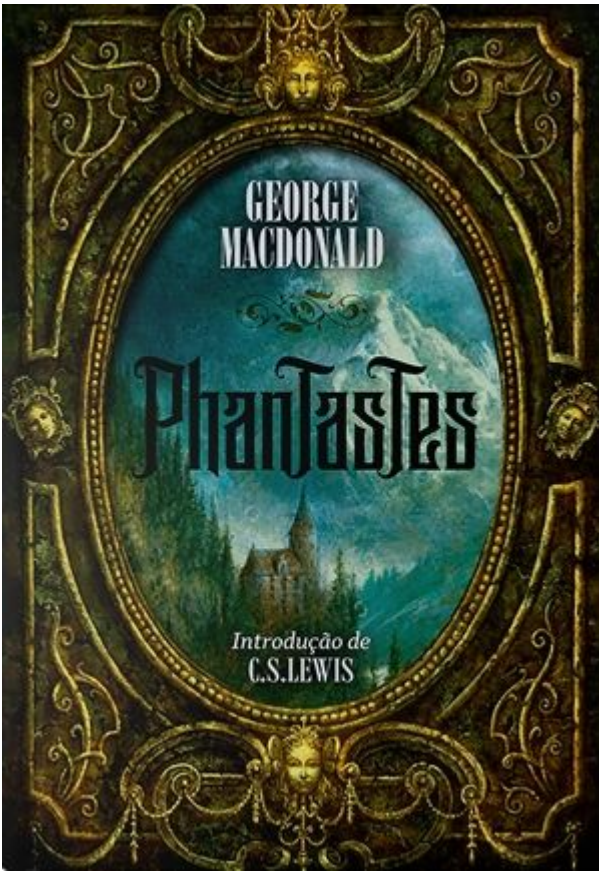
9786556890173

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agostinho para inquietos Não se trata de um livro sobre Agostinho. De certa forma, é um livro que Agostinho escreveu sobre cada um de nós. Agostinho passou a vida buscando um lar para sua alma. Nessa trajetória, passou a conhecer como ninguém a natureza humana com seus medos e desejos, frustrações e esperanças. Um peregrino espiritual, ele se tornou também um guia para os corações inquietos, pois sentiu na pele a angústia e a incerteza da procura por respostas. Esse monge e filósofo fez as perguntas que todos querem fazer, e conheceu o sucesso e a frustração que vêm com a caminhada. Inspirado pelas meditações do grande pensador cristão, James K.A. Smith produziu um livro carregado de leveza e energia próprias de uma conversa entre amigos. Direcionada para crentes e céticos, a obra mostra como a sabedoria atemporal de Agostinho dialoga com as preocupações e as adversidades do mundo contemporâneo, abarcando tópicos como ambição, sexo, amizade, liberdade e até a morte. Tudo isso faz de Na estrada com Agostinho um autêntico convite para uma jornada de descobertas, começando em seu coração.

[Compre agora e leia](#)



Phantastes

MacDonald, George

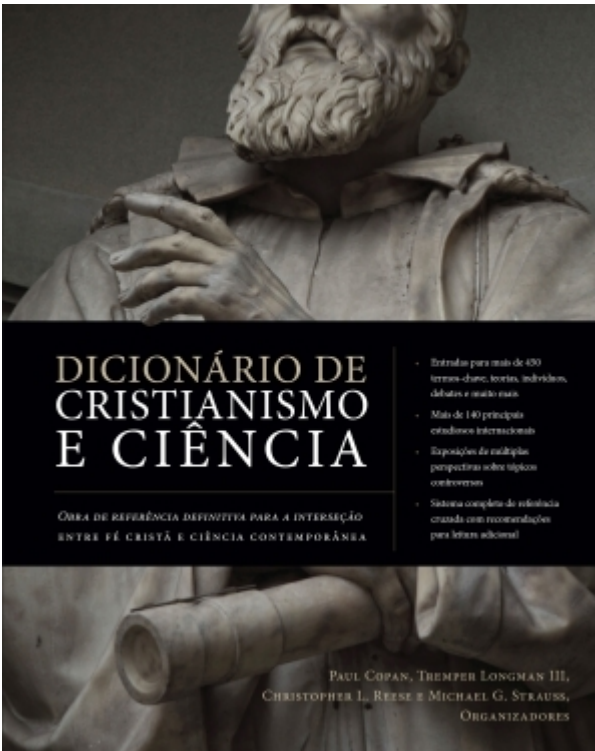
9786556891163

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

O pai da Fantasia moderna "Ouvi dizer que, para os que entram no Reino das Fadas, não há volta. Devem continuar e atravessá-lo. Como, eu não faço a menor ideia." A obra de fantasia clássica que influenciou C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien, considerada uma das obras mais importantes de George MacDonald, é a história do jovem Anodos e suas aventuras no reino das fadas que, em última análise, revelam a condição humana. "Escrevo não para crianças", disse George MacDonald, "mas para crianças, sejam elas de cinco, cinquenta ou setenta e cinco anos". Tudo escrito com um capricho inocente e um anseio cheio de alma, o coração da jornada de Anodos através do Reino das Fadas revela uma busca espiritual que requer uma entrega de si mesmo. "Nunca escondi o fato de que o considerava meu mestre; na verdade, imagino nunca ter escrito um livro em que não fizesse nenhuma citação dele." – C.S. Lewis "George MacDonald [...] [criou] histórias de poder e beleza." – J.R.R. Tolkien "Certamente, George MacDonald é o avô de todos nós que lutamos para chegar a um acordo com a verdade por meio da fantasia." – Madeleine L. Engle

[Compre agora e leia](#)



Dicionário de Cristianismo e Ciência

Thomas Nelson Brasil

9788578609429

704 páginas

[Compre agora e leia](#)

OBTENHA RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS DIFÍCEIS
ENVOLVENDO FÉ E CIÊNCIA

Adão e Eva • A idade da Terra • Mudança climática • Evolução • Registro fóssil • Dilúvio de Noé • Milagres • Cosmologia • Teoria do *Big Bang* • Bioética • Darwinismo • Morte • Vida extraterrestre • Multiverso • Teoria das cordas • e muito, muito mais...

Qual é a relação entre cristianismo e ciência? Como a teologia cristã se relaciona com a investigação científica? Quais são as filosofias concorrentes da ciência, e elas "trabalham" com uma fé cristã baseada na Bíblia?

Nenhuma obra de referência cobriu esse terreno suficientemente — até agora. Em um volume, você terá acesso instantâneo a mais de 450 conceitos cruciais na interação contínua entre ciência, filosofia, teologia, história e fé cristã.

ELEMENTOS CONTIDOS NESTE DICIONÁRIO

- Entradas para mais de 450 termos-chave, teorias, indivíduos, debates e muito mais irão ajudá-lo a pensar em algumas dos tópicos mais desafiadores da atualidade, incluindo mudanças climáticas, evolução, bioética e muito mais.

- Ensaios de mais de 140 principais estudiosos internacionais, incluindo Francis Beckwith, Michael Behe, Darrell Bock, William Lane Craig, James Hannam, Rodney Holder, Hugh Ross, Craig Keener, J.P. Moreland, Davis Young e John Walton.
- Exposições de múltiplas perspectivas sobre tópicos controversos permitem que você entenda e compare os pontos de vista.
- Subsídios sobre personagens que moldaram a interação entre ciência e religião — Agostinho, Aquino, Bacon, Darwin e Stephen Hawking são apenas o começo.
- Sistema completo de referência cruzada, e os verbetes incluem referências e recomendações para leitura adicional.

Paul Copan (PhD, Marquette University) é teólogo cristão, filósofo analítico, apologista e escritor; é professor da cátedra Família Pladger de Filosofia e Ética na Palm Beach Atlantic University, em West Palm Beach, Flórida.

Tremper Longman III (PhD, Universidade de Yale) é professor da cátedra Robert H. Gundry de Estudos Bíblicos na Westmont College em Santa Bárbara, Califórnia.

Christopher L. Reese (Mestre em Teologia pela Talbot School of Theology) é escritor, editor e estudioso independente; é cofundador da Christian Apologetics Alliance.

Michael G. Strauss (PhD, Universidade da Califórnia, Los Angeles) é professor da cátedra David Ross Boyd de Física na Universidade de Oklahoma, em Norman, Oklahoma.

[Compre agora e leia](#)